COLEÇÃO ZIGUEZAGUE
ELES HERDARÃO A TERRA
DINAH SILVEIRA DE QUEIROZ
1ª ONDA
PLUTÃO

COLEÇÃO

ZIGUE

ZAGUE

ELES HERDARÃO A TERRA
(e outros contos absurdos)

DINAH SILVEIRA DE QUEIROZ

prefácio
ANA RÜSCHE

COLEÇÃO
ZIGUE
ZAGUE

PLUTÃO

SUMÁRIO

Prefácio à coleção

Carta a um incerto amigo

Antecipação
A Universidade Marciana
O Carioca
Eles herdarão a Terra

Cotidiano
Partido Nacional

Sobrenatural
A mão direita

Autora
Créditos

A história da ficção científica brasileira é comumente dividida em períodos conhecidos como “ondas”.

A COLEÇÃO ZIGUEZAGUE atravessa o tempo celebrando e resgatando a produção nacional de FC, reunindo obras das três ondas da nossa literatura.

ELES HERDARÃO A TERRA

faz parte da primeira onda.

PREFÁCIO À COLEÇÃO
EM MARES PROFUNDOS: PASSADO E PRESENTE DA FICÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA

ANA RÜSCHE

A COLEÇÃO ZIGUEZAGUE faz um convite entusiasmado: celebrar a ficção científica brasileira. Esse movimento corajoso inaugura a nova década do século XXI, ressaltando uma literatura que enfatiza os usos possíveis da tecnologia e reflete a respeito das decorrências de alterações técnicas em nosso cotidiano, promovendo uma análise sobre questões éticas, morais e sociais.

Há um efeito didático na própria forma escolhida — uma coleção, uma série —, pois a própria ideia de sequência incentiva que nos aventuremos por páginas ainda desconhecidas, ao mesmo tempo que nos convida ao prazer de ler histórias que já conhecemos. Dispor lado a lado as obras permite ainda que façamos ligações e interpretações cruzadas entre os livros até então improváveis. O que Machado de Assis poderia sussurrar a Waldson Souza? Quais reflexões causam a leitura de um livro de Anna Fagundes Martino seguida de Finisia Fideli?

O momento atual para que a coleção venha à tona é singular. Passados vinte anos do "ponto de virada", convenção para se considerar o marco da popularização da internet, observamos um panorama muito diferente ao previsto para o Brasil. Diferente das conjecturas otimistas do início do século, não vimos uma maior democratização a partir da ampliação das formas de se comunicar, fabricar e mercantilizar produtos. Hoje, os ventos autoritários voltam a assolar a planície histórica brasileira.

De maneira global, a transparência e ampliação democrática também parecem sonhos vencidos — corporações gigantescas, a exemplo Amazon e Google, transformaram-se em caixas-fortes, cujos algoritmos e valores são inacessíveis a quem

está do lado de fora da fortificação. Ao contrário, a privacidade e os hábitos cotidianos nunca foram tão devassados, metrificados e processados para resultarem no petróleo refinado dos dados, combustível para os mais diferentes usos da indústria de bens de consumo.

No Brasil pós-Uber, empregos são extintos e criados em poucos anos, redes sociais centralizam debates em ágoras voláteis, provocando uma instabilidade na maneira de se pensar, comunicar e produzir coisas. Assim, é necessária uma literatura que movimente esses materiais na forma de narrativas e acomode em uma teia de significados possíveis o que não parece fazer sentido. Em uma época na qual a única certeza é a mudança brusca, é fundamental se resgatar a máquina na direção do humano.

IMAGINAR UM FUTURO É ACERTAR CONTAS COM O PASSADO

A produção de ficção científica no Brasil pode, inclusive, nos ajudar em um exercício cada mais difícil: imaginar futuros possíveis. O futuro, metáfora para se discutir o tempo presente nesse tipo de literatura, é algo dos mais incômodos assuntos no Brasil. Afinal de contas, para examinar o futuro é primordial compreender de onde partimos.

"O principal produto da cultura brasileira é o esquecimento", declara o adágio de Roberto Causo, um dos autores da coleção no posfácio de *Fantástico brasileiro* (Matangrano e Tavares, Arte & Letra, 2018, p. 270). Se mergulharmos nas corredeiras do tempo, diferente de glamorosas viagens a épocas agradáveis, nossa realidade está mais sombria que o retratado em *Kindred* de Octavia Butler: ao rumar ao passado, teremos que nos confrontar com a paisagem terrível dos dois genocídios sobre os quais se ergue o país — da população indígena originária e das pessoas negras trazidas à força de sua terra natal, dois extermínios conscientes, apregoados pela noção de progresso que não nos abandona até hoje.

Diante da magnitude de tal desastre, como é possível pensar adiante? O espelho do atraso colonial em um país que segue ancorando sua economia na matriz agrícola de exportação parece ficar cada vez mais inescapável em nossas projeções futurísticas. Tanto é assim que Dinah Silveira de Queiroz, em seu conto "Eles herdarão a Terra", de 1960, não consegue projetar uma invasão alienígena que não termine na melancólica devastação das subjetividades e dos corpos terráqueos, muito diferente das histórias de alienígenas estadunidenses, cuja maioria mostra a vitória contra os invasores. O conto integra um dos livros do catálogo da ZIGUEZAGUE.

Por acomodar materiais tão diferentes e dissonantes — da mudança tecnológica ao atraso colonial —, a ficção científica brasileira tende a ser das mais interessantes, justamente pelas fricções e fissuras que carrega.

É a cultura da gambiarra. Remendar, improvisar e *remixar*, ações imprescindíveis, pois a necessidade é a mãe da criatividade. O nosso próprio desmantelamento é que nos abre a possibilidade de se pensar: o que é tecnologia, afinal de contas? Não é à toa que o humor e o *nonsense*, bastante presentes na ficção científica brasileira, surgem como armas improvisadas para se explicar o inexplicável e retratar o que é tão díspar. Exemplos de saídas para se colocar sob perspectiva a crueldade sistêmica, na difícil tarefa de emendar tecidos sociais esgarçados.

PANORAMA DE MAIS DE UM SÉCULO DE PRODUÇÃO

Com esta coleção, a editora Plutão Livros apresenta um panorama de um mais de um século de produção. Revive e reorganiza a tradição da ficção científica brasileira — trazendo ao papel de luz, edições raras, tesouros, nos presenteando com a lembrança de nós mesmos. Eleger quem nos antecede é projetar quem virá depois do tempo que nos é concedido na Terra.

A coleção reforça a proposta da nomenclatura das críticas Andrea L. Bell e Yolanda Molina-Gavilán na antologia *Cosmos Latinos: An Anthology of Science Fiction from Latin America and Spain* (Wesleyan University Press, 2003) — as teóricas procuram contextualizar a produção da América Latina e da Espanha de 1862 ao final do século XX. Em 1987, Roberto de Sousa Causo já havia proposto as divisões "Primeira Época" e "Segunda Época", mas a proposta de utilizar "ondas" integra a experiência brasileira com maior clareza à história do continente, na qual as ditaduras e alternâncias de poder afetam a produção literária. Assim, a nomenclatura é retomada em pesquisas realizadas depois por nomes como M. Elizabeth Ginway, Ramiro Giroldo e Roberto Causo.

Viajando pelos precursores da ficção científica, a Plutão inaugurou seu catálogo com *Sobre a imortalidade de Rui de Leão,* de Machado de Assis. Agora, da Primeira Onda, trará livros como *Eles herdarão a Terra*,de Dinah Silveira de Queiroz, e *Três meses no século 81*, de Jeronymo Monteiro, dois nomes fundamentais para o estabelecimento do modo narrativo no país. Da Segunda Onda, *A nós o vosso reino* e *O ovo do tempo*, de Finisia Fideli, e *Patrulha para o desconhecido*, de Roberto de Sousa Causo — pessoas ativas ainda hoje nos círculos das da ficção científica, atuando como bibliotecas vivas de memórias e incentivando novas gerações a produzir.

Dentro das narrativas mais recentes, a ZIGUEZAGUE procura trazer obras contemporâneas com vozes e assuntos diversificados, sem espaço para monotonia. É importante dizer também que este será um material fundamental para pesquisas literárias a respeito da ficção científica brasileira, concedendo base e substância para estudos futuros. Também auxilia como adubo criativo para narrativas novas que verdejarão.

A coleção perfaz a função primordial da narrativa: conceder sentido ao que parece não ter sentido algum, tecer teias para a reflexão sobre os tempos, sem deixar de emocionar e divertir.

Afinal de contas, imaginar histórias é uma das maiores tecnologias da humanidade.

Ana Rüsche é escritora. Seus últimos livros são *A telepatia são os outros* (Monomito, 2019) e *Do amor* (Quelônio, 2018). Também é doutora pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, na área de estudos literários e linguísticos em inglês.

CARTA A UM INCERTO AMIGO

Não se iluda com o subtítulo mandado imprimir: contos absurdos. Absurdos eles são, mas contos… não. Se não fosse tão pedante, teria sido preferível "racontos", mas entre nós dois — você num mundo solitário do leitor, e eu na minha soledade de criadora —, não haverá discussões por tão mesquinha coisa.

Ofereço alguma fantasia despojada, alguma coisa que você poderá amar se guardar, como a maioria das pessoas,uma criança escondida dos outros. É a tal criança que faz com que jamais saibamos que a velhice chegou. Os outros não a vislumbram, mas, como a nossa meninice sobe à tona frequentemente, nós nos sentimos muito diferentes do que os outros nos veem, pois para eles a nossa criança morreu sem deixar memória, e só nós sabemos desse maravilhoso e simplório segredo de que ela ainda mora conosco.

Pensei em assinar *Eles herdarão a Terra* simplesmente como Dinah. Deixaria o Silveira e o Queiroz de fora, e me apresentaria diante de meus leitores com a humildade e a simplicidade com que forjei esses enredos. Seria como se eu estivesse com meu *peignoir* velhinho, de trabalho, e de pés descalços. Mas Gumercindo Rocha Dórea fez questão do"Silveira de Queiroz", das duas famílias intelectuais, mais importantes do que a autora. Perdoem-me, queridos, se os levo a participar destas líricas vadiagens, dessas absolutamente informais escapadas ao território do absurdo.

Agora, algumas considerações a respeito da ficção científica. Não gosto também do nome, e embora saiba que um cientista como o prof. Grey Walter — que aliás figura neste volume, em "O Carioca", e que é o criador de espantosas coisas no reino da cibernética — compara um autor deste gênero, Olaf Stapledon, com Virgílio e que autênticos sábios publicam no mundo inteiro artigos favoráveis à ficção científica; que existe um departamento nos Estados Unidos só para estudar a possibilidade de se construírem novas armas derivadas da "science-fiction", e que a melhor escola politécnica do mundo, o Instituto de Tecnologia de Massachussetts, tem um curso de "science-fiction"; que muitas das previsões de Júlio Verne e de Wells bem se cumpriram, malgrado em várias "profecias" se tenham eles enganado, e sejam, hoje, acusados por seus "erros científicos"… A propósito, convém citar aqui o comentário de Jacques Bergier sobre essas acusações: "[Júlio Verne e Wells] cometeram menos

enganos do que a maioria dos sábios".

Lembremo-nos, simplesmente, de que Hertz não acreditava na telegrafia sem fio; Rutherford achava impossível a energia nuclear e J. Robert Oppenheimer negava a possibilidade de se constituir o submarino atômico! Se há erros de detalhes, nas concepções de Júlio Verne ou de Wells, o mérito de suas obras está no sentido da história. Pouco importa que a máquina de explorar o tempo não seja realizada. O universo de quatro dimensões descrito por Wells, antes de Einstein, é uma das bases da ciência moderna. Pouco importa que o submarino *Nautilus* seja impulsionado por um motor nuclear e não por pilhas químicas, tal como descreveu Júlio Verne. Os próprios construtores exigiram que ele se chamasse "Nautilus"!

Embora, no plano científico, esse gênero literário seja a tal ponto valorizado que o presidente da Academia de Ciências da Rússia, Nesmianov, há alguns anos, declarou em discurso: "Nós vamos cumprir o sonho da ficção científica!". E de fato o estão cumprindo — embora haja uma tão íntima aproximação entre as maravilhas dessa literatura, o último Lunik e os avanços das explorações siderais de russos e americanos, o que já pra mim de mais fascinante em relação à ficção científica é ainda o esplendor de seus fantasmas e de suas fábulas: é a história e não a ciência que ela possa conter.

Estamos numa época em que a solidão humana ganhou uma perspectiva capaz de produzir verdadeiras alucinações. Nós pensávamos nas tremendas distâncias que separavam os homens em cada canto do mundo. Tínhamos perspectivas terrenas para idealizar essas distâncias. Agora, nós pomos um pé em cima da janela para o salto e apelamos para nossa imaginação, a fim de sondar a verdade do vertiginoso abismo sideral. Em breve, nós veremos nosso mundo, mas do lado de fora. Isto me faz pensar que a ficção científica — a desta época presente — já tão caudalosa nas revistas e nas edições americanas, francesas e inglesas — está para nós como a legenda das aventuras, dos fantasmas, dos monstros e demônios, enfim, como o rebentar da fábula, no tempo dos descobrimentos, para a humanidade que ia assistir à eclosão da Renascença. Aliás, quando escrevi *Margarida La Rocque*, com seus fantasmas vindos de sua mesma solidão em sua ilha, eu a coloquei em tal era porque aquele tempo foi o grande forjador dos sonhos fantásticos. Poderia ter feito uma nova Margarida; esta seria a da Era Sideral, em que os fantasmas da Técnica substituem os elementos humanos na luta contra o medo e a desolação das criaturas. Chamo, aliás, a atenção do leitor para o fato de que os três racontos de ficção científica deste volume são rigorosamente três histórias de pessoas solitárias.

"Literatura de antecipação" parece nome mais adequado a um gênero que tateia, como nenhum outro, o rumo de nosso amanhã. Algumas vezes, ele brota com o sentido divinatório de um Wells e de um Júlio Verne, que, não sendo "científicos" em

certas ocasiões, acertaram na Antecipação, o que é bem mais glorioso do que estar em dia com a ciência da época. Daí ter escolhido como título para a primeira parte deste volume *Antecipação*. Trata-se mais de qualificação literária, do que, propriamente, de um salto no tempo. Rigorosamente, só a "Universidade Marciana" dá o clássico pulo sobre os anos, embora as outras duas histórias sejam já o fruto das especulações e do sonho da Era Sideral.

É possível, meu amigo, que você me pergunte: "Então não encontrou maneira melhor de apresentar um marciano, do que fazê-lo parecido com os que povoam as narrações extraordinárias sobre discos voadores e que vez por outra aparecem na imprensa?".

Sim, devo explicar que fui fiel a uma legenda, que existe. Centenas de pessoas, no mundo todo, sustentam que conheceram seres humanos, de outras raças que não as do nosso planeta e os descrevem com a simplicidade com que os navegantes e os aventureiros de outrora pintavam suas descobertas.

Assim como as narrativas do século XVI foram a semente para *Margarida La Rocque*, esses "encontros" com entes extraterrenos fornecem o cerne das criações "Eles herdarão a Terra" e "Universidade Marciana". Contudo, "O Carioca", inspirado no progresso da cibernética, é o de maior preocupação científica. É mais do que isso — de piedade pela solidão humana cada vez mais povoada de aparelhos e de máquinas: os seres absurdos, as tentações demoníacas dos solitários da nossa era dos desertos de cimento.

Deixando o absurdo na Antecipação, vamos ao absurdo no Cotidiano. Absurdo de que todos participamos, pequeno painel da náusea política do momento. Quem jamais sentiu a garganta fechada, o nojo de tudo o que nos cerca? É ele também um ensaiozinho sobre o proverbial derrotismo brasileiro. Um caro amigo que leu "Partido Nacional" o chamou de "soco no olho". Perdoe-me, se doer. Tanto não me senti como verdadeira dama ao escrevê-lo que quis assinar só "Dinah"…

Resta o último: o absurdo mais aceitável que é o do Sobrenatural. Esse é, de fato, um conto, e não carece de maiores explicações. Você perceberá, todavia, a constante da solidão e do fantasma. Talvez isto não seja senão a fábula, de que sou prisioneira, e a tradução, em imagens diversas, da solidão de um criador diminuto que fabrica demônios, fantasmas e robôs, na incapacidade orgânica de fazer transbordar até seus iguais os gritos de vida e de calor humano.

Receba, portanto, a minha procissão fantástica, como as mil e uma faces do autor num espelho partido.

Afetuosamente,
DINAH

ANTECIPAÇÃO

A UNIVERSIDADE MARCIANA

A Lúcia Benedetti

Agora, que se sucederam os anos àquela furiosa tempestade de emoções, posso contar tranquilamente sobre os dias vividos na Universidade Marciana.

Foi pouco tempo depois da ascensão do papa Pio XIII que, pelo seu significado dentre os continuadores de São Pedro, agitou de tal forma a cristandade. Embora muito se tenha silenciado sobre isso, uma grande maioria ficou desgostosa e perplexa com a eleição do papa chinês. "Ele nos trará inovações muito difíceis de serem suportadas", comentavam às escondidas. Foi unicamente pelo interesse apaixonado do grande papa, que se tornou possível a concretização de uma Universidade Marciana. Aquele homem extraordinário, que permitiu a propagação do cristianismo, numa intensa e quase instantânea ação no oriente, considerou o culto aos mortos barreira intransponível, até então, para a disseminação do catolicismo na Ásia, como objeto de uma tradição respeitável que sua Igreja não condenaria, aquele homem fez aceitar muitas coisas do xintoísmo, como permitidos princípios filosóficos e não-religiosos, que não impediram a fé em Cristo, e abriu para nós as portas da Universidade Marciana, considerada como impraticável pela diplomacia do mundo inteiro.

Mas devo dar ordem ao assunto. Decorridos vinte anos, me ponho a considerar os primeiros contatos com minha condição de aluno dessa notabilíssima e tão controvertida — na opinião universal — escola marciana. Naquela época, eu era das poucas pessoas que habitavam Copacabana. As deploráveis consequências da trágica enchente que fizera unir o mar à lagoa Rodrigo de Freitas e que, praticamente, arrasara com Ipanema e Leblon, ainda não haviam sido suportadas. Os edifícios, em sua grande maioria, estavam arruinados. Não havia luz. Os encanamentos não funcionavam. Frequentemente, os prédios minados se esboroavam. Além disso, maltas de ladrões e de vagabundos bem se haviam instalado nos edifícios mais resistentes, e impediam a volta das antigas famílias. Era, então, uma época muito deprimente para os cariocas. Criara-se a casta aristocrática dos brasileiros, e que mostrava o Rio aos alunos de seus ginásios como o exemplo típico da incapacidade

diante do progresso do planeta.

Confesso que me dava bem em meu apartamento, apesar de tudo. Parecia-me o topo de um navio encalhado e abandonado; a paisagem, então, era lúgubre, principalmente à noite, com os edifícios semidestruídos, defronte à rua. Ouviam-se gritos ferozes e disputas tremendas entre os malfeitores. Mas, nesse cenário de ruína, eu havia conseguido uma espécie de aconchego egoísta em meu décimo andar. Por uma absurda felicidade, tudo a meu redor estava intacto, e antes de que regressassem às multidões, que só reviveram ali muitos anos depois, nos novos edifícios convexos, eu me beneficiaria daquela espécie de reclusão para meus exercícios filosóficos. Havia fundado, com meus companheiros, antes do cataclismo, um círculo de estudos filosóficos, que tinha um sentido de humanização e de reação contra a orgulhosa fé progressista dos brasilienses. Como que exprimia, procurando o seu sentido histórico, o carioquismo, a nossa doutrina, a essência vital do ser humano, com suas razões, seu desrespeito sagrado às coações e uma certa indisciplina inocente. O carioquismo era o canto filosófico de uma cidade, em seu momento de desgraça. Compunha-se de um longo passado, em que eruditos e filósofos eram invocados nas origens do samba e da piada nacional, esquecida com o advento da supremacia dos brasilienses, sorte de cristãos novos do patriotismo. À noite, armado, vagueava pela rebentada praia de Copacabana, e quem a conhecera tão bela, agora mero saudosista, bem se imbuia de fé. Alguma lição havia ficado entre aqueles escombros. Nós deveríamos aproveitá-la.

Foi numa dessas caminhadas de inspiração e de sonho que o primeiro contato se deu. Já, então, os debates da mocidade, em todas as universidades, eram em torno das mensagens marcianas.

Depois do envio fracassado da Expedição ONU do planeta Marte, houve um grande hiato nas explorações interplanetárias. Mas os foguetes não tripulados, de rotineira inspeção, com seus potentes aparelhos, foram pouco a pouco desvendando o mistério. Marte era um planeta praticamente morto. O urânio e o outro, pelo menos em grande quantidade, como se havia pregoado, não entravam na composição marciana. Marte acabou sendo considerado como a grande desilusão do século. De tudo isso vocês se lembraram, e seria inútil esse retrospecto, se não houvesse nele uma ligação com as mensagens, ditas "marcianas", para que tivessem um nome. De onde viriam? Aqui mesmo da Terra, ou até de outra galáxia? Aventou-se também a ideia de que poderiam vir de altitudes inatingíveis do Himalaia. O "Abominável Homem das Neves" não seria só aquele ente primitivo, amplamente estudado pelos russos, mas um ser superior, com uma civilização à parte. As mensagens como que se estampavam impregnando reflexos na água, sinalizando no brilho dos espelhos, no luzir da areia, sob o reverbero. Estas eram as materializadas, discutidas como sendo um mero delírio coletivo. Estava mais do que provado que seres humanoides não

viveriam em Marte. Todavia, até crianças inocentes, incapazes de mentir, *viam* esses misteriosos sinais. E houve também a outra sorte de loucura coletiva: as mensagens telepáticas, em vigília, as imagens no sonho. Estaríamos sendo enlouquecidos pela poeira atômica? Cerrou-se a vigilância, funcionaram os grandes centros purificadores do ar nos Estados Unidos. Soube-se que na Rússia, novamente, vigorava a teoria de que tal enxame de mensagens era disseminado de qualquer ponto oculto do Tibete. Um exército de pesquisadores partiu para decifrar o mistério. Havia uma sorte de Homem das Neves, intensamente mística, que fazia práticas utilizando-se dos raios de luz que se filtravam nas cavernas. Não se encontrava, porém, o mais longínquo princípio científico e sim apenas rasteiras superstição nesses "recados" dos enormes *yetis*.

Estavam as coisas nesse pé, quando numa noite em que diante do esqueleto de Copacabana, eu me aprofundava no carioquismo, planejando toda uma série de volumes de sabedoria nitidamente carioca, pensei que a excitação mental me levara à febre e à perturbação da vista. À minha frente, na areia, surgiram pequenos desenhos que poderiam, também, parecer hieróglifos: luazinhas, triângulos, folhas, enfim, um rodopiar de pequeninas figuras luminosas. Sentei-me, tremendo, na praia. Cuidei, depois: e se houvesse recebido uma das tais mensagens marcianas? Houve um período de sombra negra, em que ouvi o mar. O cheiro do mofo e de podridão veio das casas através do vento. A sombra era tão espessa, como se fora uma parede erguida de súbito. Então, nesse negrume, um único sinal brilhou: um sol, como o desenham as crianças, e, sobre o círculo, dois traços sombrios. Foi um instante. Compreendi: *o sol* — duas vezes. *Dois dias!* Aquilo quereria dizer: daqui a dois dias. Convenci-me de que interpretara corretamente o sinal. Duas noites depois, àquela mesma hora em que vira os sinais misteriosos, desci, perturbadíssimo, de meu refúgio, e me vi, novamente, na triste solidão de Copacabana abandonada. Esperei com o coração em fúria. Nada nas sombras, nada na pouca luz noturna. Como me estirasse na areia, senti sono e moleza. O tempo, então, me pareceu estático. Eu havia atingido esse limite, essa plenitude, em que, na mesma ocasião, se goza o sono, mas ainda, por um último alerta de consciência, se pode saber onde se está, em que lugar se está. Há quase uma cisão entre o corpo e o espírito, nesses instantes. Pois bem: foi então que eu cuidei ver, quando abri meio os olhos, sem susto, um monte de areia plantado a uns dez metros de distância. Dir-se-ia uma inacabada estátua de areia. Francamente, não me importei muito com aquilo, até o momento em que dominei a sonolência, criada pela monótona espera. Não havia dúvida; aquele estranho monumento com que se movia. Um monte de lixo? O vento nele desmoronara qualquer coisa? Levantei-me, fiz alguns movimentos em sua direção e fiquei paralisado, contido em meus passos. Não poderia ir adiante, numa contradição física com minha curiosidade? Principiei a

esfriar, como numa vertigem. Eu já havia tido perigosas quedas de pressão arterial. Caí ao chão, inundado de suor gelado. Foi aí que a montanheta obscura se foi erguendo e cresceu no campo de minha visão, qual se desdobrasse de si mesma. Era um fantasma? Movia-se já agora, francamente. Não tinha dúvida: aquilo era um sinal — o longo traço branquicento de um de seus braços ordenando que mantivéssemos distância. O indivíduo devia ter mais de três metros. Calculei assim, de acordo com meu tamanho de homem de altura média: um metro e setenta. Era um ser humano, um ser humano longuíssimo, difícil de ser observado em seus detalhes de onde eu estava. Apenas lhe via a configuração, a silhueta, enfim. A cabeça era ovalada; seu todo era espichado; os braços caíam quase inertes e muitos longos; os movimentos que fazia, excetuado o gesto de aviso, eram de cabeça. Agora, já não posso dizer se ele me disse "Acostume-se" ou se eu entendi assim, se deduzi de sua atitude que deveria tomar costume e confiança com sua presença. Minutos depois, já era profundamente tranquilizante a sua bizarra, mas majestosa figura. Contam que na Índia, ainda hoje, em lugarejos perdidos, os santos homens são como as árvores amigas que se procuram pela sombra benfazeja. Vão os que desejam abafar suas angústias e seus tormentos procurar essa atmosfera capitosa de serenidade, passando dias inteiros sentados a alguma distância desses santos, e voltam depois pacificados, sem dizer palavra. Foi só o que eu experimentei nessa primeira noite: confiança e pacificação. Também não me recordo se houve uma ordem ou um pedido para que me retirasse. Vi-me deixando a praia, as pernas muito pesadas, tendo a esquisita sensação de que aquilo se haveria de repetir. Sem dúvida, eu recebera uma daquelas mensagens, que a maioria das pessoas sensatas diziam ser loucura contagiante ou simples ilusão. Quando tive de enfrentar dez lances de escada, já não existia aquela espécie de encantamento. Minha natureza veio à tona, numa reflexão. *Mas você é estúpido mesmo; não viu como foi que ele veio ou saiu da praia.*

Não tenho o menor escrúpulo de contar tudo, porque já agora estou velho e desiludido de minha pregação carioquista. Consideram-me um sujeito aborrecido que quer ressuscitar um mundo superado. Tenho a certeza que me vão dizer que tudo isto que estou escrevendo é mera senilidade, pois a maioria dos espíritos se recusa a crer na Universidade Marciana, e o papa Pio XIII, que sorveu tão magistralmente o senso político dos Jesuítas, tem relegado ao silêncio em questão.

Nesta noite, em que eu havia estabelecido, como já disse, o primeiro contato com um marciano, ou fosse lá quem fosse, uma coisa eu absorvera: aquele estranhíssimo ser *queria que eu me acostumasse com ele*; queria criar em mim, sem dúvida, uma aceitação de sua presença, e isso fora obtido. A essa primeira noite sucederam-se alguns dias. Eu me guardava de contar minha experiência a quem quer que fosse. Embora decadente, naquela ocasião, a cidade amputada em parte de sua zona sul, era

no mais um foco de vida normal, de gente que se interessaria de forma apaixonada pelo que eu poderia contra desse encontro. Mas os primeiros contatos de criaturas extraterrenas se deram com pessoas habituadas à solidão, com seres imaginativos, que sentiam mais a sedução do mistério do que o medo pelas coisas que se não explicam. Milhões de indivíduos observaram fotografias do deserto marciano, e fizeram a melancólica constatação: a Terra seria o único fruto "bichado" pelos humanos. Aqui, existiam as únicas condições de vida possíveis à natureza animal. Fora dessa prova científica, tudo mais era crendice, atraso.

O segundo encontro foi uns dez dias depois: fiquei mais perto. Estava *acostumado*, mas ainda não havíamos conversado. E nessa segunda vez, parece que não se cogitou senão disso, a que eu me habituasse com a companhia. Vi-o chegar e vi-o partir, caminhando pela orla marítima, talvez até pisando a água. Ele fluía, mais do que andava. Não se percebiam seus passos. Vinha como uma sombra corredia avança pelo campo da visão. Aquele ente parecia fazer da sombra e da luz um seu domínio: ele se dissolvia nela e depois aparecia florando, emergindo na pouca luz existente. Devia estar escondido n'algum canto de escombros. Dada a sua altura, não seria fácil encontrar um lugar próprio, mas, evidentemente, ele resolvera o problema — porque vinha por ali mesmo.

Já da terceira vez em que nos encontramos, acocorado como estava, seu corpo sobrado a meio, lembrando sempre a esquisita forma de uma construção de areia — procurou murmurar algumas palavras. A mão espichada e enorme traçou um caminho — escura e trovosa — sobre o peito. "Iguí", disse. Era seu nome. Tornava-se evidente que eu poderia absorver a sua, mas não sabia fazer nele ecoar a minha ideia. Transformara-se em mero agente seu e ele preparava o terreno para que aceitasse, também, o seu diálogo. E houve, enfim, essa conversa, com muita dificuldade de sua parte.

Estavam procurando contato com algumas pessoas que tivessem naturalidade suficiente para suportar a convivência, explicava entre gemidos e hesitações. Respondi-lhe que existiam muitas. Ao que ele informou não ser verdade. O pavor dominava de tal maneira os espíritos, que, embora tendo procurado estabelecer relações com muitos seres humanos, só em raríssimos casos tiveram êxito.

Creio, depois de tantos anos, ter dificuldade em descrever esses encontros com Iguí, nas noites despojadas de luz, plenas de quietude da praia deserta. Percebia que estava lá, era tudo. Ele me afirmou que as pessoas o tomavam como um *morto*, que a maioria dos esforços de sua mente adaptada à mente terrena eram inúteis, porque julgavam ser manifestações de espíritos. Até no meu caso, tivera a impressão de que eu iria cair num pânico costumeiro; que o que eu tivera fora um começo desse choque. Era possível morrer dele. Mas a minha personalidade, sendo, como dizia

muito contemplativa, facilitava a convivência. Ele voltaria algumas vezes, só para assegurar-se de que poderia contar comigo. Então, tornei-me suspeito.

— Que serviço espera de mim?

Iguí teve uma espécie de suspiro estridente.

— Não serviços — corrigiu. — Ensinar. Ensinar muitas coisas. Buscar.

Rolaram meses sobre essas entrevistas secretíssimas. Os jornais, a título de curiosidade, davam informações sobre as "mensagens". Um estado agressor semeava incrível onda supersticiosa. Quando queriam dizer que alguém estava ficando maníaco, caçoavam: "Aquele já está com marcianos no sótão".

Quase um ano depois, quando lentamente a vida retornou em alguns quarteirões de Copacabana, e foram construídos os primeiros edifícios da nova arquitetura, foi que começaram a surgir os "profetas" da Universidade Marciana. Sempre eram pessoas tão imaginosas e dissociadas de seus semelhantes, que robusteciam a crença de que tudo que diziam era ou mania ou mentira. As fontes de informação, os televisores nas praças públicas, traziam, como curiosidade, esses dementes, sempre dizendo que um grupo de *escolhidos* "participaria proximamente da mais espetacular experiência em nosso planeta". Que alguns marcianos já viviam entre nós, e que eles iriam formar um Centro de Estudos. O comentário era sempre o mesmo. Havia vinte anos que tal absurdo poderia ser difundido. Estávamos, então, no limiar da Era Interplanetária, mas a ciência ensinara, durante esse tempo todo, que só a Terra era habitada.

O ridículo, a convocação de homens ilustres que *desmoralizavam* sistematicamente histórias sobre o fantástico estabelecimento que iria ser criado em alguma parte do mundo, não conseguiram estancar, porém, a torrente de pequenas notícias sobre o assunto. Depois de um certo tempo, esses maníacos adotaram uma única explicação não de todo despida de verdade, como verá mais adiante.

— Existe *sabotagem mundial*. Até hoje, o homem acreditou em sua superioridade. Toda a ideia de progresso é firmada neste ponto: o desenvolvimento de uma criatura que não conhece limites para seu próprio êxito. Mas, diante desses outros seres, os homens compreenderiam, enfim, que são *inferiores*. Um acabrunhante sentido de incapacidade parece estar sendo, assim, evitado por essa organizada *força mundial contra a verdade a respeito dos marcianos*.

E choviam outras desnorteantes notícias, que faziam sorrir as multidões, e pensar os solitários como eu:

— Correm rumores de que mensageiros tentam aproximar-se de vários líderes do oriente, para a instalação do Centro de Estudos.

Sim, quanto a isso, não há dúvida; posso afirmar, depois de minhas especulações. Os líderes mundiais repeliram, de uma forma ou de outra, as aproximações com os ditos marcianos. Vi, a saber de inúmeros contatos infrutíferos com os homens mais

proeminentes do planeta. O Secretário de Estado americano, Walace Mora Smith foi, por exemplo, totalmente impermeável a sugestões. Chegou mesmo a recolher-se a uma clínica privada, e os jornais deram alarmantes notícias sobre suas coronárias.

Houve, posso igualmente afirmar, uma certa atenção da parte do líder Lagore, da Índia, mas tendo consultado secretamente alguns de seus partidários, eles desaconselharam a experiência:

— A Índia está vencendo os preconceitos de casta na sua última luta pelo progresso. E esse Centro de Estudos pretende mostrar um tipo de *casta superior*? Seria uma incoerência dentro de nossa política.

A Suíça recebeu também, está provado, mensagens como as de Iguí, mas seu presidente, Gérald Honfleur, homem cuidadoso, viu pela própria experiência que a prova seria demasiado contundente e traria desordens infinitas.

Enquanto ocorriam essas tentativas, pastas diplomáticas levaram misteriosas mensagens de um a outro lado. Os soviéticos, com suas experiências científicas de vanguarda, estavam inclinados a permitir o círculo de aprendizagem. Mas o professor de antropologia, Ivan Romitz, da Universidade de Moscou, assombrou, então, o mundo com a divulgação de sua descoberta: o "Abominável Homem das Neves" não era senão um ser transplantado de outro planeta que buscava as solidões das grandes altitudes. Rematava assim a sua observação:

— Fala-se, hoje, com ou sem razão, num Grupo de Estudos orientado por entes extraterrenos. A quem acredita que se torne possível essa assembleia, eu aviso: a degradação desses seres, em ambiente adverso, é espantosa. É preciso imaginar que o nosso oxigênio atua sobre eles, quando não os mata logo, como tóxico perigoso. Objetos de uma liga de metais desconhecidos, encontrados no Himalaia, pela última expedição científica que foi estudar os *yetis*, asseguram, amplamente, a certeza de que eles descendem de seres provindos de outro planeta e que só podem, com suas condições físicas, habitar zonas onde o oxigênio é rarefeito. Felizmente para nós, esses monstros não descem de seu "teto", pois, como já é sabido, são seres monstruosamente daninhos.

Essa descoberta científica colocou em guarda o primeiro ministro soviético, quando teve contatos com agentes como Iguí. Tornou-se impermeável às outras mensagens. Qualquer tentativa nesse sentido poderia ter consequências desastrosas. E também, como Lagore, o líder indiano, achou pouco sensato admitir a existência de uma raça humana superior. Seria um ou outro tipo de *nazismo*. Daí por diante, passou a fazer esforços mentais para banir o assunto de suas preocupações. Não, absolutamente, não valia a pena experimentar.

Já o papa chinês, com sua curiosa personalidade, aceitou calmamente, e logo, a primeira mensagem. Nessa época, sua principal preocupação era a de que a religião

deveria aceitar o desafio da ciência. Sempre o acusaram por suas inovações, mas o papa prosseguia imperturbável em seu caminho. Ele teria tido, em seu refúgio de verão, uma prévia conversa com seu confessor, mons. Brunini. "Admitindo-se a verdade científica da existência de seres mais inteligentes que nós, vindo de outros planetas, quais seriam as nossas reações diante deles?", perguntou. Mons. Brunini — um homem puro como criança, com a inteligência de um menino na idade da razão, agradava profundamente o Sumo Pontífice, pois ele cercava, em sua intimidade, de criaturas quase simplórias — afirmou:

— Se eles estiverem em um estado de pureza, como nossos pais antes do pecado, aceitaremos assim, sem nenhuma medida preparatória. Se não estiverem, se caíram no pecado, como nós, então não é muito difícil. Batizamos… e pronto.

O papa chinês sorriu, no meio de suas rosas de Castel Gandolfo. Mons. Brunini tornava sua vida muito mais fácil do que o antigo confessor, o primeiro que tivera em Roma, um homem sábio, de vastos recursos intelectuais, mas também de angústias e de terríveis especulações filosóficas.

— Lembre-se, mons. Brunini, de que o Vaticano é o único Estado totalmente murado que existe. Aqui podemos criar a maior experiência do século.

Brunini coçou a cabeça.

— Vossa santidade vai encontrar dificuldades com o mundo inteiro.

O papa chinês riu novamente.

— Haverá uma grande vantagem. Todos quererão negar a existência do Círculo de Estudos, e nós trabalharemos sob um sigilo que não será preciso pedir a ninguém. Outros chefes de Estado já foram sondados, tenho a certeza. Então, querido mons. Brunini, o problema é simples: para o estado de pureza… nada. Para pecadores como nós… o batismo.

Pio XIII teve mais um dos seus grandes sorrisos cortantes, extremamente inteligentes, e decerto pensou:

"Nada como a simploriedade. Se a Igreja tivesse medo de verdade… ela teria findo o seu caminho no tempo em que a verdade bem se tornava o próprio destino dos homens. Todavia", e o papa se lembrou do pe. Montclair, seu professor, um jesuíta de raça, "a Igreja tem fome dos erros dos chefes de Estado, porque quando eles erram contra ela… sua missão apostólica se torna revigorada."

Agora, com a pacificação mundial, com a superação das dissenções religiosas, um marasmo se poderia abater sobre os cristãos. Convinha que mais uma vez a Igreja se aproveitasse dos erros alheios.

⁂

Eu sabia por Iguí que iria ser chamado, mas a última vez que estivera com ele já ocorrera havia perto de um ano! Começava a duvidar, e procurava afastar de minhas indagações a ideia de que poderia participar de um encontro intelectual com seres de outro planeta.

No fim do ano, quando me dispunha a sair com alguns colegas de uma fracassada conferência de quatro expositores sobre a filosofia carioquista, no edifício do convexo e recém-inaugurado, em Botafogo, da Casa da Filosofia — o secretário daquela instituição me veio saudar, todo enfático, à porta.

— Meu caro colega, você tirou a Bolsa Leão XIII de Filosofia. Parabéns, felizardo!

Os três amigos que haviam participado da exposição, perante o escasso e inerte auditório, me abraçaram com uma espécie de maravilhamento. O carioquismo não era uma futilidade. Fora reconhecido como uma importante linha filosófica pelos doutores de Roma!

Naquele momento, nem de leve desconfiei de que pudesse haver uma relação entre a Bolsa Leão XIII e aquelas aparições de Iguí.

Só vinte dias depois, a bordo do avião, foi que tive a desconfiança, quando conheci o homem que se sentava na poltrona ao lado: um argentino, que vinha das profundezas dos campos do sul do seu país, um agricultor e pastor de ovelhas da Patagônia. Não tinha tido com a civilização senão aquele primeiro contato, que o desorientava. Era quase analfabeto, mas durante a viagem, se exercitou a meu lado fazendo garranchos. Nas oito horas de voo do Rio a Roma, ele bem se obstinou a traçar e retraçar o seu nome, como que receoso de que não pudesse assinar algum papel indispensável à entrada da Itália. As letras, muito compridas, reescreviam JOSÉ JIMENEZ, sendo que às vezes o S saía ao contrário. E no meio desses pacientes exercícios, com mera divagação, ele traçou, grosseiramente, tal e qual um menino, aquele mesmo sol com dois traços, e inda outros sinais miúdos que eu vira estampados na areia.

Lembro-me, como se a tivesse agora, inclinada para mim, a cara de José Jimenez, envolta em seu amplo manto de pastor, encorujada na cadeira a me espiar, e depois a rir comigo, à semelhança de parentes a se descobrirem na multidão. Tinha os olhos oblíquos, era moreno e os dentes plantados fortes, como um bom cavalo. Sim, Jimenez seria meu companheiro de aventura. Era difícil imaginar que tão bronca pessoa pudesse vir a ser escolhida com um laureado em filosofia. Enfim, a seleção era misteriosa, mas talvez tivesse o seu sentido. Antes de chegar a Roma, pelas coisas que José Jimenez me contou, num tosco e estranho espanhol, descobri a razão: José não conhecia o medo. Sua mãe dizia aos conhecidos, quando ele era pequenino:

— Esse menino é tão estúpido que não estranha nada. É mais estúpido do que o cavalo, que, pelo menos, conhece o dono e recusa desconhecidos.

José relinchou alegremente e eu ri um tanto perplexo quando as luzes e o ondulado das sete colinas de Roma apareceram sob nossos olhares.

⁂

Tivemos apenas dois dias para visitar Roma. Estávamos num hotelzinho com vista sobre o Tibre. Para ali fomos conduzidos por um jovem sacerdote que nos esperava à saída do avião. Avisou-nos que teríamos quarenta e oito horas para nossos passeios e que, em seguida, seríamos recebidos pelo papa.

Comentava-se, então, em todos os cantos da Cidade Eterna, aquele extraordinário acontecimento: a interdição do Vaticano, determinada pelo Santo Padre. Tratava-se de uma monumental obra de reconstituição, encetada por Pio XIII. Os romanos queriam um grande bem ao papa chinês, mas brincavam afetuosamente sobre ele:

— Dizem que o papa é tão ativo, que nem tem tempo de rezar.

José Jimenez e eu atravessamos a grande praça deserta em direção à catedral mais famosa do mundo. Apenas alguns poucos empregados e guardas, com a vistosa farda suíça, se viam na imensa nave de São Pedro, aberta sob o deslumbramento dos raios que riscavam de alturas douradas. Jimenez dava pequenos assobios de admiração, de altar em altar. Depois, tomando um ascensor, subimos acima da calota externa, de cobre, enorme, que domina a cúpula. Roma nos foi revelada, então, por inteiro. O Tibre corria entre uma vereda de renques de árvores miúdas. Apontavam, aqui e ali, os inúmeros perfis das igrejas e eu logo consegui reconhecer a de São Paulo, a de Santa Maria Maior; lá longe, vimos uma colunata branca — a do Capitólio. O Pincio ondulava suas espessas copas verdes. O Coliseu não era um espectro, assim, de longe. Cá perto, os jardins do Vaticano, desse país de quarenta e quatro hectares. Um pouco mais embaixo estavam as enormes figuras dos apóstolos sobre a fachada. Lembrei-me de Iguí. Ele passaria despercebido entre elas.

Jimenez quis visitar o jardim, e se descobriu, enfim, reverente, com um sentido religioso só então alcançado na simplicidade do quadro, diante da Senhora de Lourdes, numa gruta, ao canto do parque. Um jardineiro podava as roseiras, à entrada. Inquirido, respondeu, o rosto encolhido sob o sol da manhã:

— É aqui que o papa vem rezar.

O papa deixava todas as grandezas do Vaticano, todas as maravilhosas criações de Michelangelo — a suma da beleza criada pela mão do homem — para vir rezar ali, naquela gruta despojada a um conto do parque. Havia nela mais liberdade para sua alma.

Teríamos um dia, ainda, para visitar Roma, e depois nós o conheceríamos.

Jimenez bocejou no Coliseu, desprezando-o definitivamente em alguns instantes, deu de ombros às Catacumbas de São Sebastião, já perdido e inquieto. Lembro-me que saímos, de madrugada, de um restaurante ornado com pinturas eróticas. Procuramos orientação, buscando a Catedral de São Pedro. Vimos uma bela estrela cadente riscar o céu, exatamente naquele ponto. Ao meu lado, uma mulher com rosto de alvaiade disse qualquer coisa, que eu entendi, embora não falasse italiano. Ela não havia conseguido formular o desejo, era uma pena.

Jimenez dava pequenos esturros e silvava, sem encontrar expressões. Queria dizer qualquer coisa sumamente importante e não podia. Por fim, virou seu rosto de olhos puxados, mostrando os dentes agressivos.

— Aquela estrela não me engana, não.

Puxou por uma vista, como fazem os que se julgam mais espertos.

— Na minha terra, vejo, na distância, chuvas de estrelas cadentes, no fim do verão. Aquilo é uma coisa, mas estrela — fez um gesto de desprezo — é estrela.

⁂

Às sete horas, o padrezinho veio buscar-me no hotel. Já havíamos refeito nossas malas. Íamos conhecer, enfim, o papa. Atravessamos uma praça retangular, que soubemos ser a de São Dâmaso e depois enveredamos por uma alta porta. Fizemos, no segundo andar, um enorme passeio "através de salas e de salões majestosos". Vimos de relance a Sala Clementina, plena dos guardas suíços com seus uniformes amarelo e azul, a pluma vermelha no capacete. Depois, veio uma sequência de peças totalmente recobertas de vermelho. Enfim, chegamos a uma sala menor, onde se via um pequeno trono: o troneto. Ali o Santo Padre dava suas audiências privadas. Algumas pessoas aguardavam. Jimenez contou com os dedos, sem o menor constrangimento.

— Somos vinte, com as duas moças — e, em tom mais baixo: — Belas, belas.

O padrezinho tocou-nos o ombro.

— Ele já vem. Ajoelhem-se.

Ajoelhamo-nos e o papa chinês se destacou, todo branco, do fundo de cores berrantes. Foi pisando curto e dando a bênção, um por um, até mesmo ao ruivo enorme que não quis dobrar os joelhos e que depois soubemos ser um fazendeiro do Oregon. Nós lhe beijamos o anel e sua mão era de hóstia, tão tênue que dava medo de parti-la.

Era miudinho; sua face tinha um quê de simiesco, mas sua feitura era doce. Fez-nos levantar e disse algumas palavras:

— Meus filhos. Entreguei a vocês todos a Bolsa Leão XIII e vejo, para minha alegria, que estão muito interessados e que ninguém faltou ao encontro, apesar de que não conheçam bem aquilo que ela representa. É com o coração de Pai que lhes proporciono esta inédita experiência. Vocês todos, eu sei, foram testados um por um. Não posso assegurar o êxito deste Círculo de Estudos. Vocês serão instrumentos da vontade divina. O que se seguirá a estas minhas palavras será a definição sobre nossa mesma cultura. Nós procuramos trilhar o progresso, mas não sabemos se damos o sentido mais certo às nossas especulações. Do lado de fora de nossa casa, há quem nos proponha uma outra senda para alcançar o Conhecimento, e eu, como Pai que sou, não quero fugir à oportunidade, ainda que não conheça senão, em alguns pontos, o método a ser empregado. Que o Espírito Santo os ilumine!

Depois, frágil e veloz, ele nos deu novamente a mão a beijar e nos abençoou, incluindo nesse gesto o trombudo homenzarrão do Oregon, que continuava de pé. As moças de mantilha negra se abraçaram. O Santo Padre dissera muito pouca coisa, mas sua proteção como que dava garantia àquela misteriosa temporada de estudos no Vaticano.

⁂

Terminada a audiência do papa, trocamos algumas impressões e fizemos nossas apresentações, com as dificuldades naturais da língua, pois que vínhamos de vários países. Éramos uma pequena Babel. Nos dezenove companheiros havia também uma grande diversidade de ocupações. Basta dizer que uma das moças era uma astrônoma da Alemanha (tipo da Baviera, morena e enérgica) e a outra uma corista das noites de Madri! Estavam, porém, tão unidas quanto Jimenez e eu. Conheci Raoul Clement, físico belga — este ficou depois em nossa sala — éramos cinco em cada núcleo de estudos: um jornalista novaiorquino, um médico sueco, um professor de História da Universidade de Moscou, um relojoeiro holandês, além do fazendeiro do Oregon — antipapista exaltado, que, segundo suas próprias declarações, fizera questão de deixar bem claro: sua adesão ao curso não deveria ser estimada, nem de longe, como submissão ao papa.

Fomos, alguns minutos depois, encaminhados por um guarda à "sala de aula". Tomamos um ascensor, seguimos uma galeria com raros soldados. Atingimos um salão com piso de mármore e um enorme mapa-múndi; depois, caminhando ainda um pouco, nos detivemos a apreciar uma vasta tela representando uma tumultuosa batalha naval. Estávamos na Secretaria do Estado, centro do Governo do papa, explicou o guarda. Mas, naquele dia, não encontramos a azáfama que sempre houve

por ali — o enxame de padres e de curiosos indivíduos de todos os rincões da Terra. Desfilávamos um pouco tolhidos por aquele portentoso palácio, asfixiados pela pompa sepulcral dos salões vazios.

Vimo-nos, por fim, numa sala recoberta de estranha pintura — aves com cabeça de mulher, cães de rosto humanizado, centauros, plantas com flores que seriam mãos. A sala tinha uns oito metros de altura por uns doze de comprimento, e uma enorme janela abria sobre o parque com cubos de fícus no primeiro plano, e pinheiros largados e soltos, além. Não havia uma única mesa, e nós nos entreolhamos. Apenas alguns confortáveis leitos, um palmo acima do chão.

— Fiquem à vontade — disse o guarda que nos encaminhou.

Ali ficamos nós: Jimenez, que se atirou bufando, logo, sobre um dos estrados, o físico belga, que se inclinou preocupado à janela, o fazendeiro do Oregon, que pôs os óculos e entrou a examinar, com evidentes sinais de reprovação, a pintura da sala, e o jornalista novaiorquino, Carlton Smith, que lhe explicou:

— Já vi coisa igual numa casa em Pompeia.

O guarda disse que esperássemos e saiu pela porta menor, do corredor. (Esqueci-me de dizer que havia, à direita de quem entrava, uma muito maior, coberta com a mesma decoração bizarra).

— Prestem atenção — disse aos companheiros, sentindo o impacto de uma angústia. — Parece que os outros já começaram a sessão antes de nós…

Era menino quando, no refeitório do Colégio São Bento, ouvira leituras com aquela entonação. Um frade tomava um trecho para ler, como se cantasse a sua missa. No dia seguinte, um outro continuava a leitura, naquele ponto, com a impessoal cantoria. Isso, diziam, era para que cada personalidade não influenciasse, com seu entusiasmo, ou prevenção secreta, o auditório, que decidiria livremente, sobre a exposição.

Esperávamos sob o reboar majestoso daquelas vozes. Um a um os companheiros foram tomando os leitos. José Jimenez acocorou-se, sem tirar seus sapatões e puxou o manto aos olhos. O jornalista novaiorquino espichou-se na cama e assobiou baixinho. O fazendeiro do Oregon fumava sem parar, de olhos fechados.

Aquele recitar me projetou em invencível lassidão. Fixei a janela, o azul com névoas que se dissipavam. Vi tudo negro e, de súbito, fui projetado parafora de mim mesmo para um caramujo de luz — por mais que o deseje não encontrei expressão melhor. Sim, eu habitava as profundezas de um núcleo luminoso, solto no espaço, que latejava a meu redor. Logo, o centro espadanou círculos e círculos luminosos, que riscaram a escuridão. Em breve, eram eles como véus etéreos e se fragmentaram, sempre rodopiando, num formigueiro branco. Em seguida, eu me senti do lado de fora daquele foco de luz, que constituía o núcleo. Vi então, em cada um daqueles

separados e incertos nevoeiros — eu soube — a formação da vida. Ela se cristalizava, com a rapidez do gelo, correndo em filamentos brilhantes sobre a superfície da água. Era vida, era vertiginosa vida, correndo, agitando-se, brilhando, num instante bulindo e depois logo extinta, sob a frieza imutável e branca. Eu via milhões de vidas assim, de mundos ou de seres, que eram luz e depois desmaiavam, enregelavam, mas tudo, mesmo os que morriam, continuavam naquela sarabanda, em torno do núcleo de origem. Isso tudo me era revelado como num painel gigantesco. Por algumas vezes, no entanto, eu já não deparava com o Todo. Descia a observar detalhes. E via um globo de mares oleosos, de terra fumegante, com gigantescos animais que urravam, para o alto, na primeira grande dor de existir. E observei espantosos terremotos. Desmoronaram-se em seguida as cordilheiras, a água sepultou berros e formas, e depois, numa rocha perdida, vi seres que, compreendi, eram meus irmãos, porém tão feios, degradados, humildes, medrosos de entes gigantescos que os assombravam.

Novamente saí do detalhe, e passando sobre a visão da primeira fogueira cercada de vultos de humanos, eu me lancei a outras perspectivas. Vi então uma lua vermelha, e dentro, como espelho de mil faces, a deslumbrante procissão da glória humana. Vi cabanas, casas, castelos, fortificações, massas humanas, e sucedendo a tudo isso vi os oceanos escaldarem e secar, como gotas numa chapa aquecida. Vi perder-se o vapor no céu que era azul e passou a verde desmaiado. Naves aéreas transportavam atropeladas multidões. O solo secou, gretou. Rachaduras monstruosas partiam, de cima abaixo, todo o arcabouço abrangido por minha visão. O vento ergueu nuvens de poeira e me vi, desolado, em desgraça, apalpando o chão maldito e ressequido.

Novamente, o impulso para o alto. Na noite silente, cada um dos inúmeros globos é um espelho fascinante, onde se indaga sobre a vida. Tudo rodopia, até mesmo os devastados mundos mortos, como um câncer acompanha um enorme corpo ainda vivo. Nevoeiros, tempestades com borbulhas de gases, globos em meia luz, ou acesos, como ferro em brasa. “Meus irmãos, onde estão os meus irmãos?” Devasso mais adiante, caminhando perdido na negrura da noite. Muito além de todos os abismos da escuridão, num ponto que foi luz viva, se fez bruma e agora se corporificou como bom fruto maduro, um ser como eu vai amanhecer, mas perdido de dor terrível. Recuo, caindo em vastidões. Num ancoradouro de tons verde e laranja e céu azul, eu procuro a mim mesmo. Descubro, quase chegando, a minha sempre Copacabana. Mas, ao incorporar-me totalmente a meu eu, bem me levanto do leito, extremunhado. O palavrório cantado cessou. Minha vista com dificuldade alcança as mulheres-pássaros da parede.

Na sala, já sombria, o vulto do fazendeiro do Oregon se atira contra a parede, gemendo histérico. José Jimenez o acalma como se subjuga um bicho, pela força e pela

ternura. Alguém acende a luz. E nós nos encaramos sem saber o que dizer. O jornalista de Nova York vai à janela e volta, com passos bamboleantes:

— Belisque-me — pede ao físico belga.

⁂

Ficamos todos silenciosos e confusos, ao jantar. Mons. Brunini presidiu aquela nossa primeira refeição no Vaticano, o que demonstrava o particularismo interesse do papa. Dispúnhamos de uma longuíssima sala só para nós, onde fomos ilhados em mesa que poderia ilustrar o pecado da gula. Ele nos observava afetuoso e meio brincalhão, fazendo brindes. Já havia, anteriormente, acompanhado os vinte bolsistas aos seus quartos. Eu ficara com Jimenez, o que me agradou, apesar de seu cheiro noturno de ovelha. Tinha a impressão de que carneiros invisíveis o rodeavam.

Não perguntei pelo começo de nossas aulas. Nem ninguém, creio, se lembrou de fazer a pergunta. De forma geral, algo se passara com todos, durante aquele falatório rezado. E isso, nós imaginamos sem ter a bravura de trocar alto nossas considerações.

Depois do jantar, em que o sangue da melhor uva do mundo nos animou, fomos à biblioteca especialmente organizada para o grupo.

Lá, em nossas poltronas, ficamos à vontade. A pequena de Madrid tirou da grande bolsa uma tapeçaria amarela e vermelha que sobrou por sua saia negra como um descortinado dia de verão. Jimenez veio admirá-la. A astrônoma alemã descobriu, aparentemente, numa estante, o volume que procurava. O fazendeiro do Oregon resmungou:

— Será possível que não haja uma bíblia nesta casa?

— Aqui está uma, e em inglês — disse mons. Brunini. — Como veem, acho que não lhes falta nada…

O fazendeiro buscou o que queria e depois provocou o confessor do Santo Padre:

— Suponho que o papa seja pela evolução das espécies. Ele é tão progressista…

— Meu filho — respondeu Brunini com toda a paciência. — Não acha que Deus dispõe de sopro suficiente para animar, no *devido tempo*, o ser que fez homem?

— E essa, agora. Eu não entendo o seu inglês.

Brunini bateu-lhe no ombro.

— Meu amigo, solte-se com a fé, que ela é quem nos põe soltos.

— Entendi menos.

— Sabia.

Eu estava ouvindo uma exposição do jornalista novaiorquino sobre a imagem concreta. Em Nova York e em Moscou já havia presenciado várias experiências de

cinema e televisão no novo processo.

— Assisti a umbalé de Moscou, em imagem concreta, no AnfiteatroGreen, de Nova York. A imagem vem do alto, não há tela, e pode ser vista com perfeição de ambos os lados. Os dançarinos estavam "vivos", ali no meio dos assistentes. Apenas eram um pouco mais vermelhos do que o natural. A cor não está ainda muito perfeita. Vi também um filme concreto com batalhas de arrepiar e uma nitidez que assombra. Senti-me participante…

O jornalista contava essas coisas com alguma formalidade. Seu interesse estava bem longe daquilo que expunha — hoje, convenhamos, uma velharia.

Nesse momento, Jimenez, que acompanhara com esforço não disfarçado o diálogo entre o fazendeiro e mons. Brunini, disse:

— Se a fé nos põe soltos — podemos sair, então?

— Para perto… não vejo inconveniente — respondeu Brunini.

Jimenez cortou a minha conversa com o jornalista.

— Vamos pastar, agora, que é preciso.

Ele não dizia aquilo para fazer graça.

Logo atravessamos, com muita atenção para não nos perdermos na volta, a fileira de salas. Tomamos o corredor, chegamos à porta altíssima, atingimos a praça de São Dâmaso.

Sob o luar, entre uma pedra e outra havia um tufo de plantinhas. José Jimenez arrancou-as, beijou-as.

— E viva a boa terra!

⁂

Quando alcançamos a praça de São Pedro, a lua iluminava a cúpula da catedral, dava relevo à cruz posta no alto, acima daquela construção portentosa e como que enobrecia as maciças figuras dos apóstolos, entre os dois grandes relógios, sobre a fachada. Estava tudo alvo e silencioso. As colunatas, em semicírculo, tinham uma sombra oblíqua que as aumentava. São Pedro não era mais a pedra "Sobre esta pedra eu levantarei minha igreja", mas uma fluida construção, uma arquitetura imaterial. Ficamos ali derreados pela grandeza. O obelisco, no centro da praça, espichava a sombra no chão alvacento. Era um luar como eu nunca vira, em tão transparente atmosfera.

José Jimenez, o manto enrolado ao pescoço, farejava a noite, alegremente, fazia vagos meneios de danças de sua terra e como quem reverencia a importância.

Atingimos o centro da praça. A sombra do obelisco estava aos nossos pés.

— Ei — disse Jimenez. — Boa noite, Senhor Jesus Cristo! Lá está Ele, Nosso Senhor, no meio de seus companheiros. Aquele com a cruz virada é São Pedro, o outro com o livro… será São Paulo ou São João? Porque São Paulo não andava com Ele… minha mãe, que me ensinou, dizia…

— Eu sei, Jimenez.

E eu vi, então, lívida, a cara de José Jimenez, desembuçada, posta para as alturas da fachada.

— Olhe: tem mais gente… por Deus, aqueles dois, junto do relógio deste lado… e aqueles outros, perto do relógio de lá…

Primeiro, sorri. Depois, analisando as estátuas, uma a uma, fiquei profundamente perturbado. De cada lado havia duas figuras que também eram de pedra, mas bem mais finas, como que mais delicadas, apesar de ter praticamente a mesma altura. Estavam rígidas e, como os apóstolos, pareciam guardar a igreja.

— Veja — disse Jimenez. — Neste canto… alguma coisa se move.

Era a túnica da última estátua, à direita.

— Penso que aquela é a nossa.

— Que é que está dizendo?

— Vocês não abriram os olhos… mas Jimenez nunca teve medo. É a*nossa*, é a*nossa*, eu lhe digo. E está se regalando com a bela noite, e com tudo o mais, veja como está.

Eram parecidos com Iguí, que, aliás, poderia ser um deles. Eu não me lembrara de sua figura, ao ver as estátuas, pela primeira vez?

— Espere — disse Jimenez, perturbadíssimo. — Vou contar os apóstolos. Duas mãos e mais dois dedos. Começo deste lado…

Instantaneamente, aquela confusão como que se dissipou. A conta deu certo, não sobrou ninguém.

— Eles estavam lá, eu vi! — quase choramingou Jimenez.

Passei-lhe o braço pelo ombro e senti desprender-se de seu manto o cheiro de ovelha, na enluarada noite romana.

— Tenho a impressão de que falta pouco para nos avistarmos livremente com *eles*. Não sei por que…, mas acho que não vai demorar.

⁂

Chego à parte mais difícil de meu relato. É evidente que não poderei narrar aqui, uma por uma, as "aulas" que nos foram proporcionadas. (As aspas só figuram porque aprendi, alguns dias depois, que cada um, dentre nós, tinha uma visão diferente dos ensinamentos).

O mais curioso é que possuíamos a noção do *secreto*, da revelação personalíssima feita a cada um. E não trocamos impressões, nos nossos encontros no refeitório e na biblioteca, e falávamos de tudo o mais, menos do que havíamos visto e sentido, através da hipnose.

Assim, aquele meu primeiro *encontro* com a outra cultura fora como que uma sorte de colocação dentro do universal, do Cosmos.

No dia seguinte, fomos novamente à sala das mulheres-pássaros, ouvimos o cantochão da leitura e tudo à volta desapareceu.

Fui luz, cortei a barreira do tempo, fui e voltei à nossa era, transpus galáxias. De uma enseada repleta de seres fantasmagóricos, mas humanos, se avistava uma gorda lua avermelhada. Mas o povo, deitado na confusão de seus longos membros esquálidos, voltava a face descolorida para uma estrela azul. E, sobre aquela gente, se abatia uma ebriedade de desejo. Todos sonhavam com um lugar esplêndido, com o Mundo da Cor. E eu compreendi que os desejos desses homens e dessas mulheres tomavam uma direção conhecida, iam à nossa casa, à nossa bela Terra.

Algumas hipnoses a mais e eu soube que aquela triste enseada continha os restos de outras raças humanas. Experimentei, do alto, o rude ataque da inveja; era um clima insuportável e contundente.

Durante essas "sessões" germinavam, intraduzíveis, os mais belos e apaixonantes conceitos filosóficos. Eu sabia, eu *retinha*, mas como transmitir?

No sexto dia, nós a conhecemos. Era ela a nossa mestra. José Jimenez a avistara antes dos outros e a identificara naquela noite de luar.

A visão daquele ser, ainda que todos nós fôssemos preparados pelas "aulas" anteriores, causou assombro e até pânico. O fazendeiro do Oregon tapava o rosto e chorava, como uma criancinha; o físico belga desmaiou e eu, que conhecera tão bem, um seu igual, Iguí, fiquei a ponto, também, de desmaiar. É que parecíamos entregues, unicamente, ao seu poder, naquela sala fechada. Sua esmagadora presença — a majestosa e altíssima figura sem cor, sem a mais leve pigmentação — recortava contra a grande porta. Deveria estar acocorada. Era quase uma pirâmide em seu todo: a cabeça afunilada, os ombros descaídos, e o todo largado e sem viço. Fez um gesto com o longo braço de uma só grossura, os olhos baços, aparentemente desinteressados, fixos em nenhum de nós, adiante, além de todos.

— Maneí.

Compreendemos ser esse o seu nome.

— Perguntar! — ordenou.

Só Jimenez teve coragem:

— A Terra? Que se faz com ela… para, sim, para custar a morrer, para dar tudo de que… precisa? Para ser boa, também…

Maneí movia os lábios, hierática, impenetrável. Era um zumbido ininteligível para nós. Mas Jimenez balançava a cabeça e se peneirava como um cachorro feliz, sobre seu estrado. A resposta era só para ele, percebemos. Daquele dia em diante, cada qual teria a sua, se possuísse naturalidade bastante para perguntar.

Quanto a mim, soube facilmente logo o que queria. Maneí era a única mulher entre os "professores". Vinham de Deimos, mas sua origem era o devastado planeta Marte. Eram os últimos *manuietis*, raça cósmica que se extinguia, enquanto os *aruetís* se multiplicavam sob as condições mais terríveis.

Entre um e outro questionário dos companheiros que iam conseguindo vencer a abafante sensação de inferioridade, diante de nossa "mestra", indaguei:

— Por que se consideravam os manuietís a *raça cósmica*? Qual a diferença entre os *manuietís* e os *aruietís*?

Tudo me foi explicado, como se fosse na minha própria língua, de forma claríssima, mas eu percebi que a mensagem escapava aos demais. Os manuietís não tinham nem nome, nem lugar.

— E o seu nome, então? — perguntei.

Respondeu-me, com minha própria linguagem, que aquilo não era nome de dividir. Queria dizer: A QUE TEM FILHOS.

— "Mãe", então?

Maneí concordou: queria dizer MÃE.

— E Iguí?

Ela prontamente esclareceu que era "Aquele que dá o Recado", e também "Bom ar".

Com algumas rápidas explicações, soube que os aruietís eram um pouco menores, tão adiantados quanto os outros, mais prolíficos e viviam subjugados pela ânsia da Terra. Além disso, como nós, tinham individualidades muito diferenciadas, nomes especialmente seus e conservavam a memória de muitos feitos pessoais. Quanto aos últimos manuietis, eles se encontravam sempre em expedições siderais, depositando num e noutro ponto, onde houvesse seres capazes de absorver suas ideias, aquilo que constituía a sua razão de ser.

Inquiri, ainda, sobre se não sofriam com a destruição de seu mundo de origem. E Maneí me respondeu que não, que todos os de sua raça prosseguiam vivendo no Sem Nome. Achei que aquilo era a maneira de expressar Deus. Aquele primeiro sonho me houvera revelado o Centro da Criação, a chama viva de Deus, produzindo a inimaginável gestação dos mundos.

⁂

Naquela noite, num encontro da biblioteca, houve o desafrouxar simultâneo dos vários segredos. Quem começou foi o fazendeiro do Oregon.

— *Eles* negam o nome de cada um! Com isso, negarão, naturalmente, o nome de Jesus Cristo!

Perguntei por que tinham esta atitude contra os nomes individuais e ela (a Mestra) respondeu: "Porque são como as folhas iguais, que o vento levanta mais alto. Todos são folhas".

Em algum lugar eu havia lido qualquer coisa sobre isso. Sim, talvez no Padre Vieira.

Enquanto o fazendeiro ruminava a sua decepção, o professor de história de Moscou bem se abismava em considerações quase frenéticas:

— Com isso, *eles* querem abolir a história, afirmando que enlouquece e divide. Como estimularemos o homem em seu sentido de progresso, amputando-lhe o *nome*? Com franqueza, não fosse ter recebido ordens expressas para ficar *até o final do curso*, voltaria amanhã mesmo para Moscou. Mas é uma traição à raça humana! — resmungava.

Carlton Smith quis falar, mas a astrônoma da Baviera, placidamente, entrou na conversa tentando acalmar os ânimos:

— Por mim, estou plenamente satisfeita com a nova teoria sobre os meteoritos, assim como a da informação a respeito da origem dos cometas. Quanto à questão do Tempo Sideral, tive um esclarecimento que me satisfez muitíssimo.

O físico belga comentou, acaloradamente, a estrutura dos mundos, o que havia obtido sobre o que chamava de "Composição Inicial".

O nervoso jornalista novaiorquino não conteve mais a sua profunda revolta:

— Posso garantir — porque esclareci o assunto, em todas as minúcias —, que eles consideram a poesia como a própria incapacidade humana. Dizem — estava esbaforido — que a poesia não é mais nem menos do que o prenúncio de nossas faculdades telepáticas — ainda em enorme atraso, em relação aosmanuietís e aos aruietís. Eles reduzem a zero a poesia e a história. Sinto-me doente. Tenho náuseas…

Mons. Brunini chegou, rosado e sereno:

— Meus filhos — disse —, sei que é difícil deixar de ser gente comum. Mas agora é necessário. Lembrem-se de que eles *tentam* chegar a vocês. E têm, pelo menos, duas virtudes teologais: a fé e a caridade.

— A fé, o senhor disse?

O fazendeiro do Oregon agarrava-se à Bíblia, para purificar-se.

— Segundo me foi contado, eles se referem a Deus como ao "Sem Nome". Maneira bem estranha de chamar, mas, afinal, eles sabem o que querem dizer…

— E a caridade?

O fazendeiro alisava a Bíblia, como um ser vivo.

— Eles tentam entregar-lhes o que possuem de melhor. Caridade, meus filhos, sempre foi isso. E o fazem só pelo amor do… Sem Nome.

Ria, divertido e manso.

Reparei. Durante todo o tempo da conversa, o novaiorquino fechava os olhos e colocava as duas mãos sobre o ventre, curvando-se na cadeira.

— Monsenhor — gemeu — creio que estou com uma crise de apêndice… já tive uma vez e não me quis operar… não aguento mais!

De madrugada, houve um pequeno tropel de enfermeiros e de guardas. Ele foi levado, gemendo alto, numa padiola. Seu quarto era vizinho do nosso.

— Ei, companheiro! Vamos sair um pouco? Ouça os passarinhos. O americano já foi embora. Agora… ai, que saudades!

José Jimenez, encorujado em seu manto, silvava para mim:

— Vamos, meu amigo.

Saímos sem fazer ruído para as bandas do parque. A grande porta gradeada, que fechava a nossa ala, fora deixada aberta pelos que carregaram o americano.

Era madrugada com brumas róseas baixando nos jardins do Vaticano. Havia um último orvalho, que nos esfriava as faces, um rumorejar de aves escondidas e ainda sombra negra nos ciprestes.

— Ei, companheiro, aquela coisa — como? — *apendicite* foi dar justamente no jornalista. E jornalista não é da raça que põe a boca no mundo?

Aproximávamo-nos da gruta de Nossa Senhora de Lourdes. E um breve, esperto e exíguo vulto branco abriu a grade que fechava o pequeno recinto.

— O papa!

Jimenez apontou.

Ele veio chegando, ativo, o passo cadenciado e firme. Parou e nos abençoou. Disse-me:

— Sei que você é o nosso filósofo da boa alegria do Rio… a alegria nos faz caminhar mais rápido…

E, para Jimenez:

— Você é o homem da terra. Sempre fiel à terra, e isso é bom.

Abençoou-nos mais uma vez e partiu, caminhando duro, rapidíssimo.

Chegamos à gruta. Encostada nela estava uma colossal imagem.

Era Maneí.

Respirava com esforço, toda coberta de umidade. Seria o orvalho? Ela ficara ali durante a noite? Flutuava um bom odor de leite recém-ordenhado.

Já não tinha nenhum receio. Perguntei-lhe o que fazia, e ela levou o longo braço murcho e branco em direção ao papa, dizendo que ele lhe havia revelado a nossa

Maneí.

Ficou depois, derreada, lânguida, sobre a parede da gruta. E um grande pássaro deu um pio agudo e roçou por ela, tal se fora a sua costumeira pedra.

Maneí transmitiu-nos a sua mensagem: jamais havia visto um pássaro. Seu mundo, nem tampouco outros que conhecia, não possuía esses seres.

O pássaro vinha e voltava. Ela, sempre estática, o seguia com movimentos instantâneos do olhar.

Afinal, Jimenez, dando um salto, o apanhou. Era uma bela gralha. Ele, impetuosamente, elevou muito o braço e o depositou à altura do colo deManeí. Ela agarrou, rápida, a ave que desapareceu em sua longa e reta mão, prendendo aquela boa vida quente que se debatia.

Transmitiu-nos:

— Nunca.

Estava mais e mais orvalhada, como lousa banhada por chuva copiosa.

— Nunca? — perguntei-lhe, mais forte em minha pequenez. — Um pássaro… nunca. Junte isso, goze isso. Dou-lhe, feliz, a nossa poesia, que vocês recusam…

⁂

Os últimos esclarecimentos vieram. Fizemo-nos íntimos dos nossos mestres. Eles ocupavam um salão especialmente pressurizado e podiam descansar quando quisessem, num clima de altitude de dez mil metros.

Maneí era quem mais saía desse "conforto" com risco para sua própria saúde. O orvalho que nela vira não era senão o intenso transpirar, qualquer coisa de monstruoso de sua pele despigmentada. Os outros três mestres(eles se diziam Alarí, o que queria significar Pai) também já haviam chegado a uma proveitosa intimidade com os "alunos". Foi objeto de hilaridade, na biblioteca, ter contado a moça de Madrid que um deles lhe havia arrebatado a tapeçaria, manifestando-lhe, fascinado, a convicção de que aquilo era o mais perfeito resumo do Mundo da Cor.

Depois do nosso encontro com Maneí, de madrugada, encontrei-a nas "aulas" bem menos pronta em suas respostas individuais. Sua face, que eu já aprendera a fitar sem constrangimento — aquela longa, piedosa e devastada face —, ficava alguns instantes paralisada, morta. Soube, mais tarde, que eu lhe destilara, sem o saber, o veneno de uma outra sorte de traição. Entre Maneí e seus companheiros, a dúvida se instalou — segundo me contou a astrônoma, que tendia a aceitar, totalmente, as inspirações dos mestres. Maneí já estava correndo o perigo de se descaracterizar como verdadeira manueití. A astrônoma me confiou num recanto da biblioteca:

— Os manuietís têm a saúde de suas convicções. Quando as perdem, adoecem e se degradam. Nosso mestre acha que Maneí não deveria ter vindo. Ele nos disse que no topo de nosso mundo há descendentes de manuietís de uma expedição vinda há dois séculos; que os terríveis *yetis* de hoje são descendentes da nobre raça cósmica! Eles não quiseram deixar o planeta e se degradaram e se animalizaram. Maneí deve sair, logo, de junto de nós. Ela já está sendo contaminada. Os sinais de doença são evidentes.

A sucessão de ensinamentos prosseguia, entretanto. Considerava Maneí com simpatia diferente. Um dia, quando levou seus longos e esquálidos dedos à testa, para alisar os descoloridos cabelos, tive a impressão de que ela se tornava uma caricatura de mulher, e uma ternura diferente me veio.

Em certa manhã, fomos chamados, quando havíamos chegado à nossa sala, por mons. Brunini. O papa queria ver-nos. Fomos diretamente ao salão, onde havia o "troneto". Agitado, inteiramente fora de seu ânimo natural, mons. Brunini nos fez uma pequena arenga aflita:

No Anfiteatro Green, de Nova York, em imagem concreta fora levado o espetáculo intitulado *A Universidade Marciana*. O público viu descer a nave aérea sobre a Igreja de São Pedro, viu os mestres extraterrenos numa reprodução perfeita dos manuietís e, em seguida, acompanhou o enredo de um valoroso jornalista, que se introduzia no Vaticano, para fazer a maior reportagem do século. Ele conseguia evadir-se, depois de vários atos temerários e de iludir a vigilância da guarda do Vaticano. E alertava o mundo todo: naquela casa se infiltrava, através da inspiração dos manuietís, o maior perigo para a humanidade. Eles eram destruidores naturais de nossas tradições; negavam nossos heróis e abominavam a individualidade, procuravam arrasar nossa história como pomo de discórdia e relegavam a poesia à imaturidade dos seres que não alcançaram a sua perfeita expressão.

O espetáculo constituía, todo ele, um ataque à política do Vaticano, que permitira a realização dessa universidade desumana.

Quando mons. Brunini atingiu esse ponto, o Santo Padre, com seu passinho curto e vivo, entrou na sala. Ajoelharam-se todos — menos, é claro, o fazendeiro do Oregon. Depois de ter abençoado um a um, o papa, que ouvira as últimas palavras de seu confessor, tomou o mesmo assunto:

— Meus caríssimos filhos, o mais grave ainda não foi isto. Afinal, a discrição deveria ser esperada, mas não foi pedida, e o jornalista americano poderia ter saído livremente, sem recorrer àquele expediente da crise de apêndice. O mais grave é que lançada a informação (e deturpada) sobre a Universidade Marciana, os resultados foram os mais contraditórios e espantosos, numa terrível repercussão do acontecimento. Basta dizer que ontem, no México, influenciados pela "nova cultura"

exposta no espetáculo, os estudantes saquearam bibliotecas de história, e nem a polícia pôde impedir que mais da metade dos volumes fosse queimada! Na França, país de amor à literatura, foi idealizado "O inferno da poesia", como chamaram os moços. Por outro lado, líderes populares entraram no Museu do Louvre e arrancaram de lá as mais belas telas sobre batalhas e feitos heroicos! Vocês, meus filhos, saberiam disso, de uma hora para outra, pois, embora estejam entregues aos seus estudos, têm liberdade para sair. Quero preveni-los de que chego a recear por tudo que conservamos para a humanidade em nosso museu! Foi um lastro de fogo que se abateu em dois dias, apenas, sobre o mundo. "Abaixo a história! Abaixo a poesia!" é o que se ouve nas ruas. "Viva a nova cultura manuietí!"

Tudo foi contado naquela sua fala doce e meio feminina, gargarejada, às vezes dos orientais.

No mesmo instante, nos convencemos de que havíamos chegado ao fim dos nossos "estudos".

— Meus filhos — continuou o papa chinês —, rezem e aguardem, que serão avisados logo do que se decidir.

⁂

Naquele dia, não tivemos mais aulas. Os mestres ficaram invisíveis, naturalmente resguardados em sua sala pressurizada, de acordo com suas naturezas. Lembro-me de que tivemos uma tarde de trevas e depois uma noite ameaçadora com forte ventania. Parecia-nos sentir forçar, a cada momento, a enorme porta de nossa sala. Espiávamos pelas vidraças e víamos, sob a violência do vento, os vultos da guarda extraordinariamente reforçada, disposta em toda a extensão da praça de São Dâmaso.

Quando nos reunimos, depois de um jantar de nervos tensos, na sala da biblioteca, tivemos uma surpresa: mons. Brunini nos esperava e com novidades sensacionais. Mostrava-nos, rindo, várias folhas da imprensa, e nós só pouco a pouco fomos percebendo de que se tratava, pois ele baralhava tudo. O jornalista novaiorquino comparecera à rede mundial das imagens concretas para dizer que aquele espetáculo não fora nem mais nem menos que um simples enredo de ficção científica. E, a propósito, lembrou: havia trinta anos, um homem chamado Orson Welles fizera também no rádio — hoje inexistente — a invasão marciana. Pessoas fugiram em pânico de seus lares, multidões procuravam as estradas. Houve até mortes, nessa ocasião. O *seu* espetáculo, dele, Carlton Smith, fizera menos prejuízo — pois a história e a poesia continuam guardadas na memória de todos e na maior parte das estantes do mundo. Abandonaria, afirmou, o jornalismo pela ficção, depois disso, "embora me

odeiem por haver criado este embuste. Nunca houve, nem haverá uma Universidade Marciana. Como se pode admitir isto, sabendo ser Marte um mundo onde nem há mais vida animal?".

⁂

Quem seguiu até aqui o meu depoimento sobre a Universidade Marciana já considerou, evidentemente, vários "absurdos". Um deles seria o de que só tivéssemos duas personagens do Vaticano ligadas a nós: nem será preciso enumerá-las.

Se o encontro fosse em outro lugar ele constituiria, na verdade, umaimpraticabilidade, mas no Vaticano não, pois que é, e até hoje, o único Estado onde as ordens não são discutidas nem fermentam porquês. É lógico que tínhamos o criado que arrumava nossos quartos, o que nos servia a mesa. Possivelmente, só Brunini, na ausência dos Alarís e de Maneí, entrava e desligada a pressurização na sala dos mestres. Os raros habitantes daquela parte do Palácio sabiam que ali estavam os bolsistas, em reunião. Por mais que me concentre e procure recordar um único olhar de curiosidade, por parte dos criados, ou uma atenção mais atrevida dos vistosos guardas suíços, lá do pátio para nós, verifico que só tivemos *uma* indiscrição: a de Carlton Smith, que procurara enfim remediar o mal causado. Os jornais continuavam a falar dele, aconselhando enfático à moçada, que se desregrava por onde fosse exibido *A Universidade Marciana* em imagem concreta. Usava frases de estupendo mau gosto:

"Se houvesse criaturas que apresentassem razões contra nossos heróis e nossos poetas nós as repeliríamos como se fossem ataques dirigidos a nossos pais!"

Em Buenos Aires, ergueram fogueiras, onde volumes e volumes de história da biblioteca municipal foram queimados. "Morra a história que mente e divide!"

Em Moscou, estudantes fizeram uma pira gigantesca só de livros de poesia. Dançaram em torno, até que foram presos: haviam também danificado uma ala da universidade, a de história, e cantavam:

"A poesia é ignorância. A poesia é veneno. A poesia é inconsciência. A poesia é superstição."

Comentei com o professor moscovita aquela atitude de seus alunos, e especialmente a "fogueira da poesia" de Moscou. Custou a encontrar a frase que satisfizesse. (Falávamos ambos bem mal o inglês). Afinal, conseguiu exprimir-se:

— … É preciso ter uma outra perspectiva. E, passando à sua seara: *eles* têm, de uma forma… diferente… estranha, a *sua* memória… quase que se poderia chamar de sua *história*. A memória… cósmica. Agora estou convencido disso.

⁂

O desmentido de Carlton apenas atenuara o mal, não o afastara.

Mons. Brunini enternecia-se com a ânsia de recuperação do jornalista:

— É um bravo rapaz. Faz o que pode.

— O senhor aprova a mentira? — perguntou, fermentando de malícia, o fazendeiro do Oregon.

— Não, mas aprovo os homens de boa vontade. Ele faz tudo que pode para reparar seu erro.

O clima mundial desencadeado pelo espetáculo que produzia, principalmente nos jovens, um fragoroso ressentimento contra a "nuvem da ignorância" (a poesia e a história) abreviou nossos trabalhos. Tivemos, entretanto, mais uma última aula. Maneí estava tão suarenta e abstrata, que nós nos sentimos comovidos. Assim mesmo, satisfez o físico belga. Era uma questão a respeito da transmissão das mensagens luminosas. Zumbia a sua informação e só ele a captava. Mais tarde, o belga nos contou, muito por alto, zeloso já, de suas futuras "descobertas". Contentou, também, o fazendeiro do Oregon, zumbindo, só para seu entendimento, sobre a proteção das plantações contra ciclones e estiagens. A Jimenez, particularmente ensinou como criar os elementos que dão aos animais o impulso de viver. Jimenez nos fez questão de revelar, depois, que Maneí tinha uma espantosa teoria, segundo a qual os bichos morrem também quando não têm *vontade de viver*. E Maneí tinha acrescentado: bichos e até mundos morrem de cansaço como qualquer manuetí.

A mim me contemplou com sua riqueza de novas imagens da origem comum, ensinando-me a fraternidade dentro da criação. Através da mensagem de sonho de Maneí, um São Francisco do Espaço me falava. Depois, com enorme esforço, seus lábios lançaram legítimas palavras humanas. Eram tímidas saudações, adeuses constrangidos:

— Estar em nossos… sonhos.

Soubemos que não demorariam a partir. O papa encerrava a experiência, e nos mandava dizer. Mons. Brunini estava alarmado com as últimas consequências da nova febre que empolgava a mocidade no mundo.

— Loucos já começaram a agir em nossas praças. No Corso Humberto Primo, rebentaram colunas…

Não vimos mais a nossa Maneí. O último encontro na biblioteca foi repassado de um sentimento de companheirismo triste. Voltaríamos cada qual para seu longínquo recanto e, provavelmente, jamais nos encontraríamos. Foi nessa última noite do Vaticano que mons. Brunini contou o que se passara com Maneí.

De madrugada, o Santo Padre, indo rezar à gruta, a viu arquejante, cercada pelos três companheiros. Eles lhe transmitiram ter Maneí sistematicamente, naqueles últimos dias, recusado a dormir na sala pressurizada. O papa viu-a então, na claridade nascente, escorregar do encosto de pedra. Trazia na longa mão uma ave esmigalhada.

Os companheiros logo a iam carregando, toda transpirada e gemente. O papa pediu que esperassem. Eles estacaram rígidos. E então o Santo Padre, pequenino, diante do grupo colossal, formado entre os ciprestes do parque, ergueu a mão e disse as primeiras palavras do sacramento do batismo. Mas foi cortado por um alarí.

— Não, se ela tiver um nome não será mais nossa irmã, já não será manuietí.

O Santo Padre tentou andar. E não podia. E viu que a levaram, instantâneos, para sua sala, quase moribunda.

⁂

Despedimo-nos de Pio XIII às dez da manhã.

Fez-nos um pequeno sermão sobre a verdade.

— Cada um de vocês apenas libertou o que já tinha dentro de si mesmo.

E, para cada um dos bolsistas, calmamente, expôs o que julgava ter sido o saldo da experiência. Tudo que os manuietís ensinaram estava, em semente, dentro de cada personalidade. Cada qual pudera ver melhor o seu setor: o filósofo, o agricultor, a astrônoma, até mesmo o historiador, que se colocara num outro plano.

— Mas — concluiu — são reações certas, quando no íntimo, mas *erradas* se tornarmos públicas. Ainda carecem de transplantação e amadurecimento em nosso meio. Houve boa razão para que os líderes mundiais desaconselharam a experiência. Todavia, em Deus, não me arrependo. Sei que vocês voltam perfeitamente *humanos*.

O fazendeiro do Oregon não podia deixar de ser desagradável pela última vez:

— O papa decerto também ficou sabendo que os aruietis nos espreitam e nos invejam…

— Meu filho — disse. — O que nós devemos recear é o ódio dentro de nossa casa. Deus proverá — E, com uma careta de infinita bondade: — Não foi sem alguma razão que Ele escolheu *esta* como a sua, e aqui teve seu bom nome humano. Foi o nosso régio quinhão.

— Santo Padre… — Eu tremia. — E Maneí? Que foi feito dela?

Ele teve um silêncio. Em seguida enrugou-se, satisfeito:

— Partiu tocada pela graça da Terra.

⁂

Com mais dois dias no hotelzinho em Roma, a vadiagem por museus e monumentos, e eu ansiei por nossa Copacabana. Jimenez abandonava-me, preferindo muito naturalmente a companhia da pequena de Madrid, que seguia, de dentes à mostra.

Li, no *Osservatore romano*, que havia começado, depois do "planejamento efetuado durante aquele mês", a portentosa obra de minuciosa reconstituição de todo o Vaticano. O papa, agora, em Castel Gandolfo, havia recebido peregrinos e fizera um notável discurso em torno do nome cristão. Em cada nome se inscrevia a herança dos mártires e dos apóstolos. "É preciso honrar, e cada vez mais, o*nome* que nos distingue."

Na quinta página de um outro jornal li as declarações de um indivíduo que jurava ter visto uma enorme nave aérea, de tipo desconhecido, à pouca altura da Via Ápia. E havia, sob o retrato do assustado romano, este comentário:

"AINDA HÁ QUEM VEJA NAVES DE 'MARCIANOS'!"

Os ciprestes de Roma, as esquivas aves despertando sob o ruído dos sinos, as redondas árvores das praças, a cúpula de São Pedro e logo abaixo os apóstolos — menos quatro.Eu partia. Sentia falta de Jimenez, que retardava, até suas últimas liras, a partida de Roma, e festejava a madrilenha com suas cavalares e saudáveis efusões.

Depois da longa estrada — aqui e ali um resto do passado numa estátua, numa visão fugidia, atingi o aeroporto.

Meu companheiro no avião foi um brasiliense. Isso me arrepiou. Ele não parava de contar vantagens:

— Estamos inaugurando em Brasília o primeiro anfiteatro de imagem concreta no Brasil, e com aquele espetáculo que tem pegado fogo por aí a fora: *A Universidade Marciana.*

— Sim… Deve ser boa diversão para cretinos…

O homem zangou-se. Eu me senti na pele do próprio fazendeiro de Oregon.

Voávamos a grande altitude e agora era noite. Uma noite limpa, de germinação de estrelas. As asas do avião espalhavam uma claridade que, de pronto, foi como que esfacelada em pequenas imagens. Percebi claramente um longo seio de fêmea — um pássaro — um rodopiar de folhas e, por último, um sol: o destino da raça cósmica, o sentido do fim de *nossa* Maneí.

Sempre haverá quem sustente que tudo partiu de um mero espetáculo de ficção científica, gênero muito popular então, mas agora totalmente esquecido. E os que provam por A + B que a Universidade Marciana numa existiu dizem sempre: "O papa Pio XIII jamais disse uma palavra sobre o assunto…" (Quando um jornalista americano

pretendeu forçá-lo a falar no caso, Sua Santidade perguntou, bondosamente: "Mas, por que, meu filho, você não entrevistou o próprio autor de *A Universidade Marciana*? Você não estava muito mais perto? E ele não gosta tanto de dar entrevistas?").

Essas pessoas também invocam que os outros alunos jamais se manifestaram… Não havia nenhum motivo plausível para esse silêncio. Até mesmo a suposta coação moral do papa deveria ter cessado pois que ele morreu, um ano depois. (Lembro-me de Pio XIII no caixão, de sua figura em imagem concreta, e daquela ideia meio profana que me colheu. Parecia um mirrado macaquinho, um doce um macaquinho sagrado em sua mortalha).

Mas os que negam sistematicamente a Grande Experiência fingem ignorar que há um inexorável nexo entre várias descobertas científicas que ocorreram um pouco antes e também logo depois da morte do papa chinês. O primeiro relógio sideral foi construído na Holanda, lembram-se? De qualquer canto do Oregon um homem deu ao governo dos Estados Unidos as mais sábias sugestões sobre a defesa contra vendavais e tempestades — fato que culminou no contendor máximo, capaz de anular, quase, a força destruidora dos tornados e furacões… No sul da Argentina — recordam-se? — um indivíduo *desconhecido* forneceu a cientistas de Buenos Aires os elementos que determinaram a Revolução do Atrito da Agricultura moderna e que praticamente estão revitalizando as áreas desérticas ou semidesérticas das Américas. Na Bélgica, novas *leis da física* foram promulgadas — e na mesma ocasião, procurem recordar, um novo e triunfante conceito de história foi sugerido ao mundo por Moscou, abrangendo a vida como um todo. A astronomia ganhou outro sentido, não apenas com as expedições que se seguiram, mas, principalmente, com as descobertas feitas na Alemanha, através de geniais estudos oriundos de um grupo de astrônomos da Baviera.

O orgulho patriótico das nações recomendava, muito normalmente, que a inspiração não fosse mencionada!

Esta é a verdadeira resposta aos que reputam como grosseira mentira a nossa "Universidade Marciana".

Vivi, sobrevivi. Conheci três Copacabanas. Agora, o novíssimo perfil da avenida de edifícios convexos, suas novas cores, os cristais lilases e superpostos das construções, que se inclinam para a praia, os silenciosos e instantâneos coletivos que se sucederam aos alegres e rumorosos veículos de outrora, como que abafaram minhas ilusões de filósofo. Sou um velho que, às vezes, chora pelo pouco que fez e às vezes ri confortado, pelo muito que viveu. Um ancião que se comove em certas ocasiões e que se regozija em outras, pois os moços já não depredam museus e atiram livros ao fogo. Mas não há juventude que não esteja empenhada na nova ordem universal. É o hálito da origem que nos bafeja, agora, e isso é bom.

O CARIOCA

Às duas Zelindas

Ficaram à mercê do vigia, um nortista de falar sozinho, que bulia, ela pensava, pelos fios elétricos e na instalação de gás. Às vezes, todos os aquecedores do prédio vazio enfureciam-se, incendiados por chamas vivíssimas. Outras, o único elevador, tapado ainda de sacos e de esteiras, ficava teimando: não subia além do sexto andar, ou então despencava dois ou três andares, retomando sua descida natural, após a vertigem dos visitantes que iam fiscalizar suas faturas habitações.

Moravam no último andar — o décimo segundo — e se avistavam através da área pelada de plantas e ainda triste de borrões de cal. Sabiam vagas coisas um do outro. Ao perguntar pela vizinha ao guarda do prédio, ele ouvira a informação, dada de lábio espichado e levantar de ombros:

— Sei que é resto de defunto.

E ela, querendo saber a respeito do único morador daquela vastidão, cheirando a tinta fresca:

— Coisa boa ele não faz, porque tem tudo trancado.

À noite, o homem desligava a eletricidade, que havia oferecido às mais diversas manifestações, durante o dia: lâmpadas que acendiam em luz vivíssima, piscando e queimando, em seguida; rumores subterrâneos no aquecimento central que entrava a gorgolar. E o vigia, soberano, dizia à senhora — a única a fazer reclamação:

— O azar é seu, madama. Quem pariu Mateus que o embale. Ninguém mandou a senhora mudar antes da hora. Desligo a luz às nove, o resto é por sua conta e do outro que também se meteu por aqui.

Com explicações como essa, ou nenhuma, o nortista desligava a energia do prédio e ia tomar parte numa reunião de paus de arara num outro edifício em construção. Eles se espichavam nas redes, fumavam. Uns tocavam violão, outros contavam histórias de suas terras. E um ventinho do mar mandava a saudade da arejada e limpa noite sertaneja. O horário do encontro com a terra tanto podia ser a nove como as oito, ou até às sete. "Os avexados que se danem".

Conheceram-se, de falar e cuidar, só uma semana depois de se terem avistado, diariamente, como ilustrações curiosas. Naquela noite, chegaram ao prédio às oito e meia. O vigia já havia desligado a luz. Então, subiram juntos as doze escadas, na escuridão, sob lampejos de fósforos, e risos nervosos da mulher.

A princípio, ela conservou os sapatos de salto, tão ressoantes, a ponto de incomodar. No terceiro andar, quando falseou o pé por tê-lo enfiado numa falha de ladrilho, ele sugeriu que ela descansasse, e lhe pareceu gentil ver o vulto baixar de altura suspirando. Sentiu-se, em seguida, vagamente interessado no ritmo comum das respirações. No quinto piso, como subissem depressa demais, passara a respirar quase ruidosamente. Esse rumor compartilhado o levou à recordação de um seu velho costume — o da criatura que estertorava como para morrer. Mas esta respiração, a de sua vizinha, era muito mais jovem, delicada, e até cheirosa, pois que seus hálitos se entrecruzavam acima das chamas dos fósforos. Se a vizinha era viúva, então agora deveria estar constrangida, com o fungar mais violento, que ele já não conseguia reprimir, e como que se dirigia à nuca invisível da companheira. Isso não poderia deixar de trazer qualquer lembrança. Naqueles instantes, forçosamente, ela pensaria no marido.

No sétimo andar, havia uma quantidade de pias e fogões atravancando o corredor. O vizinho, só então, muito gentilmente, ofereceu o braço à companheira. No oitavo, eles se separaram. Estava desimpedida a passagem, que desembocava para uma janela deixada aberta, retendo um clarão de lua invisível que fingiram ignorar. No nono, ela assustou-se com o bater das portas e no décimo e décimo primeiro, através dos movimentos iguais da vizinha, ele provou qualquer esquisita sensação de posse. Chegando ao décimo segundo, a ilusão desfez-se:

— Muito obrigada. Se o senhor quiser descansar um pouquinho…

Aquilo era encantadoramente idiota, pois bastavam alguns passos para que ele atingisse a porta do seu apartamento e se largasse na cama. No entanto, aceitou o convite, se bem que se acusasse interiormente por não ter sabido manter o isolamento a que se propusera quando mudara para ali.

Um fósforo ainda — ela rodou a chave — e se acharam numa escuridão apenas mais impermeável, recendendo a um vago odor de óleo de limpar móveis. Então, a vizinha tateou, rindo e falando no escuro, e acendeu as duas velas virgens que ornamentavam a mesa.

— Gosta do arranjo?

Calçou os sapatos, indicou o lugar ao companheiro, sentou-se dona de casa diante dele, na mesa. Só um olho se clareou, meio lavrado e misterioso como recém descoberto engenho de ouro.

Ele exagerou:

— A senhora fez milagres! O apartamento parece ter o dobro do tamanho do meu!

Era quase um salão. Pareceu o sofá cama, um guarda-vento chinês, o vaso com flores de plástico, e acima da cabeça da vizinha, num grande retrato, o vulto de um homem numa canoa. Não via bem, mas achou que ele devia estar rindo e com a superioridade do riso da segurança.

— … Algum parente?

— Meu marido. Morreu há dois anos…

— Ah!

Comovidamente, contou. Ela, que nunca soubera tirar boas fotografias, fora excepcionalmente feliz naquele passeio. Não poderia haver retrato mais parecido…

— Uma semana depois, ele caiu de cama e nunca mais se levantou…

Parecia estar radiante por ter a quem contar as dificuldades passadas. Elogiava o marido e se queixava da família dele, de suas mesquinharias.

— Não imagina como estou bem, agora, aqui sozinha, depois do tal "apoio" que eles me davam… Trabalho de manhã na prefeitura, passo as tardes descansando e vou ao cinema na sessão de seis às oito… Ainda agora estou chegando do metrô…

A boca avermelhada, sob a luz, os dentes brilhavam, para ele, e os olhos agora, eram sombras negras.

— E o senhor?

Ele pretendeu escapar. Fingiu que pensava que ela se interessasse por sua família.

— Meu pai era quase um velho. Um vice-almirante. Eu nasci quando ele estava em missão na Inglaterra…

Discorreu sobre sua infância descosida pelos mapas.

— Mas o senhor… o que faz?

Ele ficou tolhido.

— Tenho uma atividade pouco comum… Meu trabalho interessa a muito pouca gente. Nem vale a pena contar…

— Pelo contrário.

— É um ramo no qual até hoje nenhuma mulher apareceu.

Ela achou que respondeu brilhantemente.

— Isso não quer dizer que ela não tenha aptidão para apreciá-lo.

— Eu me dedico à cibernética.

— Como foi que o senhor disse? Ciber…

⁂

A camaradagem e a conveniência não vieram, em seguida, como era de supor. Pelas manhãs, uma toalha enrolada nos cabelos, a vizinha dizia vagos com certa formalidade. Nunca mais se encontraram a sós.

Dentro de duas semanas, os donos e inquilinos do prédio começariam a se mudar. Ela já conhecia algumas senhoras e havia feito festinhas às crianças que em breve estariam povoando a área de risos e de gritos.

Passaram-se, assim, alguns dias em que se olhavam novamente, de longe, como figuras num livro aborrecido, quando houve uma mudança. As persianas dele ficaram fechadas. Não ocorreu mais o cumprimento. Três ou quatro dias depois, o vigia encontrou-se com ela à entrada do prédio.

— E agora essa! O homem está ruim mesmo!

Com isso, deu as costas à viúva. Ela o reteve, adiante.

— Então o vizinho está doente?

— Está — respondeu de mau humor. — Não tenho outra coisa a fazer senão cuidar desse homem. É a tal história: mudam antes da hora, e depois um pobre de Cristo, como eu, que aguente. Está com um febrão daqueles!

A vizinha foi visitá-lo. Ficou, primeiro, à porta, constrangida, perguntando se ele queria alguma coisa. O vizinho, já meio barbado, soergueu-se um pouco na cama, os olhos fuzilando de febre, o rosto em fogo.

— Deve ser gripe. Nunca fiquei doente.

No meio do quarto havia uma cortina descida e para ela corria uma enxurrada de pequenos objetos, papéis amarrotados, roupas.

— Quer que eu dê alguma ordem? O senhor teria mais conforto.

— Não é preciso, minha senhora, eu estou bem.

Ela forçou a oportunidade de servir. Ele cuidava:

— Coitadinha, deve lembrar a doença do marido — e acabou concordando, debilmente.

Ela foi à cozinha, onde as pilhas de pratos, as latas abertas, se amontoavam. Em alguns momentos, de lá voltou recendendo a sabão, com café já pronto, fumegando na xícara posta em brilho e pulcritude.

— Enquanto o senhor toma, vou arrumar isto por aqui.

— Aí não, por favor.

Ela obedeceu, meio desapontada. Recolheu roupas no chão, varreu os papéis, e quando, visivelmente envergonhada, foi dizendo adeus e se esgueirando pela porta, ele pediu:

— Sente-se aí. Fique mais um pouquinho.

Ela sentou-se na porta de uma cadeira, em cujo encosto havia aberto o roupão. Entraram a conversar muito rapidamente, quando, de súbito, ele sentou-se apertando

o peito, em dispneia, quase chorando.

— Estou me sentindo tão mal! Não aguento mais. Eu… eu nunca estive doente, nunca incomodei ninguém…

Ela chamou o empregado do prédio, despachou-o à procura do médico da primeira farmácia. E afinal, com um pouco mais de tempo, cuidou descobrir o mistério do vizinho.

⁂

Ele já estava medicando e sentia um certo alívio, mas a vizinha não deixou. O vigia não estava na portaria. Saíra sem avisar para não ouvir as reclamações da senhora. O doente ali, completamente abandonado. Talvez, se continuasse assim, o melhor seria chamar uma ambulância de um hospital. Ele ainda estava tão vencido pela febre, que aceitou a permanência dela como coisa natural. De súbito, porém, a luz — pois que o vigia sempre tinha este cuidado e ele fora tomar um cafezinho no bar, em frente — apagou. Ela acendeu a vela no castiçal já sujo de espermacete e ficou olhando para o vizinho e se lembrando — agora sim era verdade — do marido, de como o sentiu seu dependente, agarrando-se às suas mãos como uma criança apavorada, poucos momentos antes daquilo que depois soube ser a sororoca. Agora estava ali ao lado daquele esquisitão — e não sabia por que se sentia tão acalentada por dentro, com essa doença do homem. Dava-lhe a sensação de voltar, mas voltar certo, não em equívoco, ao passado. E coisas doces e resignadas lhe vieram passando pela cabeça, como se se confessasse por dentro e se pacificasse inteiramente. Foi então que ouviu um estalido, um rumorzinho pelo chão e, lá das profundezas da cortina, alguma coisa se agitou e veio deslizando. Era uma coisinha rasteira e brilhava. O doente, com o rosto voltado para a parede, parecia, agora, absolutamente alheio à presença da viúva. A coisinha veio vindo — era um pouco menor do que um prato e semelhava uma tartaruga — atingiu o campo da iluminação da vela, e rodou da lá para cá visivelmente fascinada, como se fosse um pesado inseto de verão, de asas arrancadas.

A viúva não podia nem sequer gritar. Aquilo era repelente, aquele bicho esquisito, jamais visto, que participava do brilho do metal e festejava a luz com animação tão evidente. Ela só conseguiu dar um gritinho depois de ter levantado as pernas do chão e de se ter aproximado da cama. Mas foi o suficiente para que o doente saísse de seu ensimesmamento. Voltou-se, assustado e, afinal, compreendeu:

— Mas é Toniquinho — disse. E ria manso.

— Faça essa coisa parar, faça essa coisa parar — implorou a vizinha, a aflição crescente.

Neste instante, já tendo chegado de seu café, o encarregado ligou a luz. E as numerosas lâmpadas do apartamento se acenderam ao mesmo tempo.

Agora, os pés ainda levantados, tremendo, ela viu aquele bichinho brilhante correr pela sala, esgueirando-se atrás da cortina. O doente sorria com mansidão:

— A senhora assustou-se com o pobre do Toniquinho.

Ela foi baixando os pés sobre o tapete, mas sentiu uma doida vontade de partir.

Ele sentou-se com algum esforço. Puxava a sua mão, exatamente como a vizinha, sem o saber, desejara havia alguns momentos, mas agora era diferente e ela desconfiava dele.

— Não há outro remédio senão contar. Toniquinho é parte do meu trabalho. Aliás, não há nele nenhum mérito especial. Não constitui nenhuma invenção. Estava cansado.

Ela, com simplicidade de mulher, concluiu, já de pé:

— O senhor, então, fabrica brinquedos…

— Brinquedos científicos. — Assentiu o vizinho, olhando-a demoradamente. Sorriu, depois, com simpatia. — Toniquinho sempre me prega peças.

E explicou:

— Ele reage à luz fraca, aproximando-se e, à luz forte, afastando-se.

Deu um sorriso meio conivente para a cortina, atrás da qual Toniquinho estava escondido, fugindo àquela claridade insuportável.

Ela fez menção de sair. Sentia-se meio apertada, e desconfiava cada vez mais do vizinho. Mas ele puxava sua mão e a retinha. Continuava a falar, excitado, de Toniquinho, como um namorado que faz carícias e fala em assuntos diferentes, para não afugentar:

— O prof. Grey Walter, de Bristol, fabricou três tartarugas como esta… — A viúva sentiu a quentura das mãos do vizinho. Ele não a deixava, mas também não dizia nada de terno. Agora, sem que ela mostrasse curiosidade, no paroxismo da febre, ele mesmo esclarecia: — Toniquinho, se você quiser chamar, sabe? Basta apitar, que ele aparece com um simples apito, pois — os braços eram tateados pelas mão febris — estabeleci, como prof. Walter… nas tartarugas dele — ela não percebia nada — um reflexo condicionado. Em Toniquinho — as mão viajavam nos braços dóceis — fiz reagir a uma luz, mas, experimentando esta reação com um apito, Toniquinho passou a reagir independentemente a ele…

A vizinha não entendia mais coisa alguma, mas, naquela noite, deixou-se ficar e beijar. E aquele esquisitão lhe deu uma sorte de piedade retrospectiva do marido. Ela se negara ao coitado, que ia morrer. Mas a este, não.

E ele, só então, na excitação da febre, se esqueceu de pensar que ela estava, justamente, pensando no marido.

⁂

Depois de três dias, estava completamente curado, se bem que um tanto desvalido de cansaço. E deu para queixar-se, enquanto ela lhe coçava a cabeça: sofrera com a *Fraülein*, com o primeiro internato na Suíça, o segundo na Inglaterra e o terceiro nos Estados Unidos. E, principalmente, com o desinteresse do governo brasileiro pela cibernética. E, depois de sua canção do ressentimento, vibrou com alguma esperança:

— Juntei a carta do prof. Ducroq sobre minhas experiências no requerimento ao ministro da guerra.

— O Ducroq é o tal das raposas? — perguntava a vizinha já quase bem informada em cibernética. E sem transição: — É triste que tudo tenha acontecido sem palavra de amor.

— Palavras… propriamente, não — dizia ele, fixado nos mistérios da curva de seus joelhos roliços. — Mas eu lhe posso dizer amor à minha maneira.

Bateu com o salto do chinelo no metal da cama. E as "primas", isto é, as raposinhas, segundo Ducroq, vieram para junto. Eram mecanicamente quase perfeitas.

— Não demoram muito e se afagam. Espere.

Foi o que aconteceu. Elas caíram numa sofreguidão ruidosa, e se encostavam, e se roçavam, e uniam gravemente os focinhos cromados.

— Você me desculpe, mas acho isto nojento.

— Coitadinhas das minhas "primas". São lésbicas… Mas como se amam! Amam-se porque se atraem irresistivelmente, como os que se amam.

E ele ria, com ternura paternal.

Então, de seu esconderijo, Toniquinho saiu.

— Veja — dizia ele. — Toniquinho está faminto!

A tartaruga rodou até um pequeno foco luminoso, no rodapé, junto a uma tomada de eletricidade. Voltava-se, agora, e se prendia à corrente, para restabelecer a bateria.

— As "primas" são temperamentais, mas Toniquinho é mais inteligente. Muito mais inteligente até do que o Carioca. Avalie: ele é capaz de esconder-se tão bem que…

— O Carioca?

— É. Um *trabalho*que ainda está na cidade.

Nalgum lugar do Valongo, sabia que ele tinha a sua oficina, ou seu laboratório. O Carioca estava lá. Decerto, era uma experiência científica semelhante àquela dos insuportáveis seres mecânicos, depositados atrás da cortina do seu apartamento: os

coelhos com reflexos, os macacos com "pressão sanguínea". Tudo horrível, do ponto de vista de quem aprecia os brinquedos alemães ou japoneses.

— Já vi um macaco que fuma e ri. Uma amiga trouxe de Paris.

Ele não chegava a irritar-se.

— A cibernética preocupa-se em criar *vida* e não aparência…

Aos poucos, ela conseguiu fazê-lo, ainda convalescente, mais seu, mais companheiro, vindo passar algumas horas em seu apartamento. E se queixavam tanto da vida, e se empurravam de tal maneira, desesperadamente, um para o outro, que eram como as raposas mecânicas segundo Ducroq. Só que não sabiam.

Para seus males — os dela — a vizinha já havia descoberto remédio. Possuía o seu senso prático. "E se ele abandonasse o trabalho tão menosprezado no Brasil e criasse uma pequena indústria de brinquedos não científicos, reservando os de ciência para deleite próprio? Com alguns empregados mais…".

Aquela sugestão o feriu tanto, que ele deixou a companheira abruptamente. Ela foi à porta de seu apartamento, tocou em vão a campainha. Percebia, no entanto, pelos rumores, que ele soltara o bando de suas criaturinhas repugnantes.

"Tenho de aceitar isso, como se fossem bichos de estimação. Mais ainda… como filhos escondidos."

A vizinha meteu a sessão do Rian, de seis às oito, em cima de sua decepção.

Fizeram as pazes, no dia seguinte, quando chegaram juntos — ela da prefeitura e ele de seu laboratório, ou oficina.

E se queixaram novamente, mil vezes, e se prantearam e se acariciaram resmungando e foram duas solidões a forçar uma sobre a outra. Depois, ela fez ela café, o cheiro povoou o quarto, e ele tirou uma carta em inglês do bolso. Traduzia, gaguejando um pouco, entre os goles, muito animado.

Ela foi perfeita. Pôs mais açúcar na xícara, engoliu, e fingiu curiosidade:

— Quer dizer que… o governo americano está interessado em suas experiências… Você ainda vai ganhar muito dinheiro!

— Sim — disse ele, e voltou a ser homem magoado. — Mas o Carioca, como o nome que lhe dei, é bem nosso. Tem de ser reconhecido, oficialmente, como invento brasileiro… Acho que já posso ter confiança em você. Amanhã, às nove horas, vou apresentá-lo, numa sessão secreta, para a Escola Superior de Guerra.

⁂

Naquela noite, veio ao apartamento da vizinha e não se lamuriou, entre beijos. Estava exultante. Carregou-a para um jantar regado a vinho. Foram, depois, ao teatro, e,

após, vadiaram pelas ruas para desoprimir um pouco o insuportável aperto da alegria:

— O Carioca foi um sucesso!

Ela continuava a sentir uma prevenção orgânica, de mulher, por aquelas aberrações. Mas sabia fingir.

— Até agora não sei bem o que é o Carioca…

— Acho que nem posso esconder. Seria injusto. Aliás, ele vem amanhã mesmo. Faça um cafezinho que eu conto.

Subiram as doze escadas — ele radiante, ela com uma sensação estranha de logro, impossível de ser definida. Ainda um pouco sem ar, ele leu, sob a luz do novo lampião de gasolina — ela ninava as suas más recordações — oferecendo-se pequeninos confortos — a manchete de um jornal:

ROBÔS SERÃO OS PRIMEIROS VIAJANTES A MARTE E VÊNUS.

E embaixo:

Determinados cientistas russos e americanos julgam que os primeiros "homens" a serem enviados ao planeta Marte, ou a Vênus devam ser engenhos com algumas reações humanas. Devido ao progresso da cibernética, vários robôs, com os requisitos necessários a um completo estudo sobre o comportamento da natureza humana no espaço sideral, estão sendo feitos. Até agora, os mais notáveis, são os de Krause, na Alemanha Oriental, e o de Geiffer, na Pensilvânia. Os cientistas reconheceram que ainda não resolveram alguns problemas básicos. Todavia, em breve, talvez possam proporcionar um ser mecanicamente tão aproximado do homem que...

A vizinha quebrou uma xícara.

— Meu Deus… Então o Carioca é…

— Ele vem amanhã. Vou guardá-lo aqui. Agora que está pronto, deve ser bem vigiado.

De manhã, quando a vizinha saía para o trabalho, viu, parada, uma camionete do Ministério da Guerra. Dois soldados carregavam uma enorme caixa, que punham em pé, no elevador, diante dos olhares suspeitosos do vigia.

— O Carioca — ela pensou. E imaginou o que diriam os parentes do marido se soubessem da história. Ah, meus Deus, por que viera parar ali? Por que, entre tantos edifícios de Copacabana, ela escolhera, justamente, aquele?

⁂

— Bem — disse o vizinho —, o que torna o Carioca extraordinário é a conjugação de esforços científicos que representa. Tudo o que a ciência produziu até hoje, como cérebro eletrônico, estudo da pressão sanguínea, com suas múltiplas reações,

"comandos" da energia "mental", dirigidos aos membros, tudo isso fez do Carioca um super-robô.

— Deve ser verdadeira maravilha. Mas, sabe de uma coisa? Prefiro não ver. De repente, tenho uma febre, desenrolo a língua…

— O Carioca vai ser conhecido universalmente. Logo virão buscá-lo, pois, nos Estados Unidos, dará os melhores *testes* nas câmaras de pressão.

Ele não compreendia que ela estava apavorada.

— Já está todo montado. Venha.

Diante dos olhares do vigia, que atravessava o corredor com um molho de chaves, entraram no apartamento dele.

— Tem mais essa! Ô desrespeito! — comentou o homem.

A cortina fora puxada para um lado. Na enorme caixa em que viera o Carioca amontoavam-se agora, sem vida, as "primas", os coelhos, os macacos e Toniquinho. Havia uma grande cadeira, sob a lâmpada, coberta por um lençol.

Ela tremia.

Ele acendeu a luz de tom laranja, vivíssima, e descobriu o lençol. A risada da vizinha teve um engasgo.

— Pensei que fosse mais feio. É como um sujeito que vi num filme, ontem: Explorador… Explorador do Espaço.

— Já lhe disse que a aparência não tem nenhuma importância. Mas fui obrigado a vestir assim o Carioca, porque esta é a indumentária científica das viagens siderais. Também a roupa é testada por ele. Espere um pouquinho, veja sua reação ao calor.

Ela olhava aquele monstrengo sentado, de cabeça grande e metálica, e enormes pernas gordas, em couro ou plástico. O que correspondia aos braços e as mãos estava tombado ao longo do "corpo".

Houve um barulhinho, como um tênue arranco de motor, e um "braço" levantou, a garra movente tateou pelo peito impassível, abrindo um grande botão. Então, da altura do "pescoço", saiu uma fumaça, e como que o "homem" minguou, perdendo peso. A roupa, aparentemente, deixara sair o ar, estava mais leve, e ele — mais delgado.

Pouco a pouco, ela perdia o medo.

— Até que é simpático — falou baixinho. Mas ainda tremia e estava branca.

— Preste atenção. Vou submetê-lo a um ligeiro teste de pilotagem. Não poderemos fazer outros, porque aqui não tenho o aparelhamento indicado. Mas, quando houver necessidade de controle…

Ao lado da cadeira estava uma vara de ferro. Ele, rapidamente, deu um puxão, por trás, no encosto. E o Carioca, com a mão direita, fixou-se nela rigidamente.

— Agora, vamos experimentar seu sentido vital. Como todo ser vivo, ele deve ir à

procura de seu bem-estar. Você vai sentir um pouco de frio, mas é preciso.

Ligou, no máximo, o aparelho de ar condicionado. O robô estava imóvel, agora. De súbito, somente estalaram seus vagos ruídos, que foram aumentando. E, majestosamente, o Carioca levantou-se da cadeira.

— Vou-me embora. Vou já.

Batiam-lhe os dentes.

— Bobinha. Não tem confiança…

O vizinho estava no auge do contentamento. Esse teste havia falhado várias vezes, mas agora…

O Carioca veio vindo com seus rumores conjugados: os da "barriga" e os das "pernas". Com sua garra direita abriu a porta da cozinha, passou com dificuldade…

— Venha ver!

Ele a arrebatou e ela quase chorava.

No centro da cozinha, o Carioca estava novamente *gordo* e protegido em suas vestes, parecendo aguardar, tranquilamente, que a temperatura melhorasse no quarto.

⁂

Já em seu apartamento, ela foi sofregamente ao armário do banheiro, apanhou o vidro do tranquilizante, que não tomava desde a última briga com o cunhado e a cunhada, e tomou duas pílulas.

Depois, deitou-se no sofá e ficou inquieta, esperando chorar docemente, mas o choro não veio. Meia hora depois, o vizinho apareceu e, como sempre, pedindo licença, com aquele seu jeito um pouco formal que a intimidade não conseguiu desfazer.

Ele se sentou ao lado e fez, depois de um grande esforço, a primeira confissão de bem-querer:

— Você precisa acostumar-se. Poderá ser para a vida toda, se você quiser…

Aquilo era um pedido de casamento ou o quê? A viúva desejou lágrimas, mas não as teve. Sobre eles pendia o retrato do marido, num riso mais do que evidente.

Ele lhe deu, e muito a sério, as primeiras lições sobre cibernética. Falou longamente em algo que chamou das teorias do *modelo*. Explicava tudo, como um adulto fala à criança, docemente, pausadamente:

— Quem estuda cibernética tem de enfrentar o problema humano da correspondência, da mensagem. Já é conhecida e vulgar entre nós aquela imagem das figurinhas que dançam numa caixa de música. Elas se movem segundo um modelo. Certamente, esse modelo não vai além dos limites compreendidos entre o mecanismo

e os bonecos. Elas não têm, as marionetes, outro sinal de transmissão com o mundo exterior, senão esse, unilateral, com a caixa de música. Os bonequinhos são cegos, surdos, mudos e sua atividade jamais se afastaria do modelo pré-estabelecido.

"Aí está, minha cara, a diferença fundamental entre os brinquedos mais perfeitos, que você tanto elogia, e a nossa ciência. Nós estudamos os animais, e, fazendo criaturas mecânicas, criamos a possibilidade, entendeu? De que elas se *comuniquem*, elas mesmas, com o mundo exterior, usando seus próprios recursos. Criamos, assim, verdadeiras vidas autônomas, que, embora não sejam marionetes perfeitas, têm algumas reações semelhantes às dos animais".

Ela o mirava, primeiro, sem piscar. Várias vezes, em sua solidão, havia desejado uma voz de homem junto dela, a presença de um homem. E esse simples pensamento a perturbara. Agora, ela o tinha ali e as coisas de que falava eram tão impenetráveis quanto enfadonhas. Nem sequer pareciam misteriosas e perturbadoras. Aborreciam, simplesmente. Ela, tranquilizada pela droga, não sentia coisa alguma pelo vizinho, senão um interesse a que se forçava obscuramente.

Mais uma vez, nesse dia, ele falou do dr. Grey Walter, com quem se correspondia a propósito do Carioca.

— Com muitos poucos recursos e a boa vontade do Conselho Nacional de Pesquisas, consegui montar um aparelho, não tão aperfeiçoado quanto o toposcópio do prof. Walter, é verdade…, mas, assim mesmo, fui feliz, submetendo nele a exames até seres humanos e animais. Cheguei a várias conclusões interessantíssimas a respeito do Carioca. Ele reage apenas um pouco mais rápida e violentamente do que um homem, em seu cérebro eletrônico, pois as correntes provenientes do cérebro humano são muito fracas, um décimo de volt…

A vizinha piscava agora, intensamente.

— Mas não consegui dele nenhuma reação semelhante aos que o aparelho registra quanto às emoções e sentimentos humanos, que são as chamadas ondas da atividade do ritmo teta. Você ficará assombrada se eu lhe disser que Toniquinho…

Ela cerrava os olhos.

— … reagiu dez vezes menos que um cão, é verdade, mas reagiu, sem nenhuma dúvida.

Ela abriu os olhos, sorriu fatigada, mas ainda com certo heroísmo.

— Acho que acabarei "pescando" alguma coisa disso tudo.

Ele repetiu a sua dose de esquiva ternura:

— Você me está dando sorte. Terei entrevistas seguidas com o ministro da guerra… Se derem certo, como espero, o Carioca irá submeter-se aos testes na Flórida, e depois participará do Congresso de Astronáutica de Roma, caso seja aprovado, como contribuição do Brasil.

Sim, ela começava a compreender. Aquilo não deveria envergonhá-la. Poderia ter até — a questão era aceitar a coisa — orgulho do companheiro. Faria um esforço para "adotar" os seus horrendos filhos cibernéticos. Mesmo porque não havia homem sem estranheza. As do marido… ele tinha verdadeiro desprezo pelos seus terrores com as tempestades. E ela havia vencido seu pânico totalmente, num heroísmo de amor jamais alcançado. Agora, nem que fosse a poder de tranquilizantes, ela dominaria sustos e pavores daqueles filhotes eletrônicos.

⁂

Se a cunhada, entretanto, sabendo de tudo, lhe viesse perguntar "Por que foi que você escolheu esse *tan-tan*?", ela não saberia responder sobre seu apego.

Tinha tido na rua, no cinema — principalmente no cinema — algumas incomodativas atenções masculinas. Teria sido a subida da escada? Provavelmente sim: fora a subida. Mas quem entenderia isso? Sua natureza muito feminina estava inclinada a essa servidão, que nada indaga sobre amor verdadeiro. Muitas pessoas jamais compreenderão isto, e nem deverão tentar compreender, pensava.

Assim, achou que iria caminhar naturalmente para um casamento, e se vestiria de rosa, levando flores tais como orquídeas, cravos, camélias tintas de vermelho em suas mãos, e teria, de toda a família do marido, incorporada, a demonstração mais perfeita da inimizade cordial, com os famosos e terríveis risinhos de debique.

Agora, o vizinho saía cada vez mais e ela se ocupava do apartamento dele, como do seu. Compreendia por que no prédio as lâmpadas duravam tão pouco e havia os mistérios e os ruídos no aquecimento central. O encarregado do prédio não era tão demoníaco quanto pensara. A culpa seria mais de Toniquinho, das raposas, de suas luzes, vitais ou não.

A vizinha acreditava em regras para fazer amigos, em sistemas de boa vontade, que levam à plenitude da vida. Durante a ausência do companheiro fez, ela própria, algumas experiências com as raposas-amantes e Toniquinho. Acabou perdendo até o medo de um dos macacos, o Sepetiba, que tinha reações agressivas, sob determinadas condições — por exemplo, com simples mudanças atmosféricas — era capaz de flagelar-se, rodando obstinado sobre si mesmo, ou então atirando-se ao encontro do primeiro móvel ou objeto — pois, normalmente, "sabia" contornar todos os "perigos" do seu caminho.

Ela custou, porém, a dominar aquela estranha sensação de desconfiança, de medo de fantasma, que o Carioca despertava. Só o fato de ter de limpá-lo, retirando-o de seu sudário, era o suficiente para produzir arrepios. Mas, com tenacidade feminina,

tentava, depois de ter feito com os outros, a "amizade" com ele.

O vizinho dava-lhe a chave do apartamento. Passava por uma fase de excitação tão grande, que nem tomava mais, sentado, o cheiroso cafezinho da vizinha.

Repontavam, apesar de tudo, velhos ressentimentos.

— É a tal história… Exército e Marinha. Há desconfianças com o filho do Almirante. E há também burocracia no meio, só pelo fato de que eu não tenha feito curso completo de física, você imagine. Eu, que mereço a confiança do prof. Grey Walter! Isto aqui é terra, mesmo, do complexo de caipira…

Depois mudava, achava o ministro um *homem arejadíssimo* e seu humor escaldava de entusiasmo. Mas, com tudo isso, distanciava um pouco a atenção da vizinha, ela sentia.

⁂

Tirou o lençol, acendeu a luz — a chamada luz vital — alaranjada e esperou, recordando vagas coisas das "lições" de cibernética. O Carioca, aquecido, fez o primeiro gesto: abriu o botão.

Então, ela teve um ato de audácia feminina ou de inconsequência dada pela droga: deu uma volta, numa violência contra seu pavor, e puxou totalmente a cadeira.

Pensou que o Carioca estivesse, agora, desconjuntado, imprestável. Estava caído, como um pneumático velho. Teve um vago prazer e imaginou o que o vizinho diria desse desajeitado teste seu.

Mas o Carioca entrou a gorgolar por dentro, suas "articulações" tiveram um guincho, e ele se pôs de pé. Como se "visse" também atrás, fez marcha a ré e tornou a ocupar impávido a cadeira, dois metros mais longe.

Como se chamava o tal raio? Teta? Tepa?

Ela procurava raciocinar:

As raposas se afagavam, o macaco era um sujeito neurastênico e hostil a si mesmo, Toniquinho, um imprevisível brincalhão, mas esse Carioca, até agora, não mostrara nenhuma "personalidade". Talvez o que ele tivesse fosse, só mesmo, *tamanho*, e essa roupa de viajante da lua ou de qualquer mundo desconhecido. O companheiro não estaria exagerando suas possibilidades? Resolveu usar sua argúcia rasteira, mas prática, afinal. Sentia-se mais forte, depois de ter dado o tombo no Carioca.

"Na verdade", ela o considerava em sua massa de couros e de metais, "se não tem os tais raios" — e ele já foi mais do que experimentado nesse sentido — "é um aparelho engraçado, porém mais inútil do que o elétrico, de fazer massagem, que guardo no

banheiro".

"Os tais tepas ou tetas devem ter uma influência decisiva no comportamento dos viajantes siderais. A dor da separação, o medo de estar sozinho, uma falta doida de gente igual."

Contemplava a viúva o Carioca e refletia em coisas jamais pensadas de cambulhada com outras: que diriam os colegas da repartição se a vissem nesse momento?

Teve uma ideia para mais uma experiência: abriu a refrigeração, mas não no máximo. O robô fez os barulhinhos costumeiros, iniciou a sua viagem para a cozinha. Mas, chegando à porta, hesitou, fez uma barulheira interior. Procurava o seu bem-estar, mas, aparentemente, ainda não decidira sobre o que lhe era mais desagradável: se a temperatura, não de todo fria, ou a hostil e contundente abertura, contra a qual sempre esbarrava.

A vizinha aproveitou esse instante de indecisão para chegar junto. Tocou-lhe, com absoluto domínio, o ponto mais*sensível*: o "pescoço", que reagia ao calor, e deveria reagir ao frio.

Passou a mão por ali e fez mais, com um absurdo prazer da descoberta: começou a soprar seu hálito quente, junto de onde o Carioca soltava sua "respiração" de fumacinha quando minguara.

Agora, não havia mais a contraditória barulheira interior. Dir-se-ia que o calorzinho da vizinha era delicioso para o Carioca. "O robô *decidiu* não mais sair", foi o que ela pensou, depois de uns momentos em que lhe mandou o bafo tépido.

Ela, depois disso, deu uns passos pelo quarto.

"Agora, sem aquele bom arzinho morno, ele deve procurar a cozinha", raciocinou. Mas, para seu espanto, depois de uma escala de ruídos desconhecidos, o Carioca fez a fácil marcha a ré e se colocou à sua frente, aguardando tranquilo.

"Não vamos acostumá-lo com isso", ela cuidou, um tanto admirada. E virou simplesmente o corpo.

Aí, o Carioca entrou a funcionar sôfrega e ruidosamente, enquanto ela quase ria, já de lado. E com impetuosa brutalidade a garra a alcançou, fê-la voltar-se, dolorida. Não a deixava, como não havia largado a vara de ferro.

Ela compreendeu que não poderia recobrar a liberdade enquanto não o satisfizesse. Bafejou pelo campo sensível junto ao "pescoço" do robô, e os ruídos pouco a pouco foram sendo pacificados. De súbito, ele a largou, e ela, aliviada, desligou o ar condicionado. O Carioca, longe de voltar para a cadeira, teimava a seu lado.

Não precisou muito para que ela compreendesse que ele a seguiria como um cachorro:

— Estabeleci um *reflexo* (não é assim que se diz?), como aquele do Toniquinho com a luz e o apito…

Para que o Carioca a deixasse partir, foi preciso que ela o levasse à cadeira e respirasse bastante tempo ali, pondo nele seu hálito de vida. Depois, estando o robô inteiramente quieto, ela o cobriu com o lençol e apagou a luz.

Chegou a seu apartamento com a indizível sensação de uma conquista. E esperou em vão o vizinho, até de madrugada, para contar a novidade. No dia seguinte, ela mal o viu. O vizinho viera tomar o café de manhã e falava, aos borbotões, num monólogo que só se interrompeu à despedida:

— Só falta convencer o último membro do Conselho… Vai ser hoje! Adeus! Deseje-me boa sorte!

— Boa sorte! Escute… o Carioca…

Mas o companheiro foi surdo como as marionetes da caixa de baile, do célebre exemplo da cibernética. Não houve comunicação possível, senão com o próprio mecanismo que era a atividade burocrática, em torno da oficialização do invento.

⁂

Agora, ela experimentava como que um longe de sentimento de posse; até mesmo de um certo orgulho, quando lidava com o apartamento do companheiro. Precisava "ninar" o Carioca para que ele a deixasse limpar e arrumar em paz. Conjurou até, num dia úmido e chuvoso, os demônios mecânicos do macaco Sepetiba, com a imposição de suas mãos de calor mágico. "Ensinou", sem apitar, o fugidio Toniquinho a vir para perto. Sentava-se e ele lhe procurava a sombra da saia.

Quanto ao companheiro — mistério do cotidiano — tanto mais ela possuía o seu mundo, quanto ele desertava do próprio ambiente, entregue às suas batalhas com militares, funcionários e cientistas.

Naquela noite, ela fora preparar-lhe a cama, como sempre o fazia, dobrando os lençóis com tristes pensamentos conjugais. À falta costumeira do vizinho, que ela sentia sem nem saber por que, teve furiosa vontade de alguma companhia. Se o encarregado do prédio não fosse tão intratável…

Maquinalmente, como quem põe um disco na vitrola, acendeu a luz vital e esperou que o Carioca viesse. O robô em progressos, livrou-se, sozinho, da coberta, e marchou para ela. Para distrair-se, ela fugiu umas três ou quatro vezes, enquanto a engrenagem mecânica entrava em estado de superexcitação. Depois, estirou-se na cama, absorta. Seria possível que o companheiro não viesse à hora combinada, uma vez mais? Deitou-se esquecida, quase, do Carioca, que fazia raivosa marcha a ré, junto

da cozinha. De súbito, ela viu a porta abrir-se e se ia pondo de pé, para receber o vizinho, quando a garra do robô a empolgou. Ela ria. O vizinho entrou rindo, mas ficou sério, quando viu o Carioca baixar-se.

— Ele quer… ele quer que eu respire… assim.

Inclinado a meio "corpo", o robô recebia a respiração, mas ainda não afrouxava a garra. Ela bafejava mais e mais, de fôlego curto porque queria rir.

— O que é que você andou fazendo com o Carioca?

— Deixe-me acabar que eu explico… — Ela ria.

Aquele aperto era ainda constrangedor, quando o vizinho calcou em dois pontos, atrás da cabeça do Carioca e o imobilizou. Em seguida, arrastou o robô para a cadeira e o cobriu.

— Que foi que andou fazendo? — perguntou o companheiro, de fisionomia totalmente mudada.

— Uns testes, como você chama.

Ela não podia alcançar aquela zanga súbita.

— Alguma coisa de mal aconteceu… O ministro…

— Nada disso. Conte-me o que fez.

Era difícil, no momento, dizer todas aquelas mudanças que considerava como pequeninas vitórias. Da maneira pela qual ele lhe fazia perguntas, aquelas aquisições agora a envergonhavam. Ela começou a dizer qualquer coisa e, de súbito, a luz apagou. Acendeu, então, a vela, sentou-se junto e começou a explicar-se:

— Não vejo o motivo de tanta zanga. Você poderá fazer o mesmo…

E com inabilidade de mulher, que diz infalivelmente a palavra certa para que o último grau de exasperação seja atingido:

— Até parece que você está com ciúmes, será possível? Meu marido também era tão ciumento… que não permitia que eu abraçasse o travesseiro… dizia… dizia que eu fazia uma cara indecente.

Riu sem graça e viu que ele se escondia além da claridade, apertando as mãos brancas, que se recortavam, nervosas, nítidas, na sombra.

Toniquinho deslizou de seu canto e em vez de rodar, bêbado de prazer, sob a luz fraca, enveredou por entre as pernas da viúva.

— Espere — disse ele. — O que você fez também a Toniquinho?

— Gosta de ficar aninhado debaixo do meu vestido. Há algum mal nisso?

Ela tomou a tartaruga e a colocou sobre seus joelhos, fazendo-lhe festas:

— O que acontece é que, agora, eu me dou bem com todos. Até com Sepetiba… E tudo isso eu fiz… só por você.

A voz desafinava, minguava, e ela sabia.

O vizinho foi à janela, acendeu o cigarro, voltou. Queria começar qualquer coisa,

mas estava tão perplexo, que se agitava, apenas. Depois de algumas indecisões, em que ela experimentou a desagradável sensação de ser julgada por ele como vândala — tão desoladora e triste era a impressão do companheiro — a luz acendeu novamente, e ela pôs Toniquinho no chão. A tartaruga correu para seu esconderijo.

Ela estava assustada, os olhos já plenos d'água, mas tentava ser simpática, procurando acertar o motivo daquele desentendimento:

— Experimente você com o Carioca. É só ligar a refrigeração, no médio, e depois bafejar no "pescoço" dele. É do calorzinho que ele gosta. Você verá.

Com movimentos bruscos e passadas nervosas. Ele foi até o comutador do aparelho de ar refrigerado, abriu e esperou. O robô, com lentidão e dignidade, saiu da cadeira, passou por ele e foi direto à viúva.

— Venha aqui — disse-lhe ela. — Faça como eu.

E enquanto a vizinha se arredava, ele baixou e respirou sobre o Carioca, que, incontinente, fez marcha a ré, procurando-a. Por fim alcançou-a, prendendo-a, rígido, em pleno estertor dos seus ruídos de impaciência.

— Desligue, por favor — rogou ela.

O vizinho tocou atrás da cabeça do Carioca e o paralisou. Estava no auge da cólera.

— Sinto muito — disse ela com voz de menina —, mas, em vez de você ficar tão zangado, porque não me explica, não diz o que foi que fiz de mal?

Arrastado o robô para a cadeira, e já coberto, o vizinho ia sair novamente.

— Não — disse ela, interpondo-se à sua passagem e fazendo apelo a toda a doçura de que era capaz. — Primeiro você tem de dizer qual foi o meu erro. Que prejuízo, enfim, eu lhe dei?

Com voz mais baixa:

— Juro que pensava que você ia ficar até muito satisfeito com as nossas… relações.

— Dizer a quem não tem a mínima ideia, o mínimo respeito por uma criação de cibernética? Mas eu não lhe contei que o Carioca vai ser testado, agora, nos Estados Unidos, que vai ser treinado para pilotar? E justamente quando eu o considero pronto, você lhe põe um reflexo que poderá desmantelar tudo! Isso, exatamente, na véspera da partida!

— Por favor, lembre-se daquilo que você me disse sobre os raios tetas ou tepas, não sei mais. Se ele *gostar* de uma pessoa…

O vizinho fazia um ar de escárnio.

— … também não oferecerá maior interesse nos testes?

— Não, minha cara — e ele agora continuava sarcástico. — O que nós remeteremos como o envio do Brasil, e você deveria ter pensado mais na importância nacional do invento do que em sua pequenina satisfação de doméstica, será um robô

inteiramente viciado.

Ela ria, já, por entre lágrimas, e ele perdeu a última possibilidade de controlar-se:

— Você ainda ri, sabendo que poderá ter estragado irremediavelmente o Carioca?

— Ele se esquece. Tem de esquecer. Você criará outros reflexos…

— Mas como, criatura, se um robô nunca se esquece, e tudo nele fica registrado?

Ela, de costas para a porta, procurava acariciá-lo, dominá-lo, enfim, com suas mãos capazes de aplacar Sepetiba.

— Tenho que sair. Preciso pensar sobre o que isto poderá determinar de mudança nas reações de controle do Carioca. Terei que preparar um novo relatório para o dr. Grey Walter. Talvez seja necessária uma modificação no cérebro…

A inabilidade simpática da vizinha tocava as raias da loucura:

— Quem sabe? Se houvesse alguma mulher, assim como eu… na base…

Firmemente, ele afastou-a do caminho.

⁂

Eram quatro horas da madrugada e ela fixava o mostrador fosforescente do relógio, quando ouviu os passos do vizinho no corredor. As doses do tranquilizante não lhe haviam proporcionado sequer minutos de sono. Divagava, no escuro. Havia perdido o companheiro? Não. Aquilo fora um desentendimento tão estúpido, que a situação não poderia ficar assim. Procurava, reunindo trechos de filmes, imaginar o comportamento do Carioca na câmara de pressão, diante dos cientistas, e o robô entrava e saía de filmes e se engraçava com a primeira cientista bonita que ela vira numa fita do metrô. Manchetes cobriram um terço dos jornais: O CARIOCA PREFERE AS MULHERES, e gargalhadas urravam.

Em seguida, afastava esses pensamentos. Vinha-lhe uma tardia compreensão, alguma coisa lhe subia à tona; era uma sorte de paciência: ele não teve ciúmes de homem. Teve ciúmes *de pai*. Acha injusto que Carioca *me prefira*, que Toniquinho "goste" do meu aconchego, que Sepetiba fique em paz só com toque de minhas mãos.

Preocupou-se. Deveria ir procurá-lo, agora? Talvez, se ela tivesse a oportunidade de um instante, poderiam até discutir, num momento de amor diferente, sem conversa de bem-querer, como naquela vez. Com esse companheiro, todas as relações viravam esquisitices.

Havia já meia hora que ele chegara, quando ela não suportou mais o remoer dos pensamentos. Vestiu o roupão, atravessou o corredor e viu a luz sob a porta.

Estava tão transtornada que ficou indecisa, lembrando-se do Carioca à porta da cozinha:

"Não sei como também já não estertoro em perplexidade!"

Encostou o ouvido na madeira, o coração bateu desenfreadamente, pois reconheceu, de pronto, o ruído de todos eles. Eram as vozes mecânicas mais contundentes de Sepetiba, mais doces das "primas", mas intermitentes de Toniquinho. Eram as expressões dos delicados mecanismos, com pequenos arrancos, dos coelhos. E era, principalmente, a nervosidade dos movimentos dos "joelhos" e da "barriga" do Carioca.

Ele se havia reservado uma sorte de *balé*, de *sabá*, de suas criaturas, e se comprazia com todas elas, como o rei de um outro reino animal.

Com toda essa movimentação, ele jamais poderia perceber que havia alguém chorando atrás da porta. Alguém que agora retomava em desalento o seu caminho.

⁂

Ela saiu de óculos escuros, mas, assim mesmo, a claridade da manhã feriu seus olhos doentes de falta de sono. Ao desembocar na área, viu um tropel de gente, que vinha espiar a movimentação de um grupo de soldados, levando, do interior do prédio para a calçada, a enorme caixa do Carioca, com os dizeres: FRÁGIL. FRÁGIL.

Dessa vez, havia uma enfática honra militar Já lá fora, outros soldados aguardavam junto de uma pesada viatura do Exército.

O Carioca partia para a aventura dos testes, para a viagem sideral? Sentiu a garganta fechada e se abateu sobre ela um cuidado, assim como de uma ternura ofendida, de alguém ao ver embarcar seu cão num engradado, sujeito ao sofrimento de uma longa viagem. O Carioca partia, e ela rememorava:

Um robô nunca se esquece.

Ela experimentou, depois de ter visto partir o Carioca, um desejo de ver o outro, aquele que, por sua natureza, sempre se esquece! Não se importaria até de faltar à repartição. Entrou no elevador e só desta vez reparou que as esteiras haviam sido retiradas. Um homem uniformizado atendeu-a antes de subir.

— Madama, é do décimo segundo andar? Eu sou o seu porteiro.

— E aquele nortista?

— Foi mandado para uma construção da companhia, na Tijuca. Eu me chamo José, sim, senhora, e estou às ordens…

Chegou ao seu andar e foi diretamente ao apartamento do vizinho. A porta estava escancarada. Lá no fundo, um homem desconhecido arrumava os coelhos, o macaco, as raposas e Toniquinho numa caixa. Era um sujeito despachado, metido num avental branco, com manchas de café, numa atitude impertinente que fazia mal.

— Então, é a dona que mora aqui neste andar? O patrão me mandou também apanhar a chave que está com a senhora.

O coração dela diminuiu, encolhendo no peito. Ela já não tinha mais nada em seu lugar e ia desfalecer. Mas reagiu, e seu motorzinho entrou a funcionar: devia ser um engenho que se comportava segundo o modelo preestabelecido.

— Mas onde está seu patrão?

— A essas horas já deve estar no aeroporto, esperando o avião militar. O tenente que veio buscar a caixa atrasou um pouco. O patrão mandou pedir muitas desculpas, mas disse que, como vou ficar dormindo no laboratório, esses — bateu em cima da caixa — ficam mais bem guardados por lá.

Ela abriu o bolsa e tirou a chave, entregando-a sem dizer palavra. Agora, voltava as costas àquele da caixa quarto que via, assim mesmo, como o Carioca, antes de dar marcha a ré. A direita estava a tomada, onde Toniquinho matava a fome. A esquerda, a vela, ao lado da cama, em que fora infiel à memória do marido. Deixava o campo que florescia com o círculo de luz mágica, capaz de atrair a tartaruga a derivar para o aconchego de sua roupa. E lá, bem longe, largava a *luz vital*, que punha o Carioca em marcha — Carioca, o *robô que nunca se esquece*, e que provavelmente seria submetido a uma operação equivalente à lavagem do cérebro.

Deu uma paradinha em seu apartamento só para banhar o rosto escaldante e tomar mais uma dose de sedativo. Depois, desceu. Ao passar pela área, viu a chegada de duas famílias: uma era a de um senhor calvo, com três crianças, a babá carregando dois vasos de avencas e a senhora transportando, piedosamente, a gaiola dos papagaios em gritos histéricos diante da novidade; a outra era de gente estrangeira: uma velha senhora levava o cachorrinho, pela corrente, um homem, possivelmente seu filho, carregava um saco, de onde se desprendiam pungentes miados e uma mocinha transportava um cachepô antigo com begônias ruivas. Era a irrupção da vida, de quente vida humana, naquela manhã de verão.

Mas a primeira moradora do prédio, atordoada, como que estranhava os novos inquilinos. Ela, que tanto desejara ver povoado o edifício, com crianças batendo bola sob as colunas, e plantas alegrando as sacadas, achava intempestiva a mudança.

Transpôs a margem da calçada, onde homens em macacão desciam, de um carro de transportes, uma voluptuosa cama Luiz XVI, contando sobre indissolúveis apelos conjugais.

Voltou-se uns segundos, desnorteada. Tomou, depois, o rumo de seu ônibus e pediu ao sol aberto, aos seres de carne, da manhã plena de seiva, que conjurassem suas doloridas saudades de coisa alguma.

ELES HERDARÃO A TERRA

A Helena Silveira, à sombra de nosso pai

Havia pensado que a solidão seria bem suportável, que afinal eu me parecia com meu pai, aquele bizarro sujeito que encontrara a vocação no Farol da Ilha de Mola, à vista de Guaratiba. Durante os meses de chuva, afeiçoara-me àquela convivência com o velho, naquele imenso tubo que era nossa casa e onde, para se sair de cada peça, se teria de agarrar o corrimão. Foi então que compreendi que o desamor de meu pai por minha mãe, e também por sua segunda mulher, à distância se acalmava. Ele gostava de considerar as coisas de longe:

— Veja você… quando a gente avista a cidade daqui, tudo fica perfeito. Nem miséria, nem sujeira de rua, nem lama nas coisas e nas pessoas. Essa grande cínica, de longe, vira mulher honesta. Até me esqueço dos falatórios do mulherio. Compreendo agora as pobres — são doentes de medo. Mulher fala demais porque vive apavorada. Não gosta de ficar sozinha, e então enche o silêncio, tapa as ausências com a fala que Deus lhe dá. Ô raça disfarçada, essa!

Estava tão pacificado que um dia, amornado pelo vinho — bebido um tanto mais do que seria justo para os seus sessenta e quatro —, desapertou a alma enquanto fazia a barriga saltar do cinto:

— Rapaz, já estou tão melhorado por dentro que sou bem capaz de mandar buscar a Tudinha. Você, afinal, nem conhece direito sua irmã! Quem sabe se a menina nem nos aborrece tanto assim? Depois, que diabo! É meu sangue, e não pode ser tão burra quanto a mãe! Além disso, ando com uns… bem, com umas ideias cá na cabeça… Toda a minha gente rebenta do coração. Nesta vida de macaco, subindo de galho em galho, sei lá o que me está reservado?

Foi assim que Tuda nos veio fazer companhia. Lembro-me da alegria que trouxe quando a avistei de cima do rochedo e a vi descer no cais, ajudada pelo Piquira, o único empregado de que meu pai dispunha. Pareceu-me um passarinho de cabeça vermelha, empinando a boina, a capa de borracha aberta, voando. Fez-nos sinais para que não descêssemos: do cais ao farol eram cento e cinquenta degraus cavados na

rocha viva. Nós a esperamos no meio do caminho e a trouxemos com a alegria de quem guarda um brinquedo.

Ela era esbelta, nervosa, o estímulo que parecia ter desertado daquelas lonjuras.

— Mas como tudo está tão bem arranjado! Juro que pensei que homem vivendo sozinho desse em mau cheiro e desarrumação.

Naquele dia, mais tarde, quando o velho se encarapitava na cozinha acima de nós, a preparar um pato de sua criação com molho de vinho, ela chegou a mim, confusa, e rapidamente disse:

— Você não se iluda, Marcos. O velho me chamou porque sabe que vai morrer. O meu padrinho também tinha, antes de ir embora… — e ela calou-se um pouco, receosa —essas distrações, esse modo de andar sem despregar os pés do chão, como se a terra quisesse agarrar o que vai ser dela, afinal. — Persignava-se. — Mas Deus nos livre e guarde…

Entretanto, o velho não era a figura trágica de quem chama os filhos para dizer adeus. Colecionava anedotas do "Conselheiro XX", lia e relia antigos almanaques e, em tradução portuguesa, tinha completa a coleção de Paule de Kock. Ele contava episódio após episódio, de cambulhada com encantados comentários, e, às vezes, ria tanto que nem chegava ao fim da narração. Nós ficávamos esbulhados, mas ele era feliz — feliz pela bebida, pela ausência de vizinhos, e, principalmente, por umas tantas descobertas que havia feito e que lhe davam novo sentido à vida.

Acho que se impeliu para estudos do céu, de tanta raiva que tinha da gente da terra. Começou com uma velha astronomiazinha "popular" de Flamarion, foi ficando mais exigente e, com as facilidades de que dispunha, ajeitou para seu uso lunetas e cartas celestes, naquelas solidões da Ilha de Mola.

Minha irmã estranhou aquele varrer de luzes contínuo, que nos excitava um pouco, sempre ao começo das estadias no farol. Era no quarto, contudo, que se via menos aquela luz a varar os mares. Eu também havia padecido de insônia em meu canto da sala de jantar, agora transformada em dormitório por meu pai que cedia à filha o melhor aposento da casa, o mais próximo do chão. Os raios do farol incandesciam a mata brava, fechada, tão tofuda e tão áspera, além dos penhascos, devassando-se interminavelmente. Os antecessores de meu pai haviam apenas cortado algumas árvores, mas ninguém tivera coragem de abrir picadas na espessura da floresta. Para onde levariam elas, se a vida era o farol? E os jatos de luz mostravam desvãos da rocha, faziam viver insetos, acordavam pássaros, remexiam e espertavam a noite. A luz não deixava dormir a ilha; era um eterno suceder de claridade e de sombra, como antes do primeiro dia da Criação, quando Deus separou as trevas da luz, para o grande apaziguamento do universo.

Numa noite de inquietação, o velho percebeu que a filha estava acordada. Levou-a

para suas explorações celestes. Tuda ficou vivamente contaminada por aquela paixão do céu. O pai mostrava-lhe Júpiter e as suas luas, dava-lhe a face de Marte, com leve calota polar, para observação e, por estar a Lua em seu crescente e propícia a investigações, assentou as lentes sobre aquela paisagem devastada de fim de mundo, abrindo uma perspectiva diferente para o sonho de minha irmã.

— Agora eu acredito na Lua. Antes, para mim, ela era maluquice de namorado ou de quem faz poesia. O que estava lá por cima, que os outros chamavam de Lua, nunca me interessou até agora…

Um dia, ela me perguntou:

— E se nós pegássemos esse farol para mandar sinais?

Eu me ri com aquela inconsciência.

— Bem razão tem meu pai de dizer que mulher é bicho doido. Existem leis severíssimas. O farol é para funcionar assim como você está vendo. Nada mais nem menos do que isso. O resto é cadeia.

Ela fez um ar de desapontamento e disse:

— Então para que o velho estuda esse negócio de sinalização? Até eu mesma já aprendi nos livros dele.

E quando Tuda acabava de dizer isso, meu pai despencou na sala muito zangado:

— É o que se ganha, minha filha. Você também, como as outras, não merece confiança. Não tem um mínimo… — ele procurava, arquejando e já dizia: — … um mínimo de juízo. O que passa pela cabeça, a boca despeja.

Pensei que Tuda chorasse. Simplesmente, com ar muito atrevido, encarou meu pai e disse:

— Eu não gosto nada de mulher… também. Só que as minhas razões são bem diferentes das suas.

Os dias iam passando e Tuda movimentando, vivificando o nosso isolamento. Até Piquira ficara enfeitiçado, degustando sua admiração com a boca mole, desdentada, e com os olhinhos de rato assanhado. Largava o serviço no poço do farol para, inteiramente escravizado e feliz, pescar siris com ela, na praia de seixos e areias negras, coberta de bruma do mar batido. Eu deveria chamá-lo vezes sem conta:

— Piquira, olhe isto, olhe aquilo… Há dois dias que você não limpa os metais!

De manhãzinha, Tuda avisava:

— Quem olhar para a praia, o Diabo fura os olhos!

Ia nadar despida, tão corajosa naquelas águas bravias que meu pai sentia orgulho — porque a filha não era medrosa e frágil como toda mulher.

Depois de uns dias de chuva, o céu clareou tanto que as estrelas fagulharam mais perto. Habituado, já, àquela claridade vadia, o velho pacientemente aguardava as trevas para poder fazer suas observações. Nós estávamos, minha irmã e eu, jogando

baralho na salinha atulhada de lembranças que se foram acumulando com o correr dos anos por meu pai — recordações de visitantes, presentes antigos e novos, objetos que ele comprava só pelo prazer de adquirir qualquer coisa na cidade — quando lá no patamar, acima do farol, estrondou a voz do velho.

Em breve, ele barafustava pela porta. Nós ouvimos suas passadas — e íamos acompanhando a sua degringolada nervosa — até que finalmente desabou pelo corrimão da sala e chegou tão esbaforido, que mal pode articular qualquer coisa. Tuda deu-lhe um copo d'água e ele o empurrou porque tinha pressa em contar. Gesticulava, murmurava coisas sem sentido, apontava para o alto, ria, ria muito e, de súbito, levou a mão ao coração. Apertou o peito como contendo aquela fúria que se extravasava. Agarrou-me a mão e a de Tuda, e disse só essas palavras:

— Eu consegui… eu consegui…

Depois, quis falar qualquer coisa, ainda. Notei que seus traços, de repente afilavam, escureciam nos cantos. Começou a suar, derreou-se sobre uma cadeira, parecia querer recuperar um pouco o ânimo. Chegamos a imaginar que ele havia conseguido superar o mau momento, porque ainda riu um riso fraco, riso a que sucedeu a máscara fixa com um *rictus* de dor. E depois foi apenas o amolecimento de corpo que se entrega, que não pode mais lutar. Pendeu o tronco para diante, resvalou. Tuda ergueu-o piedosamente, mas natural, como quem soubesse o que iria acontecer. Colocou-o docemente na cadeira, beijou-lhe a testa e me disse, severa, sem tremer, como daquela vez:

— O velho foi *homem*. Foi mais homem que você!

Entendi que ela se referia a uma provável insubordinação, como a um ato de coragem.

Mas a quem mandaria esses pretensos sinais? A quem? E de que modo? Pacificamente, o raio certo e nítido, duas vezes claro e uma sanguíneo, volteava seguidamente e varava a imensidão da noite. Não fora utilizado o jato do farol, ah, isso não fora…

Supus que o uso imoderado do vinho no jantar houvesse provocado aquele desfecho. Viajava agora meu pai de uma solidão à outra.

No dia seguinte, deveríamos enterrá-lo ali mesmo, ao lado do farol, como sempre desejara ficar. De minha parte, seria unicamente necessária uma pequena atividade burocrática na cidade, e nada mais. Também deveria pedir um substituto e mandar Tuda de volta. Foi o que fiz, afinal, e então conheci amplamente aquela solidão profunda, imensa, varada noite após noite pelas rajadas luminosas do farol.

Meu pai está ali enterrado ao pé da rampa, junto da sepultura da mulher do último empregado. Em torno dele as vozes do oceano, o grasnar das aves, e o mar e o céu se entrosando em seus mistérios, em seus apelos de abismos.

⁂

Passei alguns dias em trabalhos miúdos, atento ao imenso cenário que se descortinava do farol. Esperava o novo funcionário com uma certa sensação de antagonismo, se bem que agora ansiasse por abandonar aquele mundo de desolação. Minhas distrações eram poucas: polir metais, cozinhar, observar ao largo a passagem de cardumes, os saltos dos peixes, os pescadores em sua faina e, vez por outra, vislumbrar alguma lancha vadia que passasse por ali. Meu pai tinha sua estação de rádio para amadores, mas achei essa ocupação algo extremamente enervante. Tentei distrair-me com ela, e cheguei à conclusão de que todos os radioamadores só falam de seus próprios aparelhos, se estão ou não em bom funcionamento, o que lhes falta, e de que não há nada mais insípido e incapaz de produzir sensações do que essa aparente "revelação" de pessoas longínquas que se buscam. Todos pareciam da mesma família, comentando com falas desmaterializadas e impessoais, no mesmo tom, melhorias técnicas ou, para variar, discorrendo sobre o tempo. Mais do que a presença do velho, fazia-me falta Tuda, agora, com seu riso, sua compreensão feminina, aquele gosto na amizade fraterna que viera conhecer tão tarde na vida.

Certo dia, acabava de lavar a louça do almoço, quando, deitando um olhar já meio amolecido pelo sono, a que me entregava em meu ócio todos os dias àquela hora, vi que a lancha de Piquira estava chegando ao exíguo cais do farol. Imaginei que já fosse o novo empregado, mas, com grande surpresa, em breve apareceu a cabecinha vermelha de Tuda, sua capa de borracha esvoaçou ao vento e logo avistei três sujeitos, dois dos quais desceram com grande dificuldade. Diziam-se de uma comissão do Ano Geofísico, que esperava estudar a ilha como base para certas observações sobre correntes marítimas, pesquisas de determinada cadeia vulcânica, da qual Mola seria o pico mais alto. Um dos visitantes era ruivo, barbudo, espinhento, o largo paletó cheio de nódoas e caspas, e insistia sobre inscrições de raro valor que existiriam nos penhascos da ilha, testemunhando sobre velhas civilizações. Esse era falante, pois o companheiro, apresentado também como geógrafo, era mudo e desligado em sua atmosfera particular, de míope e enfezado. O último se disse amigo de meu pai. Conhecia bastante o farol. Era pernalta, descansadão, molenga. Tuda animadamente acompanhou os homens, primeiro ao farol, como dona de casa. Depois, saiu com os geógrafos, e eu percebi o maravilhamento deles. Ela era uma dessas moças tão femininas, que a simples presença de um estranho pode perturbar, tirar-lhes a naturalidade. Notei que Tuda ficara diferentíssima: mais bonita e ágil, falando mais alto, estremecendo por pouca coisa. Os dois sujeitos só tinham olhos para ela. Duvidei muito de que o barbudo e o outro viessem apenas munidos de interesse científico. O

"amigo" de meu pai disse que ia dar uma espiada "lá em cima". Subiu desembaraçadamente, enquanto Tuda e os seus dois companheiros desciam ao penhasco, tiravam fotografias, partindo dali para a praia, onde os cientistas continuaram as suas explorações. Desconfiado, vigiava aquele estranho visitante: cordial, mas um tanto superior em sua intimidade, procurando qualquer coisa pelas prateleiras, abrindo até uma gaveta de meu pai. Fechei-a, acintosamente, e perguntei por fim, bastante irritado com aquela sem-cerimônia:

— O senhor era mesmo assim íntimo de meu pai?

Ele deu um risinho meio cínico.

— De seu pai e da Polícia Marítima. Esqueci-me de que você é novato aqui e não sabe que devo fiscalizar isso tudo. Até é melhor que se retire, para que eu fique mais à vontade.

Era verdade, sim, e ele mostrou seus documentos, com o ar cansado de quem deve explicar as coisas muito bem explicadas a crianças. Desci, fui para o quarto e, de lá, avistei o grupo na praia: Tuda gesticulando, ladeada pelos dois sujeitos. Senti uma ameaça qualquer, mas não a poderia precisar, ainda. Um pressentimento desagradável, apenas. Uma hora depois, o investigador encerrava suas pesquisas, pedia-me cigarros e tentava certa conversa muito especial comigo:

— Felizmente, para a memória de seu pai, nada foi encontrado. Houve uma denúncia, muito séria, aliás, de que ele se aproveitava do farol para orientar contrabandistas. Encontrei tudo em ordem. Há, entretanto, umas coisas esquisitas em seu caderno de apontamentos…

Conhecia bem esse livro onde meu pai, habituado a longos monólogos, discorria sobre o tempo, os gêneros recebidos, as fases de Vênus, tudo de cambulhada com pequenas anotações sobre a própria saúde. Era um falar alto, grafado no papel. O sujeitinho colocou o dedo comprido, de unha preta, num meio de página:

Desta vez, eles atenderam. Era apenas um sinal lá longe, mas, de repente, aquela luz cresceu e se aproximou tanto do farol que eu pensei que a coisa se espatifaria contra a torre. Cheguei a deslizar para o poço. Era o pânico. Tão grande aquela visão que, de ambas as janelas, se avistava...

— Uma vez — disse o visitante —, encontrei seu pai embriagado, sozinho aqui nesta sala. Quase dei parte dele. Depois tive pena. Mas isto aqui, esta "coisa" que aparentemente iria tocar no farol só pode ser… bebedeira. — Acendeu outro cigarro. — A não ser que se seja tão maluco a ponto de se acreditar… — Ficou zangado consigo mesmo e impediu a boca de declarar tão grande tolice. — Todas estas coisas misteriosas, que aparecem no mar e no céu… a gente, prestando bem atenção, viram… moamba. Mas no caso de seu pai, coitado!, isto devia ser bebida.

Baixei a cabeça. A sensação de opressão começava a tornar-se intolerável. Olhei

para a praia, via-a deserta. Lá longe, as árvores principiavam: a balançar. Imaginei uma tempestade, e aquela gente presa no farol, conosco. Voltei-me para o funcionário da Polícia Marítima.

— Vem tempestade. A travessia pode ficar perigosa!

Minutos depois, de nariz vermelho, ruborizada pela animação, pelo vento, e, principalmente, pela companhia, Tuda barafustava na sala, dizendo que iria fazer chá, que eles precisavam tomar qualquer coisa antes de ir embora. Os homens estavam iluminados. Até aquele que, primitivamente, era o mudo, se mostrava eufórico. Conversavam sobre as descobertas que fizeram, trocaram algumas impressões muito técnicas, muito difíceis para mim, sobre a flora da ilha, depois bem se largaram sobre duas espreguiçadeiras, com jeito de donos de casa. Em breve, Tuda servia chá bolorento e roscas velhas aos três visitantes. Eles saboreavam aquilo de olhos brilhantes para ela, frágil, magrinha e, no entanto, feita um perigo agora, um perigo tão diferente daquela bondade que antes representava. Achei detestável a amizade fraterna, achei odioso ser irmão de uma pequena que parecia pôr em ebulição os sentimentos de masculinidade de quantos se aproximassem dela.

O fiscal interpretara a minha casmurrice de outra maneira.

— Rapaz, não se assuste. Está tudo legal, entendeu? Tudo legal.

E só à noitinha, por mais que eu avisasse que a tempestade vinha mesmo, foi que eles partiram. Tuda tencionava também voltar, como se a ilha, agora, representasse para ela um simples passeio. Retive-a, irritado por aquela camaradagem tão incompreensível de minha irmã com os estranhos. Ela não se zangou. À noite, quando ficamos sozinhos, foi que seus olhos aumentados me confiaram o segredo:

— É muito dura para mim a ausência de papai. Só queria ver você. Lá longe, era como se ele estivesse vivo. Cada raio do farol me falava dele. Aqui, a morte é tão sabida que a gente não pode fingir.

Combinei com ela que o Piquira iria levá-la no dia seguinte. Não podia permitir que ficasse tantas horas em companhia de desconhecidos. Tuda teve um comentário irritante:

— Eles são muito *científicos* — disse. — A gente aprende muita coisa. Você nem imagina quanta coisa eles me ensinaram… — Tornou a rir. Compreendi o ódio do velho pelas mulheres. No entanto, como eu queria bem a essa irmãzinha que me fora entregue, como moça feita, um belo dia, por meu pai! Aquela tempestade que eu tanto anunciara, afinal veio, e com violência tremenda. Tuda parecia aterrorizada, mas não quis mostrar medo. — Você vai ver que estopada! Enquanto fizer esse mau tempo, Piquira não volta. É capaz de nem voltar amanhã.

Não voltou mesmo, o preguiçoso. Nem com céu azul e tranquilidade das águas. Tuda me veio acordar, beijou-me sem nenhum ressentimento, e depois, rindo, disse a

sua frase costumeira:

— Quem olhar para a praia, o Diabo fura os olhos!

⁂

Enquanto eu fazia a barba — a presença de minha irmã me obrigava a certos cuidados antes relaxados —, Tuda chegou vestida a meio, os cabelos escorridos a pingar água sobre a blusa que ainda abotoava.

— Tem um paraquedas aberto lá embaixo. Deve estar preso nas árvores. — Palpitante, puxou-me pela mão. — Veja, lá está. — E muito constrangida, tal se fora pega em culpa: — Eu *senti*. Juro que me estavam espiando. Virei a cabeça com aquele baque aqui dentro — apertava o coração — e vi lá longe aquele paraquedas.

Procurei divisar o paraquedas de que falava Tuda. Devia ser um pedaço de rocha, lampejando ao sol, por entre as árvores:

— Veja, meu bem. Você acha que um paraquedas podia ficar sempre imóvel, aberto sozinho? "Ele" não está em cima das árvores, está *entre* as árvores. Venha tomar seu café, e depois vamos ver essa novidade que você descobriu. Mas por que essa tremedeira? Do frio? A água devia estar gelada… ou foi susto, mesmo?

— Ando nervosa. Tive esta noite um sonho tremendo.

— Conte.

— Não posso. Tenho vergonha. É uma coisa feia. Mas… não é como você está pensando. Foi um sonho com espíritos… — Bateu na boca e disse rápido: — Deus me livre e guarde, amém. — Compunha-se depressa. Ao terminar de arrumar o vestido, sacudiu os cabelos e me apanhou pelo braço. — Em vez de café, vamos tomar um pouco de rum com leite, como o velho gostava?

Aceitei. Se Tuda fosse homem, eu gostaria até de me embebedar com ela, como fazia com meu pai. Desde a véspera, sentimentos contraditórios me possuíam. Não confessara à irmãzinha, mas também tivera sonhos estranhíssimos, com apelos de almas que me queriam levar para distâncias incomensuráveis. Chamavam-me, e eu sabia que se correspondesse, rolaria num precipício, seria possuído por uma voragem. Era um pesadelo que jamais tivera. Tuda serviu o leite, que eu já havia aquecido, despejando, porém, em cada caneca de ágata quase três dedos de rum. Sorvemos a mistura vagarosamente, roendo as bolachas duras. Quando viria Piquira com a nova ração? Tuda, que eu pressentia palpitando ao alcance de minha mão, como bicho assustado, pouco a pouco foi ficando colorida, radiosa, segura. Terminado o leite, bebemos mais um tanto de rum puro. Tuda virou a cabeça de ave, circunvagou o olhar pelo aposento e disse, servindo novamente:

— O velho está *mamando* a bebida por nós!

Recordei-me, então, daquele trecho das anotações de meu pai. Referi-me a elas. Tuda chegou os olhos bem perto dos meus.

— E você não acha que poderá haver uma relação entre *isso* e aquela espécie de paraquedas ou que diabo for lá no meio das árvores?

Dei uma risada curta, depois quedei pensativo: mulher tem cada ideia!

Resolvi espiar pela janelinha a *coisa* mais uma vez. Então vi que um vulto magro, e vestido de cinza, subia airosamente, em grandes e leves pernadas, a escadaria do farol. A rápida ascensão durou um nada. Quando nós abrimos a porta, ele já estava lá.

Tanto aquele rum matinal me subira à cabeça, que não pensei em tomar precauções contra a exótica figura. Procurarei descrevê-la com maior fidelidade, enquadrada à porta, altíssima, cercada pela paisagem de verde e azul intensos. Seu vulto semelhava uma fotografia enorme e descolorida, um cartaz escorrido pela chuva. Era estranhíssimo, vestia-se… como? Poder-se-ia chamar de*batina*àquela veste estreita que descia reta, modelando-lhe as pernas, mas com tal flexibilidade que poderia dar as longas e aéreas passadas? Tudo nele era cor de couro curtido: o rosto, até os cabelos. Faltava-lhe viço e relevo e, no entanto, não havia dúvidas, não era um fantasma, era gente como nós. Soprados pelo vento, os cabelos descoloridos se agitavam em mechas. Olhava-nos fixamente, e sua mão, que parecia um galhozinho seco — seus dedos eram longos, jamais vira dedos iguais! —, acenava para nós. Aquilo podia ser uma saudação ou seria o quê? Mas Tuda não perdeu tempo, vermelha como lacre, depois do excesso de rum. Saltou da cadeira, caminhou jovial para o recém-chegado, foi pegando aquela mão murcha e comprida com a mais cordial camaradagem.

— Uai! Então o senhor é que é o paraquedista? Mas que roupa mais esquisita!

Puxou-o, naquele excesso de pressão de amabilidade, fê-lo sentar-se. Reparei que seu olhar era sempre fixo, não evoluía naturalmente de direção, antes passava de um ponto a outro, com instantaneidade surpreendente. Traçado o rápido movimento, o olhar se fixara, penetrante, duro, e assim eu o via agora focalizar minha irmã. Ela o incentivava:

— O senhor levou um susto, hein? Cair nessas lonjuras… Quer um pouco de rum? Ah! Desculpe. Pra susto, água é melhor.

Aquela espécie de padre… parecia, mau grado a facilidade com que subira os degraus, e a normalidade de sua respiração, ainda incapacitado para articular uma palavra só, que fosse. Movimentou duas ou três vezes os lábios, com enorme esforço. Tuda virou para mim o rosto de alvorada.

— Será que ele é mudo?

Levou a água à boca do recém-chegado. Ele tomou uns três goles e com dureza de

gesto, tão rápido quanto o olhar, colocou a caneca na mesa. Não havíamos visto nem sequer o percurso entre a boca e o pousar na mesa. Quando reparamos, já a sua mão-garra estava aberta junto da caneca. Tive uma ideia muito estapafúrdia:

— Este homem deve ser um… um membro da Sociedade de Iogues que se reúne na praia de Bela Face, aqui por perto.

Enfrentei-o na sua calma hierática, sentado na cadeira, como estátua em praça pública:

— O senhor me quer dizer quem é, e o que veio fazer?

Aqueles olhos da cor da pele continuavam a mirar-me. Se o uísque me dá doçura, o rum sempre me deu vontade de brigar. Senti uma onda surda de raiva contra aquela intromissão.

— Não é pelo fato disto aqui ser do governo, que qualquer um pode entrar.

O visitante nem sequer moveu as sobrancelhas. Fez um grande esforço labial e depois disse:

— *Saudaçons.*

— O que foi que ele disse? — perguntei a Tuda, que abriu a gargalhada.

— Eu ouvi "saudaçons" — respondeu, sempre jovial, fungando, por não poder parar de rir.

O olhar do homem flechou para Tuda. Então, depois de algumas tremuras dos lábios, saiu a nova palavra:

— *Amicável.*

Tuda careteou.

— Coitado! Não fala português, mas pelo que está dizendo é boa praça. Será que ele veio da Rússia? — E ela já estava perdendo a naturalidade, com a demorada fixidez dos olhos do homem. — Já vi uma reportagem sobre um lugar na Rússia chamado… Kassastan… com gente de roupa parecida com essa.

— Que Kassastan, que nada! Isso está mais é cheirando a contrabando. É capaz do fiscal ter razão! Coisa estranha é moamba.

Levantava-me, em minha suspeita. Mas — seria já o peso da bebida? — as pernas amoleceram e algo me puxou para baixo.

— Senta — ouvi.

— Que ordens são essas? — disse para Tuda, cada vez mais irritado.

— Você está maluco? — respondeu-me. — Não lhe dei ordem nenhuma.

Levantei-me, novamente, e ouvi, com a maior clareza:

— Senta, senta já.

A visita continuava como morto-vivo, a me fixar com seu olho de ágata. Seus lábios estavam fechados, quase desapareciam naquele rosto incolor.

— E agora? — disse para Tuda. — Você quer dizer também que não me deu

ordens?

— Claro que não.

Imperiosamente, a mesma fala vibrou:

— Espicha, descansa, dorme.

Enquanto isso, aquele homem-múmia continuava a me observar com os olhos sem sombreado algum. Senti uma luz na cabeça, apesar dos vapores do rum.

— Eu bebi um pouco mais do que devia — disse. — Calcule… — Ia contar à minha irmã sobre as palavras que ouvira e que naturalmente ela não poderia ter dito… porque eram palavras que o rum inspirara. Correu-me longa moleza pela espinha. Braços possantes, como que me vergaram o corpo. Emborquei ali mesmo na mesa em sono pesado.

⁂

Lutei contra o sono profundo — quanto tempo? Levantava a meio a cabeça, via Tuda. Primeiro, ela estava mais longe, no seu lugar à mesa, olhando a visita, mas os dois sempre parados. Depois, via-a levantar-se… Estaria servindo bebida ao visitante? Mergulhava naquele sono invencível e varava por abismos coloridos, azulados, profundos. Reunia todo o meu sentimento de defesa. Um longe de razão me dizia que Tuda estava sozinha com aquele homem e que ele, decerto, era perigoso. Fui e voltei aquelas neblinas azuladas. Senti uma dor de cabeça terrível e, quando, por fim, me vi dono de minha vontade, o estrangeiro — é lógico que ele só podia ser estrangeiro — emborcava bebida com um autômato, e minha irmã ria às gargalhadas. A luz declinava… passara tanto tempo assim ou estaria ameaçando chuva? Tuda virou o pescoço branco na risada. Quando terminou, disse-me:

— Você é tão frouxo… O velho teria aguentado muito melhor! Você já viu gente rir dando guincho ou… assobio? Nem sei dizer como é, mas espere… que ele já vai rir. Espere só.

Fixava-o com graça provocante.

— Com esse jeito de santo antigo, me diga uma coisa… — e apontava para si mesma. — Você gosta de mulher?

Então ouvi distintamente uma sorte de fervurinha, como o assobio de uma chaleira, a se escapar dos lábios descorados do visitante.

— Estou aprendendo com ele, também. É mais *científico* ainda do que os outros. Mas… espere, fique calmo, que você vai entender tudo que ele quer dizer.

Então aquela voz que me intrigara, vibrou novamente:

— Calma, calma!

Talvez pensem que tudo que estou relatando seja efeito de bebedeira. Não, não. Nesse momento eu estava absolutamente lúcido. Prestei atenção e verifiquei. Era a minha própria voz que agora me dizia:

— Um erro. O seu pai me chamou. Vim porque ele chamou.

Meu primeiro impulso foi o de gritar-lhe ao nariz "O senhor fingiu de estrangeiro, mas está falando tão bem o português!". Mas com o assombro que me subjugava, compreendi: as palavras não soavam para mim, soavam *em mim*. Eu mesmo me dizia aquelas coisas, e eu mesmo respondia aquele outro eu.

— Que quer de nós?

— De nós, não. "Nós" quer dizer mais de um, não é? — Senti a cólera crescer contra aquela divagação absurda, que me enlouquecia. E meu pensamento verberou aquela maliciosa resposta, que estalava dentro de mim mesmo com minhas próprias palavras!

— Fale logo com clareza. O que quer?

— Ela — disse simplesmente. — Despachado para ela.

Nesse instante, sem transparecer nenhuma emoção, a visita estendeu o braço reto terminado por aquela mão — agora eu via bem — onde todos os dedos tinham o mesmo tamanho, e enlaçou o pulso de Tuda, que repentinamente ficou séria e pálida. Do divertimento passara ao medo. Encolheu-se.

— Tuda — pedi a minha irmã —, vá para o quarto. — E como eu a visse paralisada, arrastei-a escada abaixo, levando-a para lá.

— Virgem Maria — disse-me Tuda. — Por favor, não se zangue com este homem. Ele não parece uma pessoa de carne e osso! — Naquele seu velho sistema, persignava-se: — Deus me livre e guarde! Nós estamos sozinhos — continuou. — O pior é que não basta fechar a casa — seus olhos aumentavam medrosos. — Porque ele, quando quer, entra dentro do espírito da gente, que nem luz varando tudo.

Cerrei a porta, reuni toda a energia e enfrentei aquele visitante fantasma, aquele fantasma vivo. Com bofetões ou signos me veria livre dele. Talvez eu o prendesse no fundo do poço do farol. Sentia-me agora dono de minha força. Afinal, não estávamos tão sós quanto Tuda havia dito. Para uma emergência assim, o transmissor de rádio serviria. Procurei recuperar minha calma. Os vapores de rum se haviam dissipado.

⁂

Pacífico, com o olhar reto de animal sobre a paisagem já escurecida, o visitante estava de pé, os longos braços cruzados no peito. Ao me aproximar dele como que descobri que crescera. Media, pelo menos, meio metro a mais do que eu. Ajuizava então agora

a sua extravagante pessoa. Não, eu não teria medo de sua altura. Parecia um doente, com aquele seu perfil terroso. Entretanto, ainda mesmo o vendo de lado, observei que a sua vista tomava um tom avermelhado e que sua testa vertia um ligeiro suor. Seria como um começo de vida, naquela sorte de devastação.

Quem me ouve há de raciocinar assim: não me parece muito lógico que, em tão pouco tempo e com tanta suspeita você tivesse lazer para tais observações. Achava-me mergulhado num estado de superexcitação, onde tudo toma um relevo esquisito. Esperava usar da violência que sua empáfia merecia. Vertiginosamente, a sua figura se deslocou da janela para mim. Os dedos possantes e finos, escuros, enlaçaram-me o pulso. A sua face árida e suada cresceu, quase colada à minha, o olhar avermelhado procurou o fundo de meus olhos:

— *Amicável... amicável...*

Isso ele disse. Arrastava-me com força singular para a porta. Talvez não fosse *sua* força, mas como que uma incoercível adesão de meu corpo aquele aperto de seus dedos finos em meu pulso. Não compreendi a minha súbita fraqueza. Reagi, desvencilhei-me. Obscuramente, aceitava que aquele homem tivesse armas invencíveis. Não, eu destruiria essa absurda impressão. Minhas mãos estavam moles, mas quando se soltaram, agarraram o primeiro objeto que estava perto: uma jarra. Com violência atirei-a sobre o rosto do indivíduo. E foi como se eu batesse num boneco, porque nem ao menos fez uma careta de dor. Mas de sua testa pálida o sangue escorria grosso, cor de ferrugem, e se ia avolumando, coagulando, marcando-lhe o rosto com estrias. Ele abriu os braços e ainda disse "*Amicável*" com esforço imenso. Um longe de dúvida me assaltou.

— Prove — gritei-lhe, querendo gritar como um forte, mas clamando como criança desarvorada, e continuava gritando: — Prove! Já teve bastante tempo de dizer quem é e o que vem fazer aqui. Acabe já com esse mistério. Do contrário... — e eu corria para a porta, a única saída, pois que de lá do alto ninguém poderia escapar. Dava as costas à passagem e invetivava: — Isso que você tem aí na testa é o começo. Afinal, o farol é como se fosse a nossa casa. Você nos assaltou...

A face tatuada de sangue marrom me observava aparentemente sem emoção. Misturando-se, porém, àquelas tarjas escuras, o suor ia crescendo e, sem nenhum aspecto de dor, os olhos marejaram, como se também transpirasse por eles. Isso me deu uma feliz impressão: era sinal de fraqueza; era medo, aquela transpiração — não pranto, que vinha do rosto todo borborejando. Uns segundos mais, enquanto eu lhe fechava a saída, observei aquela estranha mudança. Mas já saltava de posição e novamente me agarrava, desta vez cruzando os braços em torno de mim. Não disse "amicável", mas dentro de mim suas palavras reboaram, feitas minhas, com a minha voz:

— Você não quer ouvir.

Respondi a mim mesmo — quem sabe se até não estaria falando alto, como um louco?

— Vê se dá uma boa explicação.

Desvencilhava-me com fúria, mas uma espécie de ópio se dissolvia em meu sangue e em minha vontade. Rematava:

— Diga o que tem a dizer.

⁂

Entro agora na parte mais difícil desta narração. Já não posso pintar bem a cena. Onde estaria o homem, onde estaria eu, então? Ele falava em mim exatamente como as figuras de sonho falam em nós, e eu me respondia dentro desse clima de fatalidade que há no sonho. Naquela súbita moleza, tombaram as últimas defesas de minha consciência. O tempo não contava mais. Vi tudo escurecer e aquela voz — a minha voz — sempre falando. Primeiro, a nossa estranhíssima conversa foi cortada pela intermitência dos raios do farol, ora lívido, ora vermelho. O rosto do visitante se projetava sobre o meu, com aquele caminho de sangue coagulado. Depois… depois… minha irmã nos veio fazer companhia. Alçava na mão um candeeiro, tão bonita e tão calma. Dir-se-ia que vinha dócil, a chamado de alguém. Pousou a lâmpada, pôs as duas mãos sobre a madeira — sim, ela estava com as duas mãos aninhadas sobre a madeira —, e eu não tinha para ela nem uma palavra de reprovação. Agora, a luz sobre a mesa não nos deixava tão viva a presença do farol, e a conversa que nós três tivemos foi a mais espantosa que já se ouviu no mundo. Nessa confusa passagem, creio que nos embriagamos novamente. Sim, também acho que se ele não houvesse conhecido os calores da bebida, não revelaria esse segredo monstruoso. Nós três, ali juntos na salinha do farol, e alguém fazendo com minhas palavras a maior revelação — sim, vocês que me ouvem, não riam —, a maior revelação desde que o mundo é mundo, desde que se cumpre a nossa história, do fundo dos tempos.

Abriam-se as garrafas, uma após outra, e Tudinha derramava ora sobre mim, ora sobre o estrangeiro, a chuva copiosa de seus cabelos. Às vezes, ela me falava e sua fala era como um chamado à realidade, ao qual eu não poderia corresponder:

— Marcos, não tenha medo… Ele explicou que toda a gente dele é assim. Há séculos que não falam, como nós. Por isso perderam a expressão. Diz que nós também *falamos* com o rosto e com as mãos…

Reunidos hoje todos esses farrapos de lembrança que faíscam dentro de mim, entendo que o que fez livrar seu segredo foi que jamais se havia embebedado, pois era

cem vezes mais forte e mais sereno do que nós. Ao cabo, porém, de algum tempo a sua voz tão minha principiou a monologar:

— Avisei que era como amigo e você não acreditou, mas este luzeiro aqui se projetou até nós.

Dialoguei sempre comigo mesmo:

— Como?

Então Tudinha cochilava.

— Pelo pensamento, onda de luz, seu pai era um *nosso*. Ele detestava, ele odiava os companheiros.

Não houve reação. Em mim, o estranho continuava a expressar-se:

— Só poderia aproximar-se de nós — era superior. Mas foi difícil conseguirmos a ligação material. Espiritualmente, tomara contato havia vários anos. Ele aproveitava as fases mais propícias das confluências — ó meu Deus, se ao menos eu não houvesse bebido tanto! — e utilizava o raio-luz como veículo do pensamento. Mas de uma feita se arrependeu. Sua natureza terrena o predispunha à fraqueza.

De repente, uma onda sanguínea, massa enorme de calor, me apanhou dos pés à cabeça, como se seu ódio explodisse em mim. Mas sua face continuava pasmada e lunar.

— Vocês não merecem o mundo que têm. Quando nós desejamos sonhar e vamos aos enormes sonhadouros públicos, se ergue a visão da Terra, e então conhecemos todos juntos as cores que jamais avistamos por lá. Somos ricos de perfeição, mas pobres de moradia. Há séculos que magote formados por nossa gente emigraram para Deimos, o satélite que possui um pouco ainda de umidade, uns pobres restos de vida. Vivemos em condições artificiais. Avistamos as instalações que alguns de vocês fizeram no Polo, e nos lembramos como somos infelizes, pois quase todos devemos viver assim.

"Estamos esperando, há séculos para herdar a sua bela moradia" — e eu ria por ele como um doido, pois até de meu riso se apossara. — "Há séculos nos debruçamos sobre suas paisagens. Houve um louco, meio clarividente, que tentou fazer uma revelação da nossa guerra com vocês. Louco e estúpido, esse maldito Wells! Foi um dos que pretenderam solapar nossos planos. Louco como quase todos os habitantes desta coisa, pois há sol demais, o coração bate depressa demais, e a vida apodrece cedo demais: não havendo indivíduo que tenha a cabeça fria como nós a temos. Louco, sim. Pois então nós haveríamos de lançar à morte *gente nossa*? Pois então haveríamos de gastar nosso povo superior, numa luta com indivíduos inferiores?"

Minha cabeça latejava. Sentia a hesitação dos pensamentos do outro. Como que procurava controlar-se, mas a sua torrente de ideias se derramava em mim, tal fluxo impossível de ser contido.

— E aqui todos vão ficando loucos, também. Eu mesmo…

— Quer dizer que vocês nunca fariam essa guerra?

— Jamais — gargalhava ele em mim, alegremente. — Então não temos tantos trabalhando para nós? Tantos vis escravos?

Naquele ambiente irreal, um longe de medo se incutiu em mim. Ele não haveria de dizer mais do que isso; ou não saberia tudo. Mas, como da outra vez, o espicacei:

— Vocês então têm emissários entre nós?

— Qual nada! — e a sua galhofa se traduzia também por uns arrepios nervosos que me corriam o corpo. — São vocês mesmos, vocês, tipos inferiores que se propõem a trabalhar… para nós. Nós apenas *inspiramos*. Nossa mente mais evoluída espalha o que quer. Vocês estão apodrecendo há séculos. Os seus líderes determinam e vocês se matam aos montes, mas ainda não descobriram a origem dessas brigas, do suicídio de sua humanidade. A nossa principal façanha, a definitiva, a que nos valerá a entrega do mundo… — e eu mesmo, eu próprio, perguntei num lamento: "A guerra atômica?" — … essa nossa inspiração já antiga, enviada no raio-luz do pensamento, de progresso em progresso, porá fim ao tempo de angústia em que vivemos e morremos, na esperança de obter enfim a nossa casa, o mundo feito para nós.

Tudinha ora erguia a cabeça, ora cochilava sobre os braços, os cabelos afogueados sob o clarão do candeeiro. Mas em mim se formou um negror; bem se instalou um silêncio fechado, espesso, que tinha a configuração de um corpo sólido a me pesar no peito. Rapidamente, nova centelha, e a máscara do estrangeiro pendia para mim, a voz estalava aqui dentro:

— Houve um só, que, muito antes de principiarmos a nossa tática, previu tudo. Chamava-se… como se chamava?

A dúvida escaldava minha própria cabeça, e as palavras floresceram, vermelhas, em meu íntimo.

— Chamava-se Jesus, filho de José: "Amai-vos uns aos outros", gritava Ele perdidamente, mas vocês não o ouviram, não o ouvirão jamais — isso felizmente para nós! E nós herdaremos a Terra. Nós a limparemos de seus cadáveres e de sua radioatividade, mas para isso estamos precisando urgentemente de criar em Deimos uma raça poderosa de fixação. Formaremos o ser intermediário com as condições físicas dos que habitam estes lugares, e o espírito que nós possuímos, capaz de garantir a herança da Terra.

Senti que qualquer coisa mais negra e mais monstruosa estava para nascer naquela aurora de palavras jamais ditas e que, no entanto, viviam com intensidade em meu próprio ser:

— Nós levaremos algumas mulheres.

Fiquei paralisado, nem sequer conseguia pensar. Mas o visitante como que

procurava espraiar seus pensamentos até mim, com certo óleo de ternura:

— Se seu pai vivesse... Ele odiava tanto os seus irmãos... Se seu pai visse, ele a entregaria...

⁂

Conseguiria vencer aquela onda pesada que se abatia sobre mim, fixando-me impotente na cadeira, e, no entanto, captando lucidamente tais ideias? Meu corpo era de chumbo, mas a voz do meu espírito vibrou:

— Eu me vingarei — disse. Querendo soerguer-me da mesa, atirava-me ao chão. Via dançar à minha frente o vulto do estrangeiro. Tudinha permanecia na mesma posição. Punha-me de joelhos. Se eu conseguisse arrastar-me até a cômoda vizinha, tiraria o revólver. Meu corpo pesava monstruosamente. Sentia-me fixado ao chão, mal progredia no meu afã de atingir o móvel. No entanto a sua voz subia e aí já era um canto do triunfo: — Vocês pensam que têm as suas mulheres, mas não possuem as suas mentes. À noite, nós sonhamos que elas nos mandam o calor de suas aflitas solidões. Vocês nada sabem do requinte que é a posse de um espírito. A união material pouca coisa é, perto dessa outra. Levarei sua irmã daqui com sua própria vontade, já que a vontade é uma das muitas fraquezas que vocês têm, segundo nossos estudos.

Isso me deu o último impulso para que pudesse sacudir aquela tirânica ebriedade. Puxei a gaveta da cômoda, apanhei o revólver, mas oscilava. Então a minha boa voz humana, minha só, berrou para ele, e eu sentia gosto de sangue no ódio que me contaminava:

— Mas você morre, diabo, morre já!

Procurava fixá-lo. Ele dançava no campo de minha visão. Mas eis que me sinto empurrado, o revólver atirado longe de mim. É que Tuda acordara:

— Não — disse ela. — Não quero.

A surpresa da intromissão impediu, por uns segundos, que me atirasse ao inimigo. Vacilei, encostei-me à parede. Ela tomava-me a frente.

— Você está bêbedo! Vá dormir!

Sua voz era áspera, mas logo a modificou:

— Venha, que eu ajudo...

Enlaçava-me. Sua cabeça vedou, momentaneamente, a odiosa face do intruso. Desvencilhei-me de minha irmã, quis arremessar uma cadeira. Cambaleei.

A fala de Tudinha era furiosa:

— Bêbedo! Bêbedo! Ele não nos fez nenhum mal...

Quero lembrar-me exatamente o que fazia, então, o estrangeiro. Só posso recordá-lo como estranho espectador, fixando-me atento. Mas o revólver — eu não o encontrava mais ao canto da sala. Desaparecera. Ela procurava dominar-me, tomava um tom cruel:

— Não permito que você o maltrate.

— Tuda — disse-lhe. — Ele… — e procurava palavras, mas como que saíam dolorosas, dificilmente dominadas: — Assassino! — gemi por fim. E o apontava para minha irmã. — Quer levar você…

Ah, eu possuía as minhas palavras. Eram minhas, minha voz, minha afirmação, meu canto de homem. Senti-me leve. Eu o esmagaria com meus punhos. Recuperando o equilíbrio do corpo, movimentei-me, gritando e espumando de raiva. Tudinha mais uma vez interpôs-se. Empurrei-a com violência, clamando para o estrangeiro:

— Covarde!

Sim — era um covarde — e eu ria como um possesso, enquanto o invectivava. Em vez de enfrentar-me — deslocou-se para junto da porta, num daqueles movimentos instantâneos. Agora, eu estava rente à janela, e Tudinha me olhava apavorada. Mas já não via o intruso. Ele… ele desaparecia pela porta. E minha irmã o seguia. Ouvi o estrondo da madeira, com estupor. Depois a chave rodou na fechadura.

— Tuda! — gritei. — Tuda! Eu não estou bêbedo! Abra, Tuda! Você… você está correndo perigo!

Parecia uma trágica brincadeira, aquele desfecho. Bati, desarvorado, à porta, até que meus dedos quase sangrassem. Tuda estava à mercê daquele homem. E eu que não pudera fazê-la compreender o mal que o intruso representava!

Acho que chorei, sim. E não me envergonho de dizer. Sentia-me coberto de ridículo, reduzido à situação de uma criança castigada. Deveria forçar a porta. Ainda na mesa estava a faca de cortar pão. Tentei retirar a fechadura. O trabalho foi duro, a lâmina partiu-se, afinal. O tempo corria. Sentia latejar a fronte, e o ódio apertava-me o estômago com tal violência que me vinham náuseas. Afinal, na cômoda de meu pai encontrei uma forte lima de aço, que ele usava nos seus consertos caseiros. Consegui com ela fazer soltar as dobradiças — uma após outra. Penso que levei muito mais de uma hora nessa aflição.

A porta maciça despencou ruidosa. Agora, eu tinha diante de mim a visão límpida do cenário, o sol dourando os penhascos e os cimos das árvores. Queimava-me os olhos um resto de pranto. Febrilmente eu os procurei, e então, em cima do rochedo, vi aquela imitação de árvore, um abraço entre homem e mulher como jamais conhecera. Em tudo pareciam planta — uma árvore que fosse metade seca, metade viva. O vulto dele pendia, imenso, encarquilhado, a cabeça entornada sobre os cabelos

castanhos de Tuda pequenina. Ele a enlaçava com aqueles seus braços longos e os dois se plantavam estáticos, as roupas lambidas pelo vento, os cabelos misturados, rígidos como se fossem seres inanimados.

Nem o sol, nem o vento, nem o ruído das águas, nem mesmo a preocupação de que eu pudesse persegui-los perturbava o aconchego. Parecia não ter mais fim aquele beijo — se é que se pode se chamar de beijo —, aquela serena integração em nada lembrando a discordante violência do desejo humano, antes simulando repouso infinito. Aquilo era mais do que poderia suportar. Como escorreguei desorientado pelos degraus, como subi à pedra, como deles me aproximei? Então já se encaminhavam para as árvores e, desta vez, os passos do intruso não tinham a instantaneidade que eu já conhecia.

Via tudo vermelho. Deveria chorar sangue; estava meio cego e sentia um furor que era mais do que um ciúme de homem; era zelo, era honra de nós todos. Tuda era minha irmã, mas era irmã de vocês todos, compreenderam?

Quando dei por mim, já havia alcançado com a mão um pedaço da saia de Tuda, que se infiltrava na mata. Dei um forte puxão e agarrei minha irmã em desespero. Mas era como se Tuda fosse outra mulher. Fria, em sua violência, já me empurrava com força desconhecida.

— Vá embora! Vá embora!

Assim mesmo tentei lutar com Tuda. O estrangeiro não a procurava reter, antes se imiscuía pelas árvores, mas eu a sentia bem dele. Ele a largava como quem deixa a sobra de seu eu, o resto que se juntará ao todo, a fatalidade de um complemento.

Ainda expiarei minha vergonha, dizendo que lutei, é verdade, sim, com minha irmã. Eu a queria reter com estes meus braços. Era seu irmão, era seu pai e era, também, o homem de sua humanidade que a deveria proteger. Mas que sólida vontade, que força interior esse absurdo intruso nela imprimiu, pois que me vi afastado, rolando à borda do precipício, ainda com restos do vestido de minha irmã preso aos dedos? Acho que, na queda, magoei muito a cabeça, porque, então, não conseguia mover-me. Só pensava e ouvia. Escutava o estrondo das ondas e imaginava a lancinante separação, esse degradante afastamento que estava para acontecer. Sabia que iria morrer daí a pouco. Ainda com aqueles restos de Tuda agarrados às mãos. Outro dia não chegaria para mim e, no entanto, eu deveria sair daquela paralisação da morte, deveria mover-me, alertar pelo rádio, deveria chamar por todos. Lá da profundeza de minha lembrança vinham-me as palavras:

— Houve um, um só… que previu tudo. Chamava-se Jesus, filho de José. "Amai-vos uns aos outros", gritava Ele perdidamente.

Eu iria morrer. Ninguém mais, até que a terra fosse limpa da podridão de nossos cadáveres, saberia o porquê de nossa destruição. Tuda se desgarrara de mim para uma

separação muito mais terrível do que a distância da morte. Pensava isso e o mar batia nos rochedos, e eu me via sacudido pelas ondas, sentindo-me suspenso sobre o abismo, e um longínquo pensamento me vinha de que se conseguisse viver algumas horas, em minha humildade preservaria o futuro de todos os seres da Terra. Essas ideias me assaltavam como em rajadas, varriam minha cabeça que doía cada vez mais. Eu não podia prever nunca o que sucederia: um vivo clarão de aurora me esmagou sem que o visse, e em seguida houve uma brutalizante sensação de falta de ar e de opressão. Compreendi que eles nos deixavam para sempre. Entreguei-me à música dos ventos e do mar, à acomodação com a ideia da morte.

⁂

Abri, admirado, a vista para uma floresta de olhos crivados em mim. Eram pescadores, chamados por Piquira. E o que havia de pureza na mensagem que eu imaginava entregar, se perdeu naquela incrível acusação de crime de morte, em torno de um pedaço de vestido.

De agora em diante, eu saberia que deveria ter uma palavra de advertência, que deveria gritar a todos para que se unissem, ainda mesmo sendo chamado de bêbedo mistificador, de fratricida, ainda ouvindo os seus risos e sofrendo seus motejos. Os homens não acreditarão na minha inocência, cobrir-me-ão de ridículo.

"Uma história por demais fantástica, tentando encobrir um crime vulgar…".

Chorarei por Tuda, por minha irmãzinha, hoje uma saudade e referência para mim inscrita num canto do céu, naquele olho sanguíneo que, à noite, se fixa sobre a exígua abertura da parede de minha célula da prisão.

Sacudirei as grades como um louco; farão ameaças, mas eu continuarei repetindo:

— Vocês não me querem ouvir. Vocês não me ouvirão, miseráveis, insensatos, perdidos. Eles herdarão a Terra. Eles herdarão a nossa Terra!

COTIDIANO

PARTIDO NACIONAL

A Adalgisa Nery

Do teórico — Eudes Antunes — muito se pode dizer antes da convenção inaugural do Partido. Já de seu líder e fundador — Malta Rau — até aí são escassas as fontes de informação. Vejamos: um recorte de *O Globo*, de 1956, extraído de uma série de reportagens sobre "Onde come o brasileiro", e no qual a dona de uma pensão de Copacabana fala do dr. "Rogério Malta Rau, ilustre intelectual do Ceará, que aqui vem comer fritada de camarão", acrescentando, depois: "o que é uma honra para a casa, pois ele tem o paladar difícil e é muito exigente. No começo, deixava que fosse à cozinha, para certificar-se de que os camarões estavam frescos, e de que o óleo usado era de primeira qualidade. Depois, desistiu desse cuidado, manifestando inteira confiança na casa. É um homem sábio e bom".

Há outros esclarecimentos dentro da procura dessas raízes políticas: fez Malta Rau parte do corpo de redação de *A Batalha*, de Fortaleza; publicou uma série de pequenos ensaios sobre "A fé negativa", na quinta página do suplemento do *Diário de Notícias*; escreveu extensas crônicas sobre "Carlitos, o nauseísta", "Maria Callas, a deusa da ira", "Baby Pignatari, o moralista", "M. Hulot, o desarticulador".

Já Eudes Antunes teve um passado político ruidoso e bem marcado. Tomou parte, primeiro, em movimentos de universitários contra a nomeação dos mestres, que deveriam, de acordo com seu pensamento político, ser eleitos pelos alunos. Depois, entrou em luta aberta contra os médicos, quando de suas reivindicações. Escreveu longas cartas aos jornais, e foi fotografado com mulheres que sorriam, estateladas, pintadíssimas, de saias curtas e justas, enquanto faziam com os dedos espetados o V da Vitória. Patrocinara as pretensões das referidas criaturas que tiveram, no seu entender, injustamente, várias casas fechadas pela Polícia. E mais: Eudes Antunes surgiu na televisão, falando contra os impostos; no rádio, em mesa redonda, veementemente atacando a Caridade Social e causando escândalo ao criticar determinadas senhoras da alta sociedade.

Entretanto, devemos convir: são ainda bem fracos estes apontamentos sobre as

duas extraordinárias figuras do Partido Nacional da Náusea, levando-se em conta as agitações que desencadearam no Brasil e a nova ordem de conceitos filosóficos e políticos que puseram em curso — pois, como já se disse exaustivamente, a influência do PNN transbordou dos seus quadros sociais e se estendeu por vários outros partidos, inclusive a União Democrática Nacional e o Partido Trabalhista Brasileiro, ambos infiltrados por elementos nauseístas. Nos jornais de São Paulo, relativos às eleições, há uma fartíssima documentação sobre Eudes Antunes, que, como todos sabem, foi o grande cabo eleitoral do rinoceronte "Cacareco". Ele havia encontrado, enfim, o símbolo procurado tão ansiosamente. Experimentou a reação do povo e viu que a náusea paulista se encaminhava docilmente para o objetivo "Cacareco". Teve, assim, oportunidade de medir as inefáveis rotas abertas a seu êxito político. Com um simples rinoceronte havia obtido de gente tão bem esclarecida mais de cem mil votos! Eudes Antunes fotografou-se ao lado de "Cacareco", em atitude imponente, e deu entrevistas cujas manchetes eram assim: "Eudes Antunes, o eleitor de 'Cacareco', e o Partido da Náusea", "Guiado por Antunes, o rinoceronte esmaga os políticos", "Até onde irão 'Cacareco' e Eudes?". Podemos imaginá-lo, então — e nós nos referimos ao grande teórico do Partido Nacional da Náusea — embevecido até com os ataques dos cronistas que combateram esse "desastrado uso do direito de votar". Houve uma passeata à noite pela praça Patriarca, com um gigantesco cartaz e os retratos de "Cacareco" triunfante. No meio do júbilo de estudantes, comerciários, de senhoras de prendas domésticas e de membros do "Automóvel Clube", Eudes Antunes fez a sua primeira pregação política. Mas ele sabia que "Cacareco" não o poderia levar tão longe, assim. Dessa etapa em diante, carecia de um homem.

⁂

Naquele dia 17 de outubro, no Rio, houve uma cena patética, registrada historicamente como sendo o primeiro ato cívico de fé nauseísta.

Eram três horas da tarde e, em frente à câmara, à esquerda da estátua do protomártir da Independência, havia uma pequena concentração de pessoas que aguardavam outras para o encontro solene no Palácio Tiradentes com alguns deputados. Viam-se douradas normalistas, afobados serventuários da Justiça, distintíssimas senhoras da sociedade retocando a maquilagem, alguns pálidos e morenos condutores da Light, motoristas lusos naturalizados, calorentos, fechando e abrindo os paletós, estudantes e enfermeiras, padeiros e empregados de farmácia.

Foi nesta hora, exatamente, que um homem baixinho, de cabeça grande, vestido com um terno branco de caroá escolhido (Malta Rau), seguido à distância de alguns

passos por um soberbo exemplar humano, distintamente trajado de escuro, os cabelos crescidos, desmanchados pela aragem quente da tarde (Eudes Antunes), chegou rente ao monumento, e ali ficou de cabeça baixa por alguns instantes. O acompanhante chamava a atenção do grupo de pessoas, que, tendo recebido a adesão de recém-chegados, já se ia deslocando lentamente pela escada.

— Meus senhores — disse o que desde então se tornou o famoso teórico de um dos bem-sucedidos partidos nacionais —, venham presenciar um solene ato cívico.

As pessoas, ao ouvirem aquela voz de comando, naturalmente dotada do magnetismo das massas, bem se voltaram para o homem de caroá, que era presumidamente aquele que deveria fazer o discurso, pois ato cívico foi discurso em todo o território nacional e seria possível que a arenga se referisse a eles próprios. Todavia, houve o extraordinário, o inefável.

— Vejam, vejam. Este cidadão puro está vomitando o Brasil!

Paixões desencontradas fervilharam. Houve desde o riso boçal até o grito de indignação. A primeira pessoa que pôde falar foi uma das senhoras distintas e bem maquiladas que esperavam. Sorriu superiormente e, com voz bem impostada, perguntou, enquanto um tumulto de sentimentos sacudia o grupo:

— Mas por que ele está vomitando o Brasil?

— Por quê, minha senhora? — perguntou, por sua vez, Antunes. — Então não sabe por experiência própria que está tudo errado, que as instituições estão falhando, que há um desacerto geral? Que há miséria demais, riqueza demais, preguiça, velhacaria e esbanjamento?

Um estudante deslocou-se do grupo e se pôs a vociferar:

— É um absurdo! Protesto contra uma indignidade destas, uma falta de patriotismo igual! Merece cadeia quem faz isto!

Já nessa altura, o homem de caroá levava um lenço à boca úmida. Ia recobrando a cor, mas se encostava ao pedestal da estátua para não cair, de tão fraco.

Estabeleceu-se então um diálogo frustrado entre os componentes da embaixada, que ia levar aos deputados alguns anseios impossíveis e Malta Rau. (Só poderá ser refeito, mas em parte — esse diálogo de tanta importância histórica, dentro do painel político do Brasil).

Alguém perguntara:

— Mas o senhor se refere também a toda a Oposição? Está pondo para fora toda a Oposição Nacional? Ela tem sido heroica!

O homem que veio fazer seu ato de civismo junto do protomártir não esperou que seu teórico respondesse. Ele mesmo fixou doloridamente o interlocutor e levou um lenço de quadradinhos à boca, por três vezes, numa tristíssima expressão de enjoo. Outros, veementemente, perguntaram, cada qual mais apaixonado:

— E o governo, então? E a Frente Nacionalista? E o comércio? E a indústria? E o operariado? E o clero brasileiro? E o Flamengo, o Fluminense e o Vasco? E os mestres, a classe médica? A justiça? E as enfermeiras? O petróleo e a siderurgia? E a Academia Brasileira? E a imprensa?

A cada uma dessas perguntas, como se correspondessem ao doloroso sentimento moral que desencadeasse um mal-estar físico, Malta Rau, o homem de caroá, fazia menção de aliviar-se de qualquer coisa que lhe entravasse a garganta: levava o lenço à boca, os olhos lacrimejavam, e se tornava continuamente uma espécie de protomártir da náusea nacional. Quem o viu nesse dia memorável, patenteou sua sinceridade. Sofria, esverdeava, no auge da repugnância moral e física.

Terminado o ato cívico, atônitas, à frente da Câmara, as pessoas viram partir Malta Rau e Eudes Antunes, aquele na frente, pequenino, o paletó de caroá aberto atrás, e este a metro e meio de distância, grandalhão e distinto, num respeito ostensivo pelo chefe.

Dois minutos depois, os deputados sabiam do acontecimento. As reações foram as mais contraditórias. Aristóteles Lavor, do PSD de Alagoas, indignou-se, responsabilizando a guarda do Palácio Tiradentes, pois aquilo constituía um ultraje à câmara. Marcolino Sampaio, da UDN do estado do Rio, disse que "o brasileiro é o mais estranho entre todos os povos do mundo, pois é capaz de vomitar quando não come". Todavia, a nota mais curiosa desta tarde foi dada por Orestes Araújo, do PDC do Espírito Santo. Situou o acontecimento como sinal dos tempos, com o estraçalhamento das oposições, que preferem vomitar votos (aludiu ao caso do "Cacareco") a organizar-se. Isto tudo foi dito no meio de risos. Um sopro de novidade vinha bafejar as consciências e as inconsciências. No dia seguinte, Malta Rau e Eudes Antunes estavam em todos os jornais do Rio.

A reação da imprensa, ostensivamente agravada com as outras instituições brasileiras, foi a de convocar o brilho do humorismo para desmoralizar o acontecimento. O ato cívico transformou-se numa berrante pantomima de circo. E um riso só reboou pela cidade. No entanto, apareceram deliciosas crônicas de Rubem Braga, Henrique Pongetti, Elsie Lessa, com uns longes de simpatia. Eneida ralhou um pouco, mas com bondade. Rachel de Queiroz fez uma de suas mais belas páginas: "Eis o Homem". Malta Rau era um pouco de todos nós. Quem nunca teve vontade de vomitar os erros do Brasil?

O chefe guardava o seu mistério, mas Eudes Antunes apareceu num programa de televisão, onde transformou em vitória brilhante toda a crítica, todo o ridículo, todos os risos:

— E preciso canalizar, convenientemente, esse valor que é a piada nacional. Não há nada mais nauseísta do que a nossa anedota, que vomita tudo que está provocando

mal-estar coletivo, desagravando assim a nossa pátria. A piada do deputado: "O brasileiro é o único capaz de vomitar aquilo que não comeu" está absolutamente enquadrada dentro do espírito de nosso credo nauseísta. A "gracinha" é também modo de se pôr para fora o Brasil errado, vomitando para que, enfim, o organismo possa renovar as energias. Só Malta Rau fará, ajudado por nosso gigantesco esforço, a operação saneadora. — E Eudes Antunes teve um lampejo de gênio político, falando nos fabulosos gastos do governo:

— Basta de sangrias... As sangrias são do século passado. Nós já não as suportamos. Nosso remédio, nosso alívio é...

Inflou as bochechas, levou, grave, o lenço aos lábios.

O sucesso foi enorme.

Alguns intelectuais reivindicaram, depois, a honra da primeira reação pública, nitidamente nauseísta, no ato de desagravo à memória de Machado de Assis, diante da Academia Brasileira, contra a guarda dos despojos do escritor no mausoléu da instituição:

— Respeite-se a vontade de Machado! O defunto é nosso!

Em seguida, em severa fila, subiram os degraus da Academia. Silenciosos levavam seus lenços à boca e assim ficaram, um minuto, diante de alguns atônitos acadêmicos, por sua vez enjoados, pois haviam terminado o chá da quinta-feira.

Nós, que nos dedicamos às pesquisas históricas do partido, hoje sabemos que esses intelectuais foram precedidos por quarenta senhoras, mães de alunas excedentes do Instituto de Educação. Haviam as damas marcado audiência com o diretor. Na hora aprasada, elas chegaram, todas muito bem vestidas e cintadas — algumas de chapéu — e desembocaram solenes pelo salão, onde o diretor do instituto aguardava com seus secretários.

Houve um sorriso em flor e cedo caído, da parte de cá, bolsas abertas do lado de lá e lenços cheirosos subiram aos lábios das mães plenas de justa cólera. Uns instantes de terrível opressão vieram. Algumas estavam pálidas, outras ruborizadas, com lágrimas prestes a saltar. Depois, as damas, sempre silenciosas, deram as costas ao diretor e saíram altivas.

Então eram essas, como outras, meras manifestações de interesses de grupo: as atividades nauseístas de associados da SUIPA, que desagravaram os animais, nossos irmãos menores, reprovando e expulsando, simbolicamente, de lenço à boca, o prefeito, que havia determinado a apreensão imediata e a eletrocussão maciça de animais (gatos, cachorros e macacos) cujos donos não exibissem atestado de vacinação contra a raiva: as turbulentas sessões de nauseísmo de trinta artistas plásticos em Brasília e que se sucederam na praça dos Três Poderes e em outros logradouros importantes da cidade.

Como foi amplamente comentado pelos observadores políticos, os inimigos naturais do nauseísmo ajudaram a levantar o sólido bloco que em breve era o partido. Quando um deputado queria desmoralizar qualquer atitude de um seu opositor, sorria superiormente e dizia:

— Isso é puro nauseísmo. Não tem base. Vossa excelência quer que lhe empreste o lenço?

O espírito que vai congregando as mais diferentes pessoas para formar atmosfera partidária se ia criando:

— Meu filho, deixe de insubordinação. Daqui a pouco estão dizendo que você faz parte do grupo que vomitou o professor de literatura!

Eudes Antunes trabalhava, febrilmente, escrevendo e fazendo pequenos comícios, mas o chefe nacional do Partido da Náusea sabia, então, usar o silêncio com inegável acuidade. Anunciada a sua aparição na TV, para responder a cinco perguntas, uma audiência nunca vista assinalou o triunfo do programa patrocinado pelo Elixir Estomacal de Winds. Naquela noite de fins de novembro, vários teatros e cinemas apresentaram casas praticamente vazias. As questões eram estas:

1. Qual é, verdadeiramente, a situação política do Brasil diante das eleições gerais?

2. O que pensa de Brasília?

3. Existe algum partido político que represente a média das aspirações do povo brasileiro?

4. Entre os candidatos já conhecidos, quais seriam os apoiados pelo Movimento Nauseísta?

5. Quais, no seu entender, os caminhos mais apropriados para o nosso progresso?

Sentavam-se as três personagens no mesmo sofá: Malta Rau ao centro, Eudes Antunes à direita, e o entrevistador à esquerda. Como fosse dia de queda de voltagem, as respostas de Malta Rau, imagem viva do sofrimento da náusea, vinham numa oscilação geral dos três em seu sofá e, por sua vez, causavam impressionantes tonteiras na assistência.

À primeira pergunta, Malta Rau revirou os olhos de ovelha, tirou o lenço do bolso. As bochechas enfunaram, mas ele, estoicamente, dominou a reação, apertando os lábios com o lenço de quadradinhos. À segunda e à terceira, cresceu em seu mal-estar, mas continuava a sopitar sua terrível náusea. À quarta, descansou lânguido a cabeça no encosto do sofá. Fez, após, menção de sair, comprimindo a boca com o lenço. Mas à quinta, depois de uma pausa, conseguiu reanimar-se:

— O caminho é a libertação… individual… social… e política, através — havia sofrido tanto! — do Movimento Nauseísta Nacional… que está formando o Partido Nacional da Náusea. E agora, com licença.

Saiu precipitadamente do campo da visão dos telespectadores. Veio música e

letreiro: ENTREVISTA COM MALTA RAU. Quando a imagem voltou, estavam no sofá apenas Eudes e o locutor. E o teórico do nauseísmo foi magnífico, mais uma vez.

Como estamos restabelecendo verdade histórica, não podemos endossar as notícias dos primeiros nauseístas sobre o sucesso popular da caixinha do partido em formação. Houve um mecenas que pretendeu ficar oculto.

Naquela noite, em que Eudes Antunes sucedeu a Malta Rau, em sua entrevista na televisão, Sebastião Horta — o fabricante das casimiras Horta — mandou buscar Eudes em seu carro "para um encontro urgente e de grande interesse".

Sebastião Horta esperava o visitante em seu gabinete particular com diplomas de feiras mundiais espalhados pela parede e declarações de políticos fotograficamente desenrugados e límpidos:

"As casimiras Horta indicam o melhor sucesso social e político…".

E o governador Benjamin Araújo, em ato inesquecível para a indústria nacional, sorria, arregalado, cercado do ouro da moldura:

"Ao grande Sebastião Horta que, com seu bom gosto, veste metade do Brasil".

Quando Eudes chegou, o milionário já havia passado por muitas doses de uma especial caninha de 1930, mandada do Norte. Recebeu o visitante falando alto, vermelho, num grande entusiasmo:

— Vi o programa na televisão. Chamei porque decidi dar muito dinheiro a esse novo partido… como é mesmo o nome?

— Partido Nacional da Náusea. Sentimo-nos honrados com a confiança de um dos mais dignos homens da nossa indústria.

— Devagar, moço, devagar — disse Horta, com voz que repercutia, altíssima, pelo grande salão. — Eu não disse que depositava confiança em ninguém…

Eudes Antunes, diante deste começo, com muita elegância, quis encerrar a entrevista:

— Então creio que nada mais temos como possibilidade de conversa…

Horta destapou uma enorme gargalhada de sujos dentes plásticos e azedo de cachaça. Eudes ia levar o lenço à boca, mas se conteve.

O industrial, espiando-lhe a expressão, deu-lhe um ruidoso tapa no ombro.

— Moço — uma olhadela só nesses retratos! Diga uma coisa: que acha deles?

— Uma linda moça e um rapaz bem bonitinho.

— Sim, rapaz bonitinho. Podia ser cruza de zebra com cervo. Cervo com C, como se lê nos romances de caçada de rei e rainha. Mas acontece que essa coisa esquisita e bonitinha, é meu filho. Não dá para nada, senão para o pior.

— Ah!

— Nas noites de festa, esta casa fica cheia dos cervinhos soltos. Mais de cem, eu acho… E tudo temperamental, olhando a gente de través.

— E esta moça, linda moça, com perdão de minha defunta, nem parece a filha de sua mãe. Não lhe digo o que é, não por mim, mas pela santa que está no céu…

— Isto é um assunto particular… Creio que nada temos com a questão.

— Calma, rapaz. Eu chego lá! Já pensei muito. E decidi dar todo o meu dinheiro a esse partido, que, no meu entender, é a coisa mais louca, mais idiota que já se inventou —desculpe, moço, mas é mesmo.

— Se me mandou chamar, pretendendo humilhar-me, perde seu tempo. O ridículo cai inteiramente sobre quem pretende lançá-lo…

— Aí, moço; eu não me zango. Mas acontece que escolhi o seu partido… justamente por isso. Vocês lá não aceitam, por acaso, quem queira vomitar *dinheiro*, muito dinheiro? Acho até que seria o único vômito aproveitável…

"Ah, os caminhos do nauseísmo", pensou Eudes, "como são imperscrutáveis…".

Horta, o velho Horta, então ficou meio humilde, achatado em sua cadeira alta.

— Repartir com os operários? Não serve para o que eu quero. Empregar meu dinheiro… na caridade, nunca. Dar a prostitutas, também não. Há sempre uma criança ou uma velha que aproveita os cobres — eles até podem virar uma promessa de aposentadoria para as ditas. Parece fácil "jogar dinheiro fora", mas não é…

Estava ensimesmado. Engrolou, assim, umas xingações.

Depois falou, quase solene:

— Com vocês, jogo na certa. Vou deixar algum dinheiro para a mesa, é só o luxo a que me dou depois que a minha se foi. Estou, mesmo, na idade da virtude e mulher há muito não existe para mim. Fiz uma… como é mesmo? "Fundação" para a fábrica… Os meninos não podem tocar em nem vintém das "casimiras". Os depósitos nos bancos, tirado esse meu passadio, de que falei… vão ser *vomitados*, mesmo. E as duas belezinhas do papai que trabalhem, deem duro, como eu.

Entregue à confusão dos sentimentos, Eudes procurava palavras. Encantou-se consigo mesmo quando conseguiu dizer:

— Não se pode negar que essa é, digamos, a pura manifestação de fé nauseísta de um chefe de família…

— Não me ponha nessas histórias. Outros pais encaixariam um tiro nos miolos. Cada um como Deus fez.

— E já que está tão bem-disposto — não quer assentar tudo hoje? É uma ideia ótima, que não deve ser deixada para amanhã.

⁂

De madrugada, quando Eudes Antunes deixou a companhia de Sebastião Horta, sua

filha vinha chegando. Brigava com companheiros e lhes dizia, ao nariz, coisas que haviam figurado no próprio vocabulário do pai.

— Vocês são uns frouxos que não aguentam mais…

Um dos companheiros respondeu com uma gentileza equivalente, e todos se eclipsaram à chegada do dono da casa, que acompanhava, eufórico, a visita à porta.

Sabininha Horta — as raivas lhe caiam de súbito — mirou e reconheceu o belo homem da televisão. Com seu olho experiente, no mesmo instante o considerou como possível acariciador, abraçador, beijador e proporcionador de vários outros interesses. Levantou o cabelo da testa, sorriu gentilmente, e virou menina boazinha e simpática, num segundo:

— Você não me apresenta, papai. Não precisa. Eu adoro os programas de televisão em que ele aparece…

⁂

Com a enorme doação de Horta, o movimento ia, enfim, tornar-se grande partido. Abriram-se comitês em todo o Brasil. Organizaram-se concursos para a melhor tese sobre nauseísmo entre os estudantes

Foi a época em que a náusea teve na Imprensa páginas admiráveis. Carlos Lacerda dizia na *Tribuna*: "A UDN está desmoralizando a esperança, derradeira força que o povo tem para não vomitar o regime". Prestes Maia afirmava no *Jornal do Comércio*: "Cacareco aconteceu. Tornou-se explicado o prestígio de muitos estadistas, e, sobretudo, 'paquiderme' deixou de ser um apodo ofensivo". Joel Silveira escreveu "A náusea" no *Diário de Notícias*.

Eudes Antunes preparava, febricitantemente, a apresentação do pedido de registro no Tribunal Eleitoral. Os jornais já haviam começado uma campanha contra a inscrição do PNN Eudes citava Sartre, Leon Bloy, e caracterizava a náusea como uma das mais belas e legítimas reações morais.

Algumas vezes mais, esteve em casa de Horta. Viu rapidamente Sabininha. Granjeava popularidade. Estava muito possuído por sua paixão política para atender todos os telefonemas da moça. Tanto mais ela o via, com seu ar ao mesmo tempo aflito e distraído, quanto mais o considerava nas suas sedutoras possibilidades. Um dia, diante do elevador, ele voltou a cabeça e sorriu com exaustão; imediatamente ela o projetou assim, mas já com a cabeça no travesseiro. De súbito perdeu o gosto pelas noitadas e ficou tão caseira, e aparentemente tão tranquila, que o pai entrou a duvidar do seu próprio gesto. Pelo sim, pelo não, adiou algumas outras doações ao Partido Nacional da Náusea.

Contra o veemente trabalho do procurador, o PNN foi afinal registrado… Agora, já tinha chapa para as eleições. Era encabeçada por Malta Rau, que descansava num sítio da Linha Mogiana e dava raras entrevistas. Jornalistas políticos assinalavam o seu tino excepcional para não se enredar em intrigas. Açodado pelos repórteres, falava pouco, sempre patenteando o seu sofrimento pelo descalabro nacional. Se eles insistiam no assunto, Malta Rau empalidecia tanto, ficava tão transtornado que todos se retiravam antes de acontecer o que haviam provocado com a insistência. Os jornais continuavam a ridicularizar o chefe nacional do PNN, mas, aos poucos, sua reputação de abnegado florescia nas massas. Se o *Estado de São Paulo*, o *Correio da Manhã*, *O Globo* ou as *Folhas* procuravam alertar o público sobre a "incrível demagogia nauseísta", corriam histórias, sopradas de boca em boca pelo povo:

— Malta Rau foi convidado pelo presidente para um entendimento e disse que "infelizmente um dos motivos da náusea do povo brasileiro é a política dos *arranjos*"!

A esta altura, como se sabe, numerosos políticos, de vários partidos, abraçaram o credo do PNN e já faziam discursos inflamados em todo o território nacional. O símbolo do PNN era "Cacareco", carregado orgulhosamente nas lapelas.

A criação desse símbolo se dera após o aparte de um agente provocador num discurso de Eudes:

— Esse espírito nauseísta é espírito de porco, não é?

— Não — respondeu, iluminado, o teórico —, mas é espirito de rinoceronte.

Eudes Antunes fez questão de ficar de fora da chapa. Era sempre reconhecido, por onde andasse, e pessoas amáveis e maliciosas intencionalmente levavam o lenço à boca à sua passagem. Essa era a saudação que estava empolgando o Brasil: o lenço sobre os lábios. Não mais lenços agitados, lenços brancos, naquela fantasmagórica floresta movediça dos comícios do brigadeiro. Agora predominavam os de xadrez, ou simplesmente coloridos. Unidos a milhares de lábios, funcionavam como protestos vivos.

Vendo que não conseguia forçar a intimidade de Eudes, Sabininha Horta fez-se ardorosa nauseísta e o seguiu em todos os *meetings*. Havia até mesmo conseguido levar o irmão a alguns deles. Mas o moço achou tudo de uma "vulgaridade nojenta". E as praças públicas? Verdadeiros mictórios. Jardins — nunca!

Para os filhos, Horta mantinha em segredo as suas doações. De vez em quando, uns longes de dúvida o assaltavam:

— Não é que a burrice está pegando?

Já agora, quem procura fazer um rápido bosquejo sobre as fontes ocultas do PNN pouco tem a dizer. São muito recentes as suas vitórias nas eleições, principalmente no Rio, onde Malta Rau, com seu maciço prestígio de chefe, elegeu oito deputados. Os resultados, ao começo, pareciam derivar de eleitorados restritos de algumas zonas.

Mas as apurações fizeram em breve cair as ilusões dos outros partidos. E as manchetes apareceram: "o povo disse NÃO aos políticos através do nauseísmo".

Queimaremos as etapas: a rumorosa recepção dada por Sabininha Horta aos vencedores; seus olhos compridos, reparados por todos, em Eudes Antunes; o escândalo das pessoas bem pensantes a respeito do resultado eleitoral; os atritos nas ruas; as várias démarches para anular os votos dos nauseístas, com enquetes nos jornais em que juristas opinavam sobre o erro da inscrição do partido ou sobre fundas irregularidades nas eleições.

Se isto faz tão pouco tempo — para que descer a detalhes? Todavia, como pertencemos ao grupo que acompanhou Malta Rau até a Câmara dos Deputados no seu dia de glória, queremos dar nosso depoimento sobre uma cena, talvez um pouco constrangedora, que então ocorreu entre ele e Eudes. O teórico afirmava:

— Acho que deve adiar a sua estreia na tribuna. Antes disso, a estação de Lambary…

— Serei o primeiro a inscrever-me para falar.

Houve um certo silêncio e, por força de hábito, um correligionário levou o lenço à boca, numa *gaffe* profundamente desagradável.

Lembramo-nos dos menores detalhes desse esplêndido discurso do líder do PNN. Foi uma revelação para os colegas, que não supunham ter Malta Rau tão grandiosas qualidades de orador e sorriam e se entreolhavam quando o homem pequenino e cabeçudo subiu à tribuna. Seu discurso ia às origens da náusea brasileira. O PNN se fundava sobre o logro nacional. Malta Rau fez um estudo estupendo da frustração política do cidadão médio brasileiro e apontou, imediatamente, alguns recursos fáceis na política financeira, no abastecimento das capitais e em questões de trabalho. A Câmara agora ouvia em religioso silêncio. Ninguém rodava nas cadeiras, não havia mais cochichos, era uma surpresa esmagadora.

Saindo do seu triunfo, no meio dos companheiros de bancada, Malta Rau, ao passar pela estátua do protomártir, deu com um sujeito — um caquinho de gente — abrindo ostensivamente a boca e devolvendo o almoço.

Malta Rau havia agradado a todos naquele dia, exceto a alguns dos seus partidários, que acharam o discurso muito fraco, com todos os chavões e desagradáveis aspectos de outras arengas da oposição, despido inteiramente da decisiva energia nauseísta.

Assistindo ao ato cívico diante da estátua de Tiradentes, o chefe do PNN parou, e pararam também deputados, aguardando o que ia acontecer. Juntou gente. Malta Rau perguntava ao homenzinho frágil e verde:

— Mas, meu amigo, você está incluindo o meu estudo sobre a náusea brasileira?

(Gesto de profundo desgosto. Um lenço encardido, que já foi vermelho ou roxo

tapa a boca sofredora).

— O abastecimento das capitais? Aquele período sobre os grandes frigoríficos?

(Novo gesto). A pequena multidão está abalada. Malta Rau treme e prossegue, perguntando:

— A parte relativa à inflação? O estudo sobre as burlas da legislação trabalhista?

Nessa ocasião, o pequenino foi todo sacudido por espasmos. As magras bochechas estufaram e depois ele escondeu a face sofrida, pousando-a no pedestal da estátua, como um menino se esconde na saia da mãe.

Sem perguntar mais nada, Malta Rau retirou-se, seguido por um cortejo silencioso.

Atribuem aos bravos e atilados advogados do PTB, UDN e PSD o sucesso na ofensiva judicial que houve, logo em seguida, para derrubar o PNN. Podemos afirmar, dentro do mais rigoroso cuidado histórico, que esses partidos já encontraram caminho fácil, através das próprias lutas internas dos nauseístas. Brigavam os membros nos pátios das universidades, à saída das fábricas, dentro das próprias casas.

A imprensa chamou os furiosos dissidentes de *anarquistas*. Os anarquistas, fotografados n'alguma fazenda sem endereço, fizeram carga cerrada contra o PNN.

Falava-se já, e muito, em cassação dos mandatos; o nauseísmo era francamente subversivo. E havia as denúncias: testemunhas apontavam os entendimentos de emissários de Peron com o PNN, transformando a causa em ameaça internacional; outras falavam do desrespeito às instituições, consubstanciado nas atitudes nauseístas diante do Ministério da Guerra e do Palácio da Justiça; foi também posta em evidência, nos documentos, a injúria pública ao presidente da República, que fechou seu habitual sorriso, no dia do Grande Prêmio Brasil, quando muitos lenços foram levados aos lábios à sua passagem.

As reuniões na sede do partido, agora, eram francamente desesperadoras. A cada uma das manobras de seus inimigos, Malta Rau respondia com notável discurso, onde ele apenas repisava o grito de fé:

— Se tirarem do brasileiro o direito à náusea, que restará?

Mas aparecia sempre um membro do diretório, protestando contra a fraqueza dos discursos:

— O povo espera que passemos o Brasil a limpo, mas só estamos tratando de filigranas, nada mais.

Verificando, pelas datas de seus respectivos discursos insertos nos anais da câmara, chegamos à conclusão de que os deputados do PNN desertaram praticamente na mesma ocasião. Ligaram-se a outros partidos, e quando fizeram a comunicação à câmara, lacrimejaram, de fazer pena. Tiveram atitudes nobilíssimas.

— Fomos vítimas do maior engodo que já houve sob os céus destes brasis.

Denunciamos, com perigo de vida, as atitudes daqueles que ontem nos iludiram, mas hoje estão sendo desmascarados em praça pública. Devemos ser realistas…

Nessas ocasiões, Malta Rau pedia licença para apartear, e muito enfático levava o lenço à boca. Isto desgostou maciçamente o congresso. Ele insistiu, porém, no direito de dar tais apartes. E a câmara, em unanimidade jamais vista, bem se voltou contra ele.

⁂

Todos já esperavam, como certa, nesses dias, a cassação dos mandatos. Uma semana após a decisão judiciária que colocou o PNN fora da lei e Malta Rau em ostracismo — já que seus companheiros haviam agido de forma tão inteligente quanto realista —, houve a tristíssima reunião em casa de Sabininha. Apenas umas trinta e poucas pessoas. Falavam baixo, guardando, com muita delicadeza o comportamento social dos velórios. Malta Rau, a cabeça aumentada pela magreza do corpo, só fazia exclamar:

— Canalhas.

E havia uns tímidos e afetuosos sinais: a mão de um ou de outro fiel partidário, quase chegando à boca, e caindo, desconsolada.

Foi Sócrates Bonfanti, presidente do Comité Estudantil, que se havia tornado nauseísta desde aquele longínquo dia do primeiro ato cívico aos pés da estátua do protomártir, que procurou vencer o marasmo:

— Como vamos sobreviver? Desde já devemos suspender as retaliações e formar nosso plano. Restabelecer o prestígio da poesia em praça pública, reencarnando Castro Alves em nosso movimento de redenção? Dar prêmios a monografias sobre o rinoceronte, pura e simplesmente? Lembrem-se de que Cacareco ainda não foi proibido. Trabalhar nas filas de compras, nos dias de recebimento dos salários, ou dez dias antes, no meio do funcionalismo ou do operariado? Gratificar as garotas-propaganda da televisão para que, vez por outra, incluam, disfarçadamente, o nosso imortal gesto nos anúncios comerciais?

Quem assistiu a esse quadro desolador fez amargas considerações sobre o que pode vir a ser a decomposição de um partido.

O estudante falava com ardor, mas a assistência recebia os alvitres com apatia. Alguém preferia apoiar o ex-chefe nacional em seus desabafos. E quando ele dizia:

— Corja de traidores.

Repetia, sério — *corja* — fazendo um aceno bambo de lenço murcho.

Em sua janela, o teórico não dizia nada. Tinha a vaga impressão de que a cidade,

através do guincho das cortinas de aço, dos ditos galhofeiros de calçada, do rilhar das linhas de bondes, era uma náusea só, uma náusea que lhe dizia respeito. Foi como num sonho que viu Malta Rau teórico, em seu lugar, dizer:

— O erro foi termos começado aqui. O Brasil precisa do estímulo lá de fora. Se nós começássemos na Inglaterra, primeiro como uma filosofia de vida, depois como reivindicação social… o nauseísmo seria mais do que um partido. Isso na Inglaterra ou na França…

Sabininha achou que devia falar qualquer coisa:

— Dizem que esta história de náusea na França não é novidade…

— Sabininha, a nossa náusea é totalmente diversa.

Eudes dava as costas ao rumor de trânsito que jamais lhe parecera tão exasperante.

— Sim — falou ele, saindo de seu torpor e com absoluta reverência ao chefe. — Que poderia ter acontecido a Marx se o seu fenômeno não houvesse ocorrido na Alemanha e na Inglaterra, mas aqui no Brasil? Evidentemente, que a força das ideias está ligada, e muito, ao seu país de origem.

Sabininha encostou-se a seu lado e um anúncio luminoso a circundou de rosa, como numa vitrina.

— Disseram-me que na Inglaterra há a maior liberdade política, que até um estrangeiro pode dizer o que quer em Hyde Park!

Dito isto, voltou-se para Eudes, agora com uns longes de tom verde mandados pelo anúncio, o que fez Sabininha sonhar com um relvado inglês com a cabeça de Eudes largada sobre ele. Nalgum lugar do mundo, ela o contemplaria sobre um travesseiro e tantas vezes, que esta ideia não lhe traria mais uma pontada de dor, mas o quadro a aborreceria, enfim, como a uma mulher casada em bem-aventurança.

Não haverá tempo para fazermos aqui uma consideração mais profunda sobre o imponderável na política. Nessa melancólica reunião ele foi representado, primeiro, pela figura do irmão de Sabininha, que chegou pisando leve, uma papelada debaixo do braço encantado, dando-lhe a notícia.

— Você tanto me levou a comícios… pois é, eu detestava! Mas acabei formado em praças e jardins. Tudo é vomitivo. Um mau gosto — ih! Fiz um plano de remodelação. Vejam aqui que amorecos de plantas! O prefeito aprovou… fui nomeado e vocês aguardem, que vou fazer coisas notáveis, notáveis. Vão-se os comícios, fiquem as praças.

Ninguém riu, apesar do uísque em que todos mergulhavam o pensamento cada vez mais sofrido e lúcido. Sebastião Horta apareceu. Aparentemente, ouvira a declaração do filho e estava encantado.

— Vocês já vão saindo — disse com acre amabilidade. — Sujeito como eu não se sente bem na… — procurava a palavra e não a achou. Malta Rau levantou-se, num

heroísmo vacilante. Todos o acompanharam. Sebastião Horta segurou o braço de Eudes.

— Você fica e meus filhos também.

Agora estava lépido. Parecia querer dar a melhor das notícias. Um longínquo sopro de ilusão política bafejou ainda Eudes Antunes.

Quando os outros saíram, Sebastião Horta quis falar qualquer coisa, mas explodiu numa gargalhada de fermentos bucais.

— O trato… era por sobre a *legalidade*. Eu sou o homem do respeito à lei. Depois, eu estava fazendo mal juízo, à toa, dos bichinhos…

Agora, olhava para os filhos com ternura inesperada. Voltou-se para Eudes e lhe deu um afetuoso safanão às costas, com tanta força que o moço oscilou.

— Vocês deram com os burros n'água, mas eu fiz um bom negócio. Ninguém me tira o faro…

E como Sabininha fizesse perguntas, ele encerrou o assunto e disse que tinha que ir para a cama, pois era o primeiro a chegar entre todos os operários.

⁂

Ela alcançou-lhe o braço, na rua. "Que braço tão danado de bom abraçador deve ser este." Apoiou-se nele, e deu ênfase ao próprio movimento. Andava só para subir e descer, roçar-se, ao contato daquele braço.

— Aqui entre nós — disse ela procurando espicaçar o orgulho de Eudes. — Se você fosse o chefe, as coisas não andariam tão más. Ele agora fala demais — e entrou fundo pelos olhos de Eudes.

O rapaz teve um repente de sobranceira fé partidária.

— Sabininha, Malta Rau é um grande homem. Um homem que o Brasil não merece. Ele tem razão. Se nosso movimento fosse na França, na Alemanha ou na Inglaterra…

Pararam à beira de uma corrente fresca, que vinha, intermitente, suspendendo de leve o vestido da moça e encrespando-lhe os cabelos (num documento histórico, estes detalhes podem ser considerados supérfluos, mas, infelizmente, acreditamos que eles poderão determinar a razão da última etapa do Partido Nacional da Náusea).

Eudes Antunes, naquele momento, sacudia já o velho corpo de Albion com a revelação de sua teoria. O chefe tinha razão. Há cem anos surgira o marxismo e nada mais de novo acontecera, fora o nauseísmo. Tudo de sério teria de vir da Europa. E era preciso não esquecer que a Inglaterra continuava a grande mestra política do liberalismo.

— Se nós tivéssemos algum dinheiro, pelo menos algum, para passar os primeiros meses na Inglaterra…

Em Londres, em qualquer jardim, Sabininha viu o piquenique que haviam deixado de lado, por muito interesse recíproco, e os dois, só os dois, e mais o cheiro da primavera, que aqui no Brasil não tem. Ela estava ali, procurando pesar em seu braço e ele nem compreendia a significação da sua presença.

— Está na hora de voltar para junto de seu pai. São cinco da madrugada e nada mais temos para conversar. Sem partido, sem dinheiro… Fomos vomitados, Sabininha. Por todo o mundo e, em particular, por seu pai.

— Eu por mim quero ajudar a causa. Tenho algumas economias. Estão à sua disposição… Se você quiser ir para Londres…

Ele sentiu tanta gratidão, que a beijou fraternalmente. Mas Sabininha o reteve. Deu um sentido todo pessoal àquele beijo e agarrou, enquanto ele durava, a visão de como se amariam à beira do Tamisa, atravessando a ponte de Waterloo ou ainda num canto qualquer de uma rua perdida, embaciada de neblina, de casas de tijolinhos e portas de madeira envernizada. Seria possível que no *fog* ele reparasse melhor. Ah, esses homens loucos por política!

Devem convir que esta explicação sobre o segundo imponderável é a mais lógica para a ida do chefe do antigo PNN e do teórico do partido à Europa. A outra, que circulou a respeito de dívidas e de batidas policiais, nada tem de verdadeira.

⁂

Os antigos líderes do PNN deixaram de ser notícia logo após a partida, quando foram fotografados no navio do Lloyd e tiveram legendas impiedosas: "Agora terão a náusea a bordo de um cargueiro". Os trinta e poucos nauseístas da reunião de Sabininha foram debandando. Na ausência de Malta Rau, o estudante Sócrates Bonfanti resolveu mandar rezar uma missa de ação de graças pelo aniversário do ex-chefe nacional e apareceram só cinco pessoas, incluído o próprio organizador da cerimônia.

Às vezes ele procurava Sabininha. Ficava inquieto pela falta de notícias do chefe. Decorridos dois meses, nenhuma carta vinha de Londres para ativar as fidelidades.

Sabininha também sentia saudades. Era cada vez mais o modelo da boa menina e o orgulho de Sebastião Horta. Tinha de dar tempo ao tempo para que o pai não impedisse seus planos. Agora, já podia pretender dar um giro pela Europa sem que ele se inquietasse. Durante a última visita de Sócrates, a moça disse com gravidade:

— Vou saber o que há e prestarei contas a vocês…

Sócrates sentiu o plural com um engrandecimento tamanho de sua pessoa, que se

viu esmagado. Jamais renegaria seu credo.

⁂

Chegada a Londres, Sabininha foi ao endereço que Eudes lhe dera: mas os dois se haviam mudado de hotel. Procurou a Embaixada Brasileira e nada. Perguntou a várias pessoas, em seu bom inglês, se os jornais não haviam dado alguma notícia sobre dois políticos brasileiros, assim, assim:

I beg your pardon?

Lembrou-se de que deveriam certamente estar em Hyde Park. E, durante alguns dias, varou por gente desinteressada dos passantes que lia o *Times*, confortavelmente, nos bancos, como se estivesse em casa, apesar da zoeira das crianças. Ouviu oradores. Um tinha um turbante enorme, era quase preto e falava contra a segregação racial. Outro, já velho, de calva vermelha, os raros e alvos cabelos esfiapados caídos sobre o largo colarinho, pregava sobre a invasão dos homens no terreno de Deus. Era contra o envio dos foguetes. Outro, ainda, dizia coisas terríveis a respeito do "humanocentrismo". "Por que seremos melhores do que os animais?" "Que valemos nós?"

Levou ela assim algum tempo, enquanto a primavera se ia adensando e os graves cheiros agrestes venciam os insuportáveis cheirinhos de lanches azedos e de marmitas dos infindáveis comedores do parque.

Depois, ela os viu. Seu coração bateu com tanto ímpeto, que reconheceu ser desgraçadamente, irremediavelmente, moça perdida de amores. Encostou-se a uma árvore. Queria fazer surpresa.

Malta Rau e Eudes confabulavam, tomavam suas posições contra o movimento do público, que vinha das bandas de lá, para a rua. Ali não poderiam deixar de ser vistos. Eles se ofereciam às multidões. Passavam moços de alegres paletós em xadrez, operários taciturnos, lindas enfermeiras, velhos que caminhavam com dignidade, embora atrasados dentro da rapidez geral. Velhas com mantas às costas, criadas carregando cestos de compras, pequenas ruivas umedecidas de orvalho primaveril, um ou outro sujeito de chapéu coco e colarinho duro e uma ou outra velha senhora de bengala.

Eles deveriam começar seu ato cívico. Atrás, era o relvado, como só existe na imaginação da gente e nos parques londrinos. Mas eles já não eram os dois líderes do glorioso PNN. Eram dois pobretões malvestidos, com cara de fome, com uma desagradável patina de gente pouco asseada, que sobressaía na pulcritude dos londrinos.

Eudes falava inglês com alguma facilidade:

— Venham, venham todos, senhoras e senhores. Este homem puro está fazendo um ato cívico. Ele porá para fora todas as coisas más que moram no coração humano: a falta de solidariedade, o espírito colonial — ah, o espírito colonial! —, a impiedade, que faz com que nesta terra um cristão morra de fome ao lado de outro, o orgulho, a incompreensão dos povos. Senhoras e senhores, atenção para o grande ato cívico!

Malta Rau baixou-se e conseguiu de sua boca funda, trazer, enfim, a mensagem da náusea. Depois, quase tão verde quanto as folhas do parque, encostou-se a um velho carvalho.

Era bem à vista de todos. Ninguém poderia deixar de, à frente de seu caminho, reparar naquele Malta Rau, outrora líder de um dos mais famosos partidos políticos do Brasil, ali mero vagabundo, vomitando as coisas tenebrosas que deveriam produzir a náusea dos ingleses. Ninguém poderia deixar de ver. Exceto um *gentleman*, que não se volta, jamais, para as inconveniências.

Mas, como todos os ingleses se prezam de o ser, pessoa alguma parou e viu.

⁂

E agora, lamentamos não prestar outras informações. Mas o que se segue já não toca mais à História do PNN. É assunto confidencial, entre Sabininha Horta e Eudes Antunes.

SOBRENATURAL

A MÃO DIREITA

A Narcelio de Queiroz

Agora que o sono pousou sobre sua testa, como aquelas benditas folhas de chicória com que sua mãe conjurava a dor de cabeça, você se sente um pouco refeito em suas ideias. Só em seu espírito. Tem a impressão de que o corpo cresceu, exorbitou-se além das próprias forças, nessa cama de hospital, e o espírito, dele desligado, lúcido, vigia e espreita a servente, aquela menina pálida, magricela, que se transformou em seu inimigo. É o seu contato com o mundo exterior: a servente. Já notou que ela tem horror a tocá-lo e faz prodígios para atendê-lo sem roçar a mão sequer pela atadura de seu braço amputado, sem esbarrar, nem de leve, em seu ombro. Você é capaz de jurar que essa sem-vergonhinha, depois de retirar a bacia, pousa-a depressa do chão, ao se ver livre no corredor, só para fazer o sinal da cruz. Quando vê a criada oscilante à sua frente, angustiada pelo problema de ter de atendê-lo, também sabe que estará fazendo duas figas atrás das costas. Mas agora, tendo tão difícil enfermeira, que vem unicamente às horas certas, você deverá manter, com a miserável cachorrinha branca assustada, um frágil diálogo. Depois do sono, só uma coisa lhe preocupa a mente:

— Você quer ver o que está dando aquela sombra, ali em cima?

— Que sombra?

— Aquela ali, como uma folha. Vê se me fecha a cortina.

— Pronto! Assim serve?

Você poderia dizer:

— Serve.

Mas, desde que voltou da operação, o escuro lhe traz pavor:

— Assim você escureceu demais.

A servente descerrou um pouco a cortina e o céu cinzento bem se imiscuiu por ali, tapado, impenetrável, agressivo, com cintilações metálicas. Você fechou os olhos, vencendo aquela onda de ódio contra a servente. Como a comadre mesquinha e faladeira, agora tece o possível diálogo entre ela e a outra empregada do mesmo andar:

— Comigo — azar não pega! Logo que soube que o dezessete tinha sido padre, tomei minhas providências.

E a companheira, com certeza, deveria afirmar:

— Gente assim, nem com gorjeta em cor de laranja. Mas qual é a sua *defesa*?

— Bem, eu me concentro, faço de conta que estou numa redoma, chamo três vezes pelo anjo da guarda.

E a outra:

— Por via das dúvidas, reze o Creio em Deus Padre. Lidar com excomungado é o pior que pode acontecer a quem trabalha, como nós.

Ah! Você vive num mundo que lhe volta as costas por intermédio dessa menina trapalhona. E até seu corpo crescido, impossível de ser totalmente subjugado pela força límpida do espírito, sente a ameaça dessa antipatia surda que deve vingar lá no corredor, quando outros doentes — você estará exagerando em seu pensamento? — pedirem para ser removidos.

— Aí tem um que foi padre. Quem está para se operar, seu doutor, fica supersticioso. Olhe, veja se me arranja um quartinho… no andar de cima!

Ah! Ninguém se compadece de você. Seu médico fica, afanoso e risonho, bem à porta, a espreitá-lo com fingida alegria, mas você, com sua acuidade, com essa sua inteligência a flutuar sobre todas as coisas, já percebeu o que há de falso nesse higiênico e escanhoado riso profissional do cirurgião. Todavia não estará sendo injusto? Sua mãe esteve aí. Aí mesmo nessa poltrona, encostada à parede onde aquela aflitiva sombra de folha palpitava ainda agora. Você a viu, miúda e tão seca, de cima da alta cama. Sentou-se, dura, afogueada, os olhinhos vermelhos de rato esperto, postos em sua face.

— Meu filho, tomei uma decisão… Você não estava em condições… Eu não sabia quando você poderia resolver… — E aquela mãe-coisinha o fulminou mais uma vez com suas palavras. Que poderosa senhora de sua vida foi essa mamãe pequenina e aparentemente tão desvalida! Você podia imaginar o que ela iria dizer. Mas assim mesmo um calafrio o apanhou dos pés à cabeça. — Meu filho, eu mandei enterrar… no jazigo da família. Custei a persuadir os médicos, mas afinal eu os convenci de que, para mim e para a família, você continuava um sacerdote e tenho fé que também para Deus. A mão de um padre não pode ser jogada fora, nem servir de experiências a estudantes. Meu filho, sua mão direita foi sepultada com rezas e toda a dignidade que requeria.

Você imaginou o pequeno cortejo, a preciosa caixa coberta de terra, a ligação subterrânea com os mortos da família.

Se não fosse tão macabro, poderia rir. Estava aí na cama e uma parte de seu corpo recebia as honras de um funeral. Talvez sua mãe derramasse lágrimas sobre aquela

mão para ela sagrada que um dia — havia dez anos — fora a primeira a beijar, quando você oficiara a primeira missa. E ela, hoje, não lhe pouparia nem este momento terrível de recordação.

— Meu filho, quando a enterramos e rezamos em sua intenção na capelinha da família, fiquei tão perto daquele dia de glória que vivemos, quando milhares de pessoas beijaram, e para ter indulgência, a sua mão, sua mão sagrada, sua mão santa! Essa mão, *eu*havia tornado santa, desde que o fizera estudar para padre. Essa mão que você impedira de continuar abençoando, exorcizando, afugentando os maus espíritos.

E sua pequenina mãe de coisa nenhuma abria a voz:

— Quando houve o desastre, meu filho… foi Deus. Ele quis reaver a preciosa mão de seu ministro, ninguém me tira isso da cabeça.

Nessa altura, você teve vontade de gritar, de pedir socorro, mandando expulsar aquela mulherzinha que vinha ali só para escarmentá-lo, tão impiedosa diante de seu sofrimento. Conteve-se a custo. Ninguém saberia até que ponto chegara a sua covardia, esse medo absurdo que se abatera sobre você como a primeira investida do fim. Estava muito tolhido e fraco para dizer tudo à sua mãe, mas, assim mesmo, saindo apenas daquele pavor imensurável, você murmurou:

— A culpada foi a senhora… que me obrigou.

Ela teve um risinho antipático e irritante, e nem sequer se comoveu com sua queixa. Você prosseguia pensando e por dentro se queixando dela, mas ou ela não estava alcançando o horror de sua mutilação, ou fingia não alcançar.

— Afinal, você está ficando bom e continuará como queria, como professor de línguas. Para isso, a esquerda serve, você, desde menino…

Por que escolhera, entre tantos filhos, a você? Por que dizia, quando as crianças entravam na sala, puxando por sua mão:

— Este aqui vai arranjar para nós um cantinho no céu. Olhe que mãos ele tem! Não parecem de anjo? Eu sei que este tem vocação: este vai ser padre. Antes de me casar, já dizia que um dia daria um filho a Nosso Senhor…

E, felizmente, sua mãe se fora. Você ficara aí, os olhos semicerrados, não de fraqueza, mas evitando o choque que haveria de ter se avistasse aquela folha que se agita, sombria, na parede, as cinco pontas ondulando em seus movimentos, espichando-se, encolhendo-se, semelhando ora uma aranha, ora um lenço agitado numa despedida. E aquela mancha ali, como que lhe transmitia sugestões, impunha rumo aos seus pensamentos.

— Foi ela sempre a culpada. Eu dizia "Mamãe, já vi que não tenho vocação".

— Não crê em Deus, meu filho?

— Sim, minha mãe.

— Não crê na Santa Madre Igreja?

— Sim, minha mãe.

Como explicar a essa mulherzinha obstinada que você era um homem do mundo, do mundo dos homens? Você já era o padrezinho da família antes mesmo de ter professado. Seus irmãos não pilheriavam em sua frente. Quanto a namoros, a histórias de mulher — quem se atreveria a tal? Na sua solidão de covarde, você sabia que aquele caminho não era o seu. E você se surpreendia, à hora dos ofícios religiosos, com vadios pensamentos mundanos e inteiramente desprovidos do sentido daqueles instantes. Mas sua natureza amedrontada dava uma aparência de tal disciplina que, no seminário, seus mestres nunca notaram o engano. E talvez você desse um sacerdote burocrata, um professor de colégio que, por acaso, veste batina, em nada místico, em coisa alguma interessado na propagação da fé e nos mistérios, mas que vai ao fim de sua vida sem causar escândalo, se não esbarrar com uma prova real para sua vocação.

Você imaginou aquele manso refúgio do seminário nos primeiros anos, e depois, quando você gastava a sua energia e os últimos lampejos de interesse como professor da bárbara meninada. De longe em longe, você aparecia em casa e, só então, bem se sentia um padre. Abençoava, batizava, casava, debaixo daquela espessa atmosfera de fé.

Todos aqueles que o olhavam devotamente haviam beijado a sua mão: os pais, os irmãos, os empregados, e mais os amigos e vizinhos. Você se sentia ninguém. No entanto, eles o contemplavam com absurda reverência.

Você não pode abrir os olhos, que a maldita mancha esvoaçante lá está. De súbito, uma dor aguda o colheu. Sua mão direita, a inexistente, a morta, sepultada, começa a doer e a latejar. Já o informaram sobre essas sensações ilusórias. Você bem sabe que perdeu a sua mão. E, no entanto, ela lhe dói. Você desejaria até mover os dedos, pendurar o braço, a fim de que essas fulgurantes câimbras pudessem passar. Você chamará a servente? Não. Você ia chamá-la, mas, de súbito, a sombra movimentou-se. Você a vê como através de leve palpitação. Nessa atordoante atmosfera, a mancha cria relevo. Engrossa, toma corpo e, enquanto lá fora o céu escurece rapidamente, cá dentro ela clareia e se destaca. A tremulante parede, ali entumecida, a expele por inteiro.

— Deus do Céu, já não é uma folha!

E não se movimenta de maneira incerta, como ao acaso. Enrijece-se e faz — Nossa Senhora! — um sinal, um gesto, como o esboço de um cumprimento. Você disse um gesto, sim, ou, por outra, você pensou que aquele movimento significasse um gesto. Desde que você pediu à servente para cerrar a cortina, que você teme que aquilo ali, aquele ponto antes sombrio, agora luminoso, seja um espectro, o espectro de sua mão direita.

Você procurará relembrar todas as teorias a respeito da alma, inatingível no corpo

ferido ou mutilado, mas você também recordará as pessoas que lhe beijavam a mão direita, as vezes que ela abençoou, as elipses que descrevia na liturgia da missa, aqueles sinais que dirigiam os fiéis, a sua misteriosa parte na transmutação do vinho em sangue e da hóstia em carne. E você teme a sua mão, a mão mais forte do que você, a mão sagrada que Deus procurou reaver quando o impeliu ao desastre, essa mão que sua mãe fez enterrar como a única parte venerada do corpo de seu filho — a mão de sacerdote de um homem que já não era padre.

Sim, ela está ali, opalescente. Traça para você um sinal amistoso. Você poderá chamar a enfermeira, chamar o médico, você está delirando e eles farão com que acorde do delírio, mas você terá que confessar a sua vergonha, terá que dizer que está com medo de sua própria mão defunta. E eis que ela se põe a falar, com fala parecida com a de seu pequenino sacristão, porém desmaterializada e meio ciciante, como voz ao telefone:

— Louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo!

— Você não me pode impressionar, ainda que use essas palavras de paz. Você está morta, enterrada.

— Mas sou parte viva de você e ainda agora me sentiu bem viva. Eu ainda estou tão ligada a você, que me posso fazer lembrar por essa dor atordoante que você sentiu. Eu sou a sua santa mão direita.

— Você não pode ser santa. Desde que renunciei… você me acompanhou. Em todos os meus pecados, também você foi a minha mão direita.

— Foi por isso que Deus me poupou. Exatamente como sua mãe disse.

— *Vade retro*. Você é um sonho, é um delírio…

— Você tem provas de que eu não sou nem sonho, nem delírio. Você jamais conseguiu que eu participasse de sua abjeção. Pensar que eu pertencia um homenzinho tão miúdo e que Deus me fez capaz de tantos prodígios! A minha bênção curou muita gente, você sabe disso. E pacificou também muita gente, você também sabe disso.

E a falazinha sibilava terrivelmente.

Você fecha os olhos para que a visão desapareça, mas agora ela se transforma, está cada vez mais cintilante, pura e cintilante como pomba ao sol.

— Houve o dia em que você espantou a morte apenas com meu sinal, e houve aquele outro dia em que você conjurou o próprio Demônio. Bastou que você tocasse com meus dedos a fronte do menino possesso.

Lá estava ela, a intemerata, tão radiosa, aquela que fora além de sua fraqueza, da covardia. Durante tantos anos ela ministrara os sacramentos!

— Você se esqueceu de mim. Você pensou que pudesse viver liberto do prodígio de sua mão, você, homenzinho pequenino, por mero acaso, associado à grandeza.

— Maníaca! Louca!

— Estamos sozinhos, boiando no imenso segredo de Deus. Você se esqueceu de sua mão direita por uma mulher. Você, homenzinho, renunciou a seu sacerdócio por uma mulher.

— Se nós estamos conversando dentro do sopro do segredo de Deus, Ele sabe que eu não tenho nenhuma culpa e que a escolha não foi minha. Minha mãe é a culpada!

E, de repente, na parede, a visão se encolheu como rosa pudica, não desabrochada.

— Você me levou a abraçá-la, a percorrer seus ombros, a descer naquela colina branquicenta que o enfeitiçava, a escravizar-me naquele nojento passeio de pecado! Desde que você está vivendo um segredo, de que ninguém mais participará, vou lhe contar alguma coisa que nem ela mesma dirá a ninguém: as carícias, as carícias que você me fez fazer, nela queimavam depois como o fogo do inferno. Seu ombro ficou com se fosse crestado, e ela subiu o decote, ocultou os vergões no pescoço, sabendo que aquelas eram as marcas vivas da sua profanação. Ainda que eu não fosse morta, você jamais tocaria em outra mulher depois do que soube, pois seus carinhos a contaminariam de maldição também física.

— Você diz que é santa e me faz este terror, este flagelo. Você não é a minha mão, você é a mão… *Vade retro*!

— Sabe que não. Mas também sou terrível quando marco alguém com meu sinal.

E, de súbito, houve novamente aquela dor agudíssima, dilacerante, e você sentiu queimar a ponta dos dedos da sua decepada mão direita. No paroxismo dessa dor desesperada, esfumou-se o espectro. Tudo ficou como dantes e você pôde observar a parede lisa e sombria. Agora, uma onda sanguínea parece refluir sobre seu coração, ameaçando-o de uma sorte de afogamento. Tateou o botão da campainha, dominando a esquerda, uma, duas, três vezes. E quando a servente chegou, você conseguiu dizer:

— Chame a enfermeira! Estou muito mal.

A mocinha que avançara cautelosa — mas não tão perto de você, não tão perto — correu pelo corredor e, em breve, a enfermeira chegou, o médico veio, formas brancas turbilhonaram ao redor de sua cama, picaram-no de injeções, você se sentiu mover dócil por entre mãos e cuidados, antes de naufragar num torpor meio doce. Houve um salto qualquer sobre o tempo. Já não era mais escuro, era dia, e você desejou ardentemente qualquer coisa como um perdão, qualquer coisa como um regaço, e seu desesperado pensamento procurava *atingi-lo*.

Você já não podia falar, nem podia mover-se. Seus olhos fitavam a parede clara, desesperadamente igual. Nada, nem um sinal. Não havia o mais leve indício de sombras. Seus olhos abertos, aflitos, esperavam, porém. Esperaram até que ela se estampasse ali e que tomasse, enfim, aquele sentido, aquela direção que você renegou. Na nudez da parede a mão floresceu, afinal. Houve a exígua viagem para baixo, para a

esquerda, para a direita de um gesto de absolvição. E você cerrou os olhos para dormir.

Caiu a calma, veio o tempo. A servente deslizou pelo quarto. De-repente, olhou para a parede, invadida pela claridade do meio dia, lembrou-se de cerrar a cortina. Mas inquiriu seu rosto com os olhos. E você estava tão profundamente sereno que, desta vez — só desta vez — ela não sentiu nenhum medo.

Dinah Silveira de Queiroz (1911-82) foi uma romancista, contista e cronista brasileira. Segunda mulher a ocupar uma cadeira na ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS e primeira a receber o PRÊMIO MACHADO DE ASSIS pelo conjunto de sua obra, é considerada uma das pioneiras da ficção científica brasileira, publicando dois livros de contos, *Eles herdarão a Terra* (1960) e *Comba Malina* (1969), como parte da GERAÇÃO GRD.

Copyright © 1960 by Dinah Silveira de Queiroz
Copyright do prefácio © 2019 by Ana Rüsche

Coordenação editorial: André Caniato
Preparação: André Caniato e Roberto Fideli
Design de capa: Paula Cruz
Projeto gráfico: Paula Cruz e André Caniato
Produção de e-book: André Caniato

1ª edição eletrônica, 2019, v. 1

Revisado conforme o Acordo Ortográfico de 1990, em vigor no Brasil desde janeiro de 2009.

Dados de Catalogação na Fonte (CIP)

Queiroz, Dinah Silveira de
Q42e Eles herdarão a Terra. [livro eletrônico]./ Dinah Silveira de Queiroz. Pontes Gestal, SP: Plutão Livros, 2019.

580 kb
ISBN 978-85-54350-06-2

1. Literatura Brasileira. 2. Ficção Científica. I. Título.

CDD 869.93

PLUTÃO LIVROS
Pontes Gestal — SP
www.plutaolivros.com.br
plutao@plutaolivros.com.br
[2019]

Este e-book foi herdado em dezembro de 2019 pela Plutão Livros.
40 000 palavras
FONTE Crimson Text, Fugue Head e IBM Plex Mono
SOFTWARE Libre Office, Sigil e calibre